



2016

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO



VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXI – N.º 1393 • 1 de JUNHO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC



Louvor e parabéns ao Jornal "A Voz de Melgaço"



"A Voz de Melgaço" faz setenta anos,
Um jornal que merece bom respeito
É um jornal deveras tão bem feito
Que para todo o sempre o recordamos!

É um jornal que muito admiramos,
Lemos fio a pavio a preceito,
Leitor assíduo, este conceito,
É toda a melhor nota que lhe damos...

Família Vaz dirige o jornal,
Que, além do mais, é sacerdotal
E prega os mandamentos do SENHOR!

Em política, acolhe bem consensos
Os seus artigos são nobres e densos
Exaltam Portugal e seu valor!

Nuno de Santa Maria Pascoal
Junho 2016



Os nossos 70 Anos:
textos vários
págs. 4, 7, 13, 15, 17, 31, 32

E se Cevide tivesse sido
um lugar de culto?
pág. 3

Transportadora
Melgacense precisa
de mais espaço
para crescer e
que as políticas
governamentais olhem
para os preços dos
combustíveis
pág. 9

Executivo visita Fiães
pág. 18

Empresárias
Melgacenses investem
também em Monção
pág. 21

A casa da minha vida,
no lugar de Pereiral,
Parada do Monte
pág. 26

Noite de Gala Solidária
com a Santa Casa da
Misericórdia de Melgaço
pág. 28

Feira do Maleteiro no
terceiro domingo de
cada mês
pág. 35

Viagens ao Irão e à
Terra Santa
págs. 34 e 36

Unidade de Cuidados Continuados abre em breve



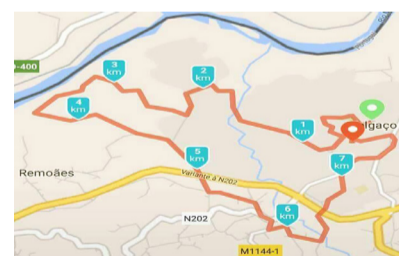
O Ciclo da Flor

pág. 10 e 11



Corrida Solidária

pág. 25



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para
tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas
por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante,
regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:
Doutor José António Marques Magalhães
ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA
UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



Quartas-feiras, de quinze em quinze dias:
Rua de Santiago, 51 | MELGAÇO | Tel.: 251 404 002

Ansiedade face a provas de avaliação

Aproxima-se, no que ao calendário escolar se refere, a fase dos exames nacionais, testes intermédios e outras provas de avaliação, de carácter nacional e uniforme.

Para muitas crianças e adolescentes, esta fase de avaliação é vivida com um nível de ansiedade, que interfere, negativamente, quer com o seu funcionamento quotidiano global, quer com o seu desempenho na(s) prova(s). Nestes casos, a intervenção psicológica pode ser benéfica, de modo a promover o desenvolvimento de estratégias cognitivo-comportamentais de gestão da ansiedade e de confronto com o estímulo/situação ansiogénica.

Em casa, algumas estratégias podem ser implementadas pelos pais, como por exemplo:

– Afixar um calendário, marcando de modo colorido, os dias e horários das provas de avaliação.

– Iniciar a preparação para as provas com antecedência, evitando o estudo e preparação “em cima do joelho”, fator condicionante, por si só, de ansiedade desnecessária.

– Estabelecer horários de estudo fixos, diários, com antecedência também, como tempo de preparação para as provas. Poderá ser benéfica a elaboração de um horário pessoal semanal, em que este tempo esteja definido, bem como os tempos devidos para o lazer (desporto, estar com os amigos, ler, ver TV, ir ao cinema, etc), para o auxílio em tarefas domésticas e para as demais tarefas individuais quoti-

dianas. Aprender a gerir o tempo é uma das competências de vida mais importantes.

– Assegurar que a criança/adolescente dorme o necessário para a idade/perfil individual. Entre os 6 e os 10 anos o tempo de sono deve ter a duração entre 9h a 12h; entre os 10 e os 16 anos este tempo deve rondar as 8h/9h, e, entre os 16 e os 20 anos, o período de 7h a 8h.

– Para cada sessão de estudo diário, o aluno deve estabelecer, porventura escrevendo, os objetivos a cumprir (exercícios a fazer, páginas a estudar, conteúdos a rever). No final, deverá auto-avaliar o cumprimento desses objetivos, explorando, em caso de incumprimento, os motivos para tal.

– Realizar pausas no estudo (em crianças mais novas a cada 45 minutos; em adolescentes a cada 1h).

– O local de estudo deve estar isento de distratores externos (brinquedos, jogos, consolas, telemóveis, etc), bem iluminado e com todos os materiais à disposição.

– Organizar, para cada disciplina alvo de prova de avaliação, os objetivos a estudar, os conteúdos previstos.

– Transmitir a noção à criança/adolescente que, quanto mais atempado e eficaz for o estudo para o exame, menor será a ansiedade por dúvida quanto ao nível de preparação para o exame.

– Encontrar modelos das provas de avaliação a realizar, implementados em anos anteriores e promover situações de treino, com os mesmos tempos previstos.

– Listar, com a criança/adolescente, todos momentos de avaliação em que já foi bem sucedido (por bem sucedido entendendo-se o alcançar de um objetivo pré-estabelecido, após empenho e esforço para o mesmo, e não necessariamente apenas uma classificação percentual alta), reforçando a sua auto-confiança.

– Conversar com a criança/adolescente sobre as suas características positivas, as suas qualidades, as suas competências, clarificando áreas de funcionamento em que seja hábil, autónomo e responsável.

– Incrementar a prática de atividade física, encontrando momentos em que a mesma possa ser partilhada entre pais e filhos, como caminhadas, bicicleta. Está demonstrado o efeito benéfico que a prática do exercício físico aeróbio tem nas competências de gestão da ansiedade.

– Demonstrar disponibilidade e tranquilidade sempre que a criança/adolescente necessitar de falar sobre a sua ansiedade, transmitindo compreensão, apoio, mas, em simultâneo, confiança de que vai ser capaz de gerir a sua ansiedade.

– Enquanto pai/mãe/educador, dedicar particular atenção à vivência das próprias ansiedades, consciencializando-se que a forma como lida com as mesmas é percebida, e porventura assimilada, pela criança/adolescente, através de um processo denominado aprendizagem por modelagem.

Sónia Vaz

Meus Parabéns

“Não poderia deixar de me associar ao jornal “A VOZ de Melgaço”, neste momento, em que assinala 70 anos de vida, dando-lhe os meus parabéns. É com grande satisfação e enorme reconhecimento que cumprimento, neste momento festivo, o Director de “A Voz de Melgaço”, o seu corpo redactorial, os seus colaboradores e, naturalmente, os seus leitores, pois, só esta simbiose entre todos tem tornado possível tão grande longevidade.

No tempo do fútil, do efémero e do volátil, a “A Voz de Melgaço” tem demonstrado uma resiliência a toda a prova, tendo sido capaz de manter, continuamente, a sua qualidade gráfica e editorial em níveis de excelência, o que constitui um sinal de enorme respeito e de compromisso com os seus leitores, em cada edição.

Por outro lado, indiscutivelmente, a “A Voz de Melgaço” é um símbolo de Melgaço, já faz parte da sua História, e, para os melgacenses, residam

estes, em Melgaço, em Portugal ou no Mundo, tem sido capaz de ser a sua voz e, para muitos dos nossos emigrantes, um “pedacinho do nosso Melgaço” que os tem ajudado a matar saudades da nossa Terra.

Por tudo isso, desejo que o jornal “A Voz de Melgaço” continue por muitos anos fazendo parte da vida do concelho de Melgaço que tanto amamos. Parabéns e muito sucesso!”

Grande Abraço e Parabéns.
Manuel Fernandes

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
Pe. Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;

4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Candeias Artes Gráficas
Rua Conselheiro Lobato, 179
4705-089 BRAGA

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E

EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

A Voz de Melgaço

ESTATUTO EDITORIAL

1º – «A VOZ DE MELGAÇO» é um jornal mensal de informação geral, mas dando primazia à informação local.

2º – A empresa «Jornal A Voz de Melgaço, Lda.» é a sua proprietária.

3º – «A Voz de Melgaço» é um jornal de inspiração cristã e independente de quaisquer forças económicas, ideológicas e políticas.

4º – É um jornal de Melgaço e para a gente de Melgaço.

5º – É um jornal aberto a todos os que nele queiram participar, tendo como parâmetros de orientação o respeito mútuo pelas ideias de cada um, com ampla liberdade de opinião e expressão, sempre com o desejo de construir e na observância dos princípios de sadia convivência consagrados na Constituição da República e na Carta dos Direitos Humanos.

6º – Tem como especial objectivo ser elo de ligação entre os melgacenses, quer residentes na terra natal, quer espelhados pelo País e pelo estrangeiro. Quer ser para todos, como o afirmou no número inicial: «uma carta de amor, levando saudades e trazendo suspiros que nem a distância nem o tempo abafam».

7º – «Embora de informação geral, do país e do estrangeiro, a primazia vai para os assuntos da terra. “O noticiário de Melgaço” ocupa o primeiro lugar.

8º – «A Voz de Melgaço» assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas assim como pela boa fé dos leitores.

Terá sido Cevide "um lugar de culto"? Mário Monteiro quer descobrir quanto de verdadeiro há no conto de António Pacheco Costa

"Houve em tempos numa aldeia, na pequeníssima aldeia de Cevide, ponto mais setentrional de Portugal, um bar, também ele pequeníssimo. Mal abriu, logo declarou insolvência".

É com este apontamento insolito que António Pedro Neves Pacheco Costa inicia o conto "Lugar de Culto", que conquistou o terceiro lugar do Prémio "Jovens Talentos" de 2015, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho).

A história parte para uma narrativa ficcionada, um diálogo entre duas personagens improváveis, mas o conto pontua-se de algumas descrições que não passaram indiferentes a Mário Monteiro, natural de Cevide. Vejamos:

"Espante-se o leitor, tratava-se de uma antiquíssima igreja visigótica subterrânea, despojada de símbolos, datada do tempo em que esse povo germânico se convertera ao cristianismo, por sua vez erigida, numa sobreposição de cultos – física e ideológica – sobre as ruínas de um templo romano dedicado a Mercúrio".

Tal apontamento poderia ser apenas um apontamento enriquecedor da narrativa, mas o cevidense intrigou-se com algumas semelhanças entre as descrições e algumas particulari-



dades da casa de família, a Casa da Netinha, cujas dimensões do edificado são já motivo suficiente para o actual proprietário querer saber mais sobre a casa onde cresceu.

"Tudo isto me veio levantar uma série de interrogações e de dúvidas, porque muita coisa faz sentido", confessa Mário Monteiro. "Não descansei enquanto não falei com o autor".

No entanto, o autor não tinha nada de extraordinário para lhe revelar, já que a pesquisa teria sido feita por um colega, mas a dúvida estava lançada e Mário Monteiro começou a olhar com outro interesse para os alçapões da casa.

Aquilo que à primeira observação nada tinha de místico, já que

os alçapões eram tidos apenas como aberturas para os alicerces e piso inferior da casa onde outrora o seu avô, que tinha uma loja, escondia dos Fiscais o livro das contas e as mercadorias, ganhavam agora outro sentido.

Entre os alçapões e reentrâncias, Mário Monteiro ia descobrindo de novo um espaço que até aí conhecia bem.

Mas, e se aquela "antiquíssima igreja visigótica subterrânea", transformada em bar de uma só noite no conto ficcionado, fosse mais do que uma liberdade criativa?

Estimulado pelas semelhanças do "desenho", Mário Monteiro começou a cavar sob o sobrado da casa, e não lhe foi difícil encontrar os primeiros sinais para continuar a pesquisa.

Os degraus toscos, que no conto dão acesso ao templo/bar visigótico, foram descobertos a menos de um metro de escavação. Será mais do que uma coincidência...

"Fico na dúvida sobre o templo visigótico. Não sei se seria parte da casa primitiva, porque entretanto a casa foi reconstruída e o templo poderia ter ficado soterrado, se existiu, com as obras da casa", sugere.

"Já comecei a escavar, as escadinhas aparecem, a terra está mole, mas não sei o que diga. Estamos a escavar com cuidado", nota.

Um templo? Um bar? "Alguma coisa se passava com aquela gente", atira Mário Monteiro, que se questiona sobre a localização de uma

propriedade daquela dimensão num lugar tão inóspito.

"Há alguma mística, na história desta casa. Temos de ver que foi construída num tempo em que não havia estrada para Cevide, não era fácil chegar aqui. Porque é que alguém faz uma casa destas num sítio como este?"

Nesta sucessão de questões, o proprietário da Casa da Netinha vai pesquisando sobre Cevide, a casa que agora é sua, mas que vai descobrindo a cada dia. E até debaixo do chão surgem mais interrogações. Onde darão as escadas que descobriu sob o sobrado de madeira? Porque terão estado tantos anos cobertas por terra?

João Martinho





Na
Esthetic Smile

**Ao fazer seu implante com Cirurgia Guiada
receba um sistema de higiene oral:
IRRIGADOR WATERFLOSSER**


=



MEDICINA DENTÁRIA
Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (Toxina Botulínica e AC. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais




+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço


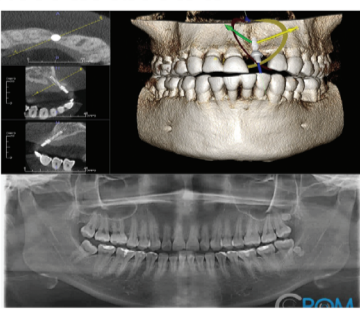
Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço>






2016
Ano de Prevenção
e Rastreio

**Durante todo o ano de 2016
Preços especiais em
Radiodiagnóstico na
Esthetic Smile**

MEDICINA DENTÁRIA
Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (Toxina Botulínica e AC. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais



+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço>

TERMINOLOGIA DA IGREJA

A minha ignorância

Nota prévia - Acabei de ler no seu último número, que o jornal *A Voz de Melgaço* vai atingir a bonita idade de setenta 70 anos, sendo um pouco mais velho, por conseguinte, do que o autor destas linhas.

Foi há cerca de três anos, após um passeio, com os amigos Fernando Vaz, Júlio Domingues e Jorge Nande, ao Marco de Fronteira nº 1, sito em Cevide, Melgaço, que fui convidado a escrever um texto para ser aqui publicado, do qual, jornal, até então, apenas tinha folheado dois ou três exemplares.

O certo é que me aventurei com esse escrito e, a partir de então, tornei-me seu leitor assíduo, assinante e ocasional colaborador.

Assim sendo, felicito *A Voz de Melgaço* e o seu Ex^o Director, o meu estimado amigo Padre Doutor Carlos Nuno Salgado Vaz, o qual, como sabe, dentro de inevitável evento, deu-me, em tempo certo, imenso apoio afectivo e inesquecível conforto católico *post mortem* à minha Mãe.

Por tudo isso, desejo-lhes longa e profícua vida.

* * *

A terminologia da Igreja e a minha actual ignorância

Aqui há tempos, na apresentação de um Livro sobre a Sé de Braga, numa Capela da própria Sé, o Cónego Doutor José Marques, entre outros ensinamentos, sublinhou que na gíria comum da Igreja se cometem erros, uns por vezes desculpáveis, outros não. E deu como exemplo, o facto de frequentemente se dizer "Arcebispo Primaz de Braga", esclarecendo que se deve utilizar preferencialmente o título de "Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas".

Tomei nota, conclui que "Arcebispo de Braga" deve significar "Chefe da Igreja e Arquidiocese de Braga", mas quanto a "Primaz das Espanhas", fiquei sem saber o seu exacto significado, ou seja, se é o "Primeiro das Espanhas" e, nesse caso, "Primeiro" em que sentido e "de que Espanhas"!

Confesso que outros afazeres e a minha preguiça deixaram-me na ignorância e, só agora, ao escrever este texto, resolvi ler mais alguma coisa sobre o tema, o qual não é assim de tão fácil compreensão quanto desejaria.

Entretanto, pus-me a pen-

sar quantos termos correntes da Igreja me deixam dúvidas, no que concerne ao seu sentido e alcance. Não os que se relacionam com o *Mistério da Fé*, os quais nem sequer me atrevo a questionar, mas aqueles cujo uso é mais frequente.

Logo para começar e para estabelecer fronteiras, diria que "Igreja" e "Padre" têm significados tão amplos e abrangentes que neles cabe quase tudo o que se relaciona com a Religião Católica.

Por exemplo, Igreja, num sentido mais curto, talvez signifique o lugar onde se pratica o culto, mas também nele pode caber da mais recôndita capela à Santa Sé. Acontece que, para além dessa Igreja, temos as alminhas, as capelas, as sés e seus cabidos, as catedrais, os santuários, as ermidas, os oráculos, etc. Até temos capelas nas igrejas e nas sés. Onde começa e acaba o significado de capela quando confrontado com o de igreja e o de igreja em relação às sés. E a diferença entre Sé e Catedral? E porque é que se diz Santa Sé e não Santa Catedral?

Prosseguindo, temos o padre, que pode ir do titular da igreja da nossa aldeia ao Chefe da Igreja Católica. Mas temos também o diácono, o pároco, o abade, o cura (nome espanhol, mas muito utilizado em terras raianas), o capelão, o arcepreste, o presbítero, o reitor, o deão, o monsenhor, o cónego, o teólogo, o bispo, o arcebispo, o núncio, o patriarca, etc. Papa é fácil, todos sabemos que é o Chefe da Igreja Católica e o representante de Deus na Terra, mas será assim, ou vice-versa? Tudo demasiados nomes e títulos, sem que eu perceba com exactidão a sua conexão e hierarquia. Claro que todos sabemos que bispo é mais do que padre, mas quanto ao resto?

E depois, a paróquia, que até ao nosso liberalismo serviu como divisão administrativa, para além da eclesiástica, e nessa sede ainda hoje se mantém em Espanha, por exemplo. Acima da paróquia temos a diocese, o patriarcado e por aí adiante.

Mais interessante e que ainda hoje não consigo perceber, é a diferença entre Mosteiro e Convento. Ao longo dos tempos, convenci-me de que o Mosteiro se situava em terras rurais e o Convento em zonas mais urbanas. E que o Mosteiro, pelo menos os mais importantes, era habitualmente sede de

um Couto, destinando-se a ser habitado por frades. Já o Convento destinava-se às freiras, das quais a mais poderosa será a abadessa. Quanto mais leio, mais me confundo e, por isso, pergunto: será mesmo assim?

Enfim, temos palavras de origem latina (*conventus* ...) e outras, talvez, com etimologia grega (patriarcado?).

Recordo-me, quando era miúdo, há mais de sessenta anos, de ter frequentado as aulas de catequese do Padre Luís Abreu e Melo e do Padre António Marques, em Monção, mas então era muito cedo para me surgirem estas dúvidas. E quando já era adolescente, nas aulas de Religião e Moral do Liceu Nacional Sá de Miranda, em Braga, os temas abordados eram bem mais profundos, sobretudo quando o professor era capaz. Recordo-me do Padre Alberto Azevedo, que foi meu professor, homem da Igreja polémico, mas pedagogo interessado, que gostava sempre de reencontrar os antigos alunos.

Resta-me concluir, reafirmando que estas são dúvidas terrenas que só me surgiram recentemente, de respostas aparentemente fáceis, indesculpáveis para um leigo, mas para as quais, consultando dicionários, não encontro respostas adequadas.

Escrevo conforme aprendi.

Braga, 10 de Maio de 2016

José António Barreto Nunes

NR: Obrigado pelas dúvidas manifestadas. Em próximas edições procuraremos esclarecê-las.

Crónicas do Delfim

Olho para a tua fotografia e tenho memórias. Um misto delas e bem contraditórias, por sinal.

Recordações dos belíssimos momentos que passamos e vivemos juntos... memórias.

Melancolia quando fecho os olhos e oiço a tua voz tão perto, tão perto... memórias.

Flexibilidade cada vez que estávamos juntos... memórias.

Paciência para aturar as tuas atitudes mais insólitas, mais invulgares... memórias.

Desvanecio da minha pessoa ao ter-se envolvido com a tua pessoa... memórias.

Vazio porque terminámos muito antes do que eu pensava mas começamos ainda mais cedo... memórias.

Compreensão para a tua pessoa tão complexa e básica simultaneamente... memórias.

Pensar que uníamos o meu pensamento ao teu e se dava uma fusão imensa, única, só nossa... memórias.

Imprevisto quando me aparecias com um lindíssimo ramo de rosas vermelhas...memórias.

Lindo quando sorrias com uma mistura de criança-homem, sorriso envolvente...memórias.

Entendimento é uma palavra do passado, no presente nada disso existe... memórias.

Noção do que era a nossa relação e a realidade e o teatro que a envolvia, nunca a tiveste... memórias.

Nostalgia dos momentos em, que me tornavas princesa, simplesmente porque num passo de magia tinhas-te transformado no príncipe... memórias.

Pesar porque um dia foste príncipe, hoje és sapo... memórias.

Mágoa por se ter permitido que me seduzisses e arrebatas... memórias.

Discernimento para me afastar da tua pessoa e de toda a inércia e futilidade que te rodeia... memórias.

Já reparaste que tudo se resume a memórias, quando o assunto somos nós os dois? E sabes porquê? Calculo que não!

Porque enquanto fomos nós, eu quis que tu fosses a minha memória.

Já tu quiseste ficar na minha memória.

Faz toda a diferença e o resultado é visível... memórias.

Eu... Tu... memórias.

Um triângulo amoroso de difícil resolução.

Ana Borges

Nos 70 Anos de "A Voz de Melgaço"

Ligando a televisão ou lendo as primeiras páginas de um jornal diário temos acesso ao que se passa nas grandes cidades e as regiões mais pequenas são, muitas vezes, notícia pelo que de mal ou criminoso vai acontecendo por lá.

A minha terra natal, Melgaço, felizmente é uma terra pacata e para algumas pessoas tem vindo a ser colocada no mapa pela redescoberta deste cantinho, à beira rio plantado, na divulgação de festas e romarias feitas pela televisão.

Os jornais regionais como a voz de Melgaço que, de uma forma assídua, divulga há 70 anos o que se passa na minha terra, ocupam um lugar na imprensa insubstituível. Apesar de ser mais jovem que o jornal, desde muito cedo me habituei a conviver com as notícias por ele veiculadas, pois o meu saudoso pai não abdicava deste jornal em sua casa.

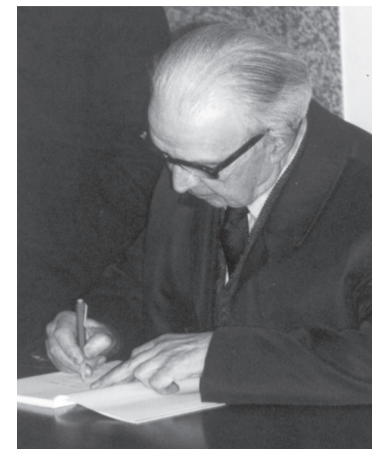
Só há cerca de 7 anos me tornei sua assinante e, no início de cada mês, tenho acesso a esse olhar atento sobre Melgaço. A emoção de ver e sentir de perto o que lá se passa apesar de ser uma migrante deslocada no país, leva-me a imaginar o sentir dos nossos emigrantes ao ler as notícias levadas para esse mundo fora. A alegria em receber notícias da terra mostra bem as saudades que um jornal pode estreitar.

Teresa Tábuas

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo III

Cavaleiro Audaz em luta pela sua Dama...



O fulcro da resistência católica estava no programa do Concílio Tridentino. Importava agora que os monarcas lhe dessem execução, já que deles se fiava, em grande parte, o êxito da empresa.

A Cúria Romana, os Bispos, belas equipas de sacerdotes uniram-se em bloco para realizar o ideal do Concílio. A reforma, no entanto, seria menos pronta e eficaz sem o auxílio dos reis. E, de resto, não era a eles que se ficara devendo, em grande parte, o alastrar da heresia? Não foram as dúvidas de Carlos V, houvera mão enérgica, vista rápida, disposições fulminantes e não teríamos hoje a lamentar a divisão que esfacela o continente.

Se a França não ajudasse os protestantes e os turcos, se não se digladiasse em lutas intestinas e antes fomentasse a união de todos os franceses, não seria possível a guerra dos Trinta Anos, nem teríamos a chorar a divisão profunda que ainda hoje põe de frente os dois grandes países da Europa.

Para abater a hegemonia espanhola, usou de actos em extremo funestos para a civilização e a cultura ocidentais.

A experiência mostrou, de resto, que nos países onde os monarcas quiseram de verdade enfrentar o erro, este bateu em retirada e a civilização católica salvou-se.

A Polónia, a Hungria, a Baviera, os países da Alemanha do Sul, a França depois da revogação do Édito de Nantes, a Espanha e Portugal revelam, à saciedade, quanto importava a ajuda eficaz do governo de cada país.

Roma insistia, a cada passo, no auxílio real, eficiente, ao Concílio de Trento, que fora posto em vigor com plena visão dos problemas.

No entanto, houve países onde as resistências dificultaram ao máximo o objectivo pontifício. A Espanha aceitou o Concílio em tudo aquilo que se não opusesse aos direitos da coroa. A terra de S. Luís e de Santa Joana d'Arc não teve pressa, durante anos consecutivos, em dar cumprimento aos votos do Santo

Padre e da Igreja. Para cúmulo, ofereceu-nos aquela saída pouco airosa de 1615. «Para que dar execução a determinações meramente doutrinárias e disciplinares? Na parte doutrinal, falta-nos competência; a disciplinar é com o clero», dizia o Terceiro Estado⁽¹⁾ nas cortes reunidas aquele ano. E foi o clero, em assembleia geral, mas não o governo e o país – o que não se dera nos demais países católicos da Europa, que fizeram suas as leis de Trento... - quem promulgou as determinações do Concílio.

O erro trabalhava fundo nas almas que estavam doentes, gravemente doentes, debaixo do ponto de vista religioso. Incubava o galicanismo, o jansenismo, o Port Royal e... a Revolução Francesa...

Pobre França, infeliz Europa!!...

Portugal aderiu sem reservas à vontade pontifícia. Não admira, aliás, que assim acontecesse, sabendo-se que era rei D. Sebastião, o Desejado.

A resistência à invasão protestante é qualquer coisa de sagaz, de metódico e de eficiência, ao mesmo tempo cultural e política.

O protestantismo surgia como inovação de ideias e filiava-se, entre outras coisas, no geral desbragamento de costumes. Impunha-se combater as primeiras sem desfalecimento e repudiar os segundos com tenacidade e constância.

Forte reacção contra as doutrinas, são as reformas intelectuais do Rei Piedoso⁽²⁾: reforma da Universidade de Coimbra, criação do Colégio das Artes e da Universidade de Évora, convite aos melhores sábios da Europa a fim de virem ensinar a Portugal

Era necessário proibir a entrada e circulação de livros heréticos, de sorte a evitar que dessem origem à atmosfera de desvairo intelectual que ia lá por fora, zelando ao mesmo tempo pela pureza da doutrina dos publicados aqui. Assim nasceram o Índice dos Livros Proibidos e a Mesa Censória: aquela visando os primeiros; esta, os segundos.

Para obstar à entrada livre dos erros, fazia-se mister a existência de um corpo organizado que seguisse as pisadas dos possíveis hereges existentes em Portugal. Não é outro, em última análise, o fim da Inquisição.

Para que examinar a preceito as razões que porventura influenciaram predominantemente o espírito do rei, de forma a induzi-lo com tamanha insistência à criação do Santo Offício? A par com a ideia política – defesa do Estado –, que tiveram Carlos V, na Alemanha, e outros príncipes, na Europa, D. João III via-se a braços com empresa de raro alcance histórico: a fundação de um novo império.

A Índia, a África, o Brasil mereciam-lhe cuidados especiais. Qualquer deles bastaria para ocupar o tempo do monarca mais sagaz. Os problemas surgiam de todos os lados e havia mister de concentração de espírito, de unidade de sentir, de calma no reino, para enfrentar com decisão as dificuldades aparentemente insuperáveis, que surgiam.

Mas não tentemos esvaziar de sentido e finalidade católica as suas melhores disposições governativas. Nem era atitude nova, a sua. Portugal teve sempre como suprema aspiração e desejo batalhar na defesa dos princípios absolutos. Domina-o o eterno, na proporção em que se ri dos valores relativos. Se assim não fora, não deixaria a Índia entregue à cobiça alheia nem tantas das suas possessões à espera de quem as explore comercialmente.

Como se explica, de resto, o programa realizado nessa época a favor da expansão missionária e da educação da juventude? D. João III favoreceu ao máximo a restauração dos bons costumes, o esplendor da religião, novas normas de conduta para a Grei.

A reacção, entre nós, seguia *pari passu* o programa conciliar: guerra aos maus costumes, educação da juventude, missões populares e nas colónias. Mercê destas, a Igreja ressarcir-se-ia, em larga escala e superabundantemente, dos fiéis que perdia na Europa...

S. Francisco Xavier, na Índia, S. Pedro Cláver e S. Luís Bertrand, na América, compensaram-na bem das clareiras entre os católicos do continente...

Ora os grandes missionários das terras descobertas foram Portugal e a Espanha. Graças a ambos, entraram no grémio da Igreja milhões de neófitos que formaram os núcleos de florescentes cristandades.

Não haja dúvida: a Contra-Reforma foi admiravelmente planeada e brilhantemente posta em execução. Assim a Europa o tivesse compreendido com o mesmo zelo e interesse igual aos dos peninsulares.

Vã seria a luta, no entanto, se à raiz do problema continuasse palpitante de vida, insolúvel como até então, a causa de todos os erros: a libertação do homem, a laicização da vida.

O sentido-mor da Renascença está precisamente nisto: a consciência que o homem vai formando, a pouco e pouco, do próprio valor e a gradual fuga da sujeição e a gradual fuga da sujeição a valores aceites como absolutos por toda a gente.

Depois da bela construção filosófico-teológica da Idade Média, a culminar em S. Tomás e que ainda é conhecida pelo nome de «As Grandes Teses da Escolástica», surgiu a revolta da matéria, dos elementos contrários ao espírito, e o homem, que antes se achava a meio da hierarquia entre o Criador e o mundo – nem só espírito nem exclusivamente matéria, mas uma e outra coisa juntamente –, foi esquecendo a Deus, aceitou as mais extravagantes religiões – fez muitos deuses... –, duvidou dos princípios absolutos da metafísica para fazer incidir as pesquisas da inteligência na matéria, nos fenómenos e nas ciências empíricas.

Referviam no occamismo⁽³⁾ e nos demais erros filosóficos da Idade Média, todas as aventuras intelectuais, a cuja experiência a Europa se sujeitou, nessa altura.

É um erro afirmar-se que a Escolástica algemava as inteligências em meia dúzia de

princípios, não lhes consentindo nem audácia nem arrojo. Se assim fora, não teria sido possível a existência de Lutero, Calvino e Zuínglio.

Antes das lágrimas das mães e das esposas, que vêm partir os homens para a guerra, há sempre a anarquia dos espíritos, a revolta dos corações.

Outro tanto se verificou com a Escolástica no momento da decadência e a verdade é que ela sofria de aguda crise intelectual, já por falta de mestres competentes nas universidades, já por carência de alunos ávidos de saber, já pelo desvairo intelectual que fervia nos espíritos, divididos uns a favor de Aristóteles, de Platão outros, de Epicuro alguns, de todos os corifeus do pensamento metafísico, os restantes...

A. Luís Vaz

Na monarquia, tanto em França até à Revolução Francesa como na restante Europa, nomeadamente no Reino de Portugal, a expressão **Terceiro Estado** indicava as pessoas que não faziam parte do *Clero (Primeiro Estado)* nem da *Nobreza (Segundo Estado)*. Ou seja, era o Povo, composto pelos comerciantes burgueses (moradores dos burgos e fora deles), os camponeses, os artesãos, os comerciantes e os profissionais liberais.

D. João III.

O *occamismo* é uma visão filosófica antimetafísica proposta por Guilherme de Occam, filósofo e teólogo franciscano inglês (por 1295 – 1350).

O occamismo introduz no pensamento humano uma lógica nova, baseada no valor único do conhecimento intuitivo da realidade, o nominalismo, isto é, a negação de universais e a sua redução a signos naturais. Neste sentido, é uma forma acentuada de cepticismo teológico. As universidades da Europa, particularmente Paris, condenaram o occamismo. O mesmo fez, de Avinhão, o magistério papal.

J. V.

Mário como o pai e como o avô

Foi depois da morte do Marinho que tomaram a decisão de partir. Todos. Os pais estavam velhos, já pouco faziam, as forças não passavam de lembranças antigas, a maior parte dos dias era passada no banco da eira ou no pátio do primo Manoel, a apanhar sol e a conversar. Ao velho hábito de contarem o que alimentava o seu quotidiano juntava-se o tempo que tinham de sobra para passarem a pente fino a vida de familiares e vizinhos. Longos anos de emigração na América do sul plantara no tio Mário marcas indestrutíveis de outros modos de vida, o entusiasmo com que transmitira aos filhos e à mulher a imensidão dos espaços, a riqueza do solo, a possibilidade de vidas muito mais desafogadas fizera efeito e os filhos queriam eles também ir conhecer essa parte do mundo, viver de outro modo, melhor, com menos sacrifícios sobretudo. Havia muitas famílias a partir de vez, vendiam o que possuíam, terra e casa, e abalavam com a esperança como haver maior. Normalmente as notícias demoravam muitos meses a chegar, só depois de terem encontrado um lugar para se instalarem e se as coisas corriam bem. Oa azares costumavam chegar pelas cartas de vizinhos ou conhecidos, pelo que a ausência de cartas correspondia a vidas encalhadas, a sonhos adiados, ao desencontro com a sorte. Sobre tudo isto discorriam os velhos primos, recordando com saudade a partilha do mate em torno de uma fogueira ou os longos trajetos no dorso de um cavalo, supervisionando rebanhos de milhares de cabeças. Fora há muito tempo, perdida a juventude restavam as memórias, que se avivaram quando o Mário anunciou ao primo a vontade dos filhos de apanharem o navio e irem conhecer a terra da mãe. A Lúcia era filha de um conterrâneo e de uma índia do Brasil, chegara a Portugal com o pai, que achou dever ocupar-se dela, depois de a mãe ter morrido. Trouxe-a com ele e ali vivia, tentando adaptar-se à terra e aos naturais, mas sempre com saudades do Brasil, da fazenda, do feijão e da farofa, da carne seca e das frutas que cresciam em abundância em qualquer lugar. Cresceu, tornou-se mulher, casou-se, teve filhos e passou para eles a saudade do mundo da sua infância, saudade essa que se somou à que o pai lhes contou sobre as imensas planícies e enormes cidades da Argentina.

O Marinho, Mário como o pai

e como o avô, adoeceu de repente. Ao segundo dia a arder de febre e sem ação nenhuma, os olhos mortícios, a mãe e duas vizinhas pegaram nele ao colo e partiram à desfilada para Crespos, onde morava o médico mais próximo que lhe poderia valer. Conta a única sobrevivente dessa viagem salvífica que os pés das mulheres quase nem poisavam no chão, não caminhavam, voavam.. Quando a que carregava a criança dava sinais de cansaço, os passos a abrandar, outra tirava-lha dos braços, aconchegava-a no *fateiro* e o ritmo da marcha voltava a acelerar. Chegaram lá muito depressa, nunca ninguém deve ter feito aquele percurso a pé em menos tempo do que elas e quando se confrontaram com o médico parecia que tinham saído de um poço, encharcadas em suor, exaustas, no limite das forças. O médico agarrou no menino e deu ordens para darem de beber e de comer às mulheres, mas elas não arredaram pé, ficaram estáticas, expectantes, mudas, junto à mesa onde o menino jazia, inanimado. Sem dizer palavra, o médico despiu-o, auscultou-o, preparou e deu-lhe uma injeção e ficou à espera. A ausência de reação impôs a evidência ao doutor Fontes mas não à mãe e às amigas: tinham chegado tarde demais, não havia nada a fazer, pegassem no menino e partissem sem dar nas vistas, não podiam ser apanhadas pela *Guardia Civil*, metiam-nos a todos na prisão. Caíam-lhe as lágrimas pela face, nunca lhe acontecera uma desgraça daquelas, descansassem o tempo que precisassem para recuperar forças e partissem. Ele próprio vestiu o menino e o aconchegou como se fora seu filho, como se vivesse.

A mãe do Marinho ficou muda e, sem verter uma lágrima, agarrou no filho e aprestou-se a deixar a casa. A Altina parou-a, perguntou ao médico quanto lhe deviam e tirou-lhe o menino dos braços. Não deviam nada, partissem, por favor, sem olhar para trás e o mais depressa que conseguissem. Nem a motivação nem as forças eram as mesmas para a viagem de regresso e foi a mais jovem das mulheres que melhor se apercebeu disso. Era uma jovencinha ainda, não conhecia as dores da maternidade nem tinha noção do fosso em que a Maria, a mãe do Marinho, Mário como o pai e o avô, tinha caído perante a notícia da morte certa do fruto do seu ventre, fruto tão acarinhado, depois de dois des-

manchos que quase a tinham levado à desesperança de dar um filho ao seu homem. A Altina saiu com a criança nos braços, mas cedo deu sinais de cansaço, ainda se viam as casas do lugar, não aguentava e fez menção de passar o menino para os braços de sua mãe. Sem falar, a Aurora adiantou-se, pegou no menino, dispensou o *fateiro* e tomou a dianteira do grupo, só abrandando o passo à vista das casas do lugar. Um ai da Maria, qual grito silencioso de desespero, funcionou como um ferrão no seu ânimo e voltou a acelerar o passo, só parando dentro da casa do tio Fragoso, dentro da casa do José e do Mário, da Maria e da tia Lúcia e do Marinho, que entrava pela última vez no espaço onde tinha nascido. Estavam os velhotes ao lume, cada um de seu lado, à espera.

O que se seguiu não tem descrição, uma mãe que perde o seu único filho, cujo nascimento já tinha sido uma espécie de milagre, perde a razão, perde o sentido das conveniências. A Maria não conseguia separar-se do seu menino e quando lho arrancaram, à força, dos braços, para o depositar na pequena urna branca, caiu num torpor silencioso que causou o espanto de toda a gente. Não havia quem não chorasse e gritasse a injustiça de ver partir um anjinho tão lindo, tão perfeito, tão querido de seus pais e avós, apenas a Maria se mantinha sem lágrimas, de olhos esbugalhados, olhar vazio. Quando o féretro partiu, seguido por uma dúzia de crianças ornamentadas de opas brancas como a neve, sob um sol radioso e um acompanhamento de muita, muita gente, a mãe do Marinho, Mário como o pai e o avô, sempre sem verter uma lágrima, saiu de casa, de longe da vista de todos, para longe de todos. Cederam pela sua falta, procuraram-na para comer e não a encontraram. Começavam as mulheres a apoquentar-se, o Mário saiu e foi dar com ela sentada debaixo de um carvalho no campo da Lobeira. Sentou-se ao pé dela, sem dizer nada, agarrou-lhe na mão e desatou o nó do pranto que ela continha dentro de si. Voltaram para casa ao cair da noite, recolheram ao quarto e recusaram partilhar a mesa com a família, queriam-se sozinhos para chorarem juntos a morte de um filho que tanto tinham desejado, que tanto amavam e que um Deus cruel lhes roubava ainda antes de ser homem.

Foi este pesar que despoletou



a decisão dos irmãos de partir. O José era unha com carne com o Mário, a sua palavra era sagrada para ele, o que ele dissesse virava lei. Quando o desgosto se instalou para ficar e o silêncio tomou conta da casa, o Mário falou com o irmão e juntos apresentaram o propósito de ir em busca das raízes da mãe. Uma empresa desta natureza só fazia sentido com a mãe, afinal era ela a desenraizada, era ela a origem da vontade que ambos tinham de conhecer o Brasil. Com a idade dos pais, o mais assidado era partirem todos de vez, como faziam alguns conhecidos. A mudança seria boa para todos, sobretudo para as mulheres da família, talvez a Maria se animasse um pouco, conseguisse espantar o desgosto que a possuía, parecia uma flor sem viço, tinha perdido o gosto pela vida, era uma sombra de si própria. O tio Mário já não tinha idade para novos voos, o que fosse bom para os filhos e para a sua Lúcia era bom para ele, bastava-lhe viver com tranquilidade os poucos anos que lhe restavam, tinha consciência que não poderiam ser muitos, ninguém vive para sempre. Desta conclusão comungava o primo Manoel, partilharia por carta os últimos anos de vida.

Mesmo se a morte de um anjinho de dezoito meses desobriga de um luto pesado, não foi esse o entendimento da família e o casamento do José não teve direito a boda, limitaram-se a fazer um jantar melhorado com a família da Rosa e menos de dois meses depois da união e seis após o desaparecimento do Marinho, Mário como o pai e como o avô, apanharam o navio em Leixões e deixaram definitivamente para trás a terra lusa. Gostariam que o mesmo acontecesse com a tristeza do passado próximo e nem a Rosa, recentemente entrada na família, antecipava as saudades que são obrigatórias para quem parte. Ela apenas deixava a promessa de um dia voltar para visitar os pais mas sem muita convicção, o futuro de uma mulher é junto do seu homem e ele é que manda.

Instalaram-se no Rio Grande do Sul onde compraram uma fazenda e pouco depois abriram um negócio de mercearia, atrás de cujo balcão o tio Mário passou ainda dez anos. Não havia nenhuma loja nas redondezas, o velhote adivinhou ali uma oportunidade de negócio e viu bem, pois os produtos de que ninguém prescindia vão aumentando cada vez mais e as necessidades também se criam. Esta experiência de merceeiro no final da vida muito surpreendeu o primo Manoel, que continuava a apanhar sol na eira e a tomar conta dos netos e a esperar cada vez com menos ansiedade as cada vez mais raras missivas do outro lado do Atlântico.

Quando o Mário velho e a sua Lúcia já não podiam ocupar-se da venda, coube à Maria essa função. Sobrava-lhe tempo para tomar conta dos filhinhos que lhe nasceram já pensava que não tinha idade para conceber. Já ia adiantada a gravidez quando se deu conta do estado e os dois gémeos nasceram no mesmo mês do segundo filho da Rosa e do José. A casa da fazenda ficava pequena demais para a família, não queriam separar-se, por isso acrescentaram uma ala nova à casa original, como faziam as famílias com posses. A harmonia entre os irmãos nunca teve a menor quebra e o mesmo se pode dizer das respetivas mulheres.

Juntos enterraram os pais e acabaram de criar os filhos, que seguiram outros caminhos, apenas o mais velho do José, o Francisco, se acomodou à vida no campo, os outros partiram para Porto Alegre, aí criaram laços e organizaram a vida noutras atividades menos rurais. Coube-lhes a eles restabelecer a ligação com a terra dos pais, já que estes nunca mostraram vontade de voltar às origens. A Maria e o Mário tinham partido com uma mágoa grande demais, o José vivia na sombra do irmão e a mulher na sua, pelo que um regresso não fazia sentido, voltar para abrir feridas, só se fossem loucos, quem é que busca o sofrimento?

Olinda Carvalho

Os 70 Anos de "A Voz de Melgaço"

Em 1 de Junho próximo o nosso jornal faz setenta anos de existência (segundo o Padre Júlio Vaz o primeiro número foi posto a circular em 30 de Maio¹), uma data suficientemente dilatada e digna de ser assinalada. Como um dos seus mais antigos colaboradores, não posso deixar de tecer algumas considerações que me parecem perfeitamente ajustadas.

Em primeiro lugar, importa dizer que "A Voz de Melgaço" resulta de um amplo movimento católico que teve expressão no grande Congresso Eucarístico que se realizou em Melgaço em 1947 e que teve por figura principal o Padre Carlos Vaz, então jovem Arcipreste concelhio. Era preciso dar uma voz a esse sentimento católico generalizado e assim nasceu "A Voz de Melgaço" tendo como Administrador e Chefe de Redacção o Padre Carlos Vaz e como Director o irmão Padre Júlio Vaz, homem de acção, pragmático, de palavra fácil (foi um notável orador) e incisiva, o que se diz um Homem do leme. Entre muitos e bons colaboradores, contam-se o Padre Manuel Bernardo Pintor, acreditado medievalista, pároco de Riba de Mouro e natural de Castro Laboreiro, Aldomar Rodrigues Soares (Mário), o professor Dâmaso, de Cristóval, Dr. Abel Varela Seixas, entre muitos outros.

Quando completou 25 anos, escrevia o Padre Carlos Vaz em 1 de Agosto de 1971, sob a legenda "Os nossos vinte e cinco anos... Como sempre, a mesma frente de combate...": "Fazemos agora os nossos 25 anos. E devemos aos nossos prezados leitores e à boa gente da nossa terra um carinho que vem de longe. Nas grandes batalhas que aqui temos travado em prol da nossa pequenina Pátria, sempre estiveram do nosso lado.

O jornal criou-se há vinte e cinco anos para defender os direitos de Deus e os direitos do Povo. Sempre acompanhámos as

grandes horas de luta pelo progresso de Melgaço. Como homens, como todos os homens, temos limitações, mas procuramos ser perfeitos no nosso trabalho".²

Foi entre esta gente ilustre, mas abnegada, dada ao bom combate, que um dia, há sessenta anos, era eu, praticamente um menino, apareci com um ingénio poema campestre, assinado por um nome (Alberto Magno), que a mim me soava então como um pseudónimo e que pensei, por isso, que seria dificilmente reconhecível... e que foi logo publicado. Seguiram-se depois uma quantidade de arrazoados, que tiveram igual cabimento, dois ou três usados em artigos de fundo, o que valeu como forte incentivo por parte da Direcção do jornal. E quando anos depois, pedia desculpa ao Padre Júlio, pela verdura daqueles meus anos, este respondeu-me simplesmente: "N'A Voz de Melgaço nunca se fez censura".

E essa era a questão: sendo um jornal católico e regionalista, nele couberam sempre todas as correntes de opinião. E levado algumas vezes à barra dos tribunais - tributo que se paga pela defesa das grandes Causas - saiu sempre absolvido, a última das quais tinha como arguido o Caldas, da Gave, e onde, sendo também testemunha, tive o gosto de verificar que o juiz, Dr. Magalhães, tinha sido meu camarada no mesmo Batalhão. Mas para mim, pessoalmente, escrever em A Voz de Melgaço, num tal ambiente de acolhedora liberdade, trouxe-me outra vantagem, indispensável para quem pretende seguir a carreira das letras: deu-me segurança, responsabilidade e o sentido de um "público virtual" no qual nos revemos e que está na base da chamada coragem artística. Por isso digo convictamente que devo à Voz de Melgaço tudo o que sou como escritor e nela está, estará sempre, visceralmente, a raiz da minha escrita.

Quando em 1996 A Voz de Melgaço festejou os seus 50 anos, tive o gosto de ter participado com mais um punhado de bons colaboradores, tendo a Missa (concelebrada) sido dita na histórica e mítica capela da Senhora da Orada. Por essa altura o Padre Júlio publicou um livro - "Padre Júlio Vaz apresenta MÁRIO" - que era, fundamentalmente,

uma homenagem a um Homem que, apesar de profundamente limitado por terrível e impiedosa doença, foi durante muitos anos um extraordinário Colaborador do jornal, não apenas com a correspondência da Vila e de Prado, mas também (sobretudo) com os seus trabalhos muito variados e conscienciosos sobre as famílias melgacenses, a leitura das pedras de armas que ornamentam Casas, Capelas e Portais, dados interessantes sobre rios, efemérides, figuras típicas, etc., formando, no seu conjunto, uma riquíssima monografia sobre o Concelho ainda hoje indispensável a qualquer Melgacense que se preze. Como convidados especiais, e para que tal homenagem fosse completa, estiveram presentes a viúva e o filho de Mário, que eu visitara, com o meu pai, que por ele tinha uma grande Amizade e admiração, uma ou duas vezes. Foi uma cerimónia singela, despida de espanto, mas muito significativa e digna.

Passados mais vinte anos (o tempo passa!) A Voz de Melgaço mantém o mesmo sentido católico, regionalista, democrático, mas aumentou de volume e de colaboradores, em quantidade e qualidade, e continua a acolher com o maior interesse quantos venham, por bem, comungar da mesma Causa. Há muito institucionalizada, acompanhou a dinâmica do concelho, ganhou o respeito e a consideração dos seus pares afirmando-se como um órgão regional credível, de leitura obrigatória, imprescindível. O seu Director, Padre Doutor Carlos Nuno Vaz, que há um bom par de anos assumiu com mão firme, entusiástica e generosa, o seu leme - fiel á promessa feita naquela triste noite de 31 de Maio de 1972 de que "não deixasse acabar o jornal" - pertence, juntamente com os irmãos, a uma segunda geração que hão-de, se Deus quiser, saber prosseguir este grande ideal.

Como se faz em qualquer comemoração, resta-me desejar-lhe muita saúde, ânimo e paciência, para prosseguir tão louvável empresa.

Alberto Pereira de Castro

NOTAS:

¹ Padre Júlio Vaz apresenta MÁRIO, p. 7.

² Padre Carlos, Uma vida de serviço /Um poema de Amor, p. 603.

FLASHS DO CICLO 01-06-1946 – 01-06-2016 70 Anos

Setenta anos, faz, a VOZ DE MELGAÇO, neste mês. Recordo bem o dia em que o jornal chegou a primeira vez à loja do Alfredo Afonso, no lugar de Cavaleiros. Este comerciante, fazia parte da lista, dos primeiros assinantes, de A VOZ DE MELGAÇO. Aproveito para lembrar isto ao seu genro e meu amigo Júlio Domingues, colaborador. Todos os quinze dias, esperávamos, com ansiedade a chegada do Jornal. Isto, porque havia também o Notícias de Melgaço, que o Alfredo também assinava. Assim, como a Voz, começou a lutar em prol do progresso, colocando acima de tudo os verdadeiros interesses do concelho, atacando o que lhe parecia ser prejudicial, começou a ser atacado pelo Notícias, onde os que se viam atingidos, exerciam o contra ataque. Obviamente que, quando há contraditório, a crítica cria uma dimensão maior, pelo que quando chegava um jornal, que atacava, havia a ansiedade pela chegada do outro jornal. Assim, a VOZ DE MELGAÇO merece parabéns, visto que, quem como eu a conhece desde o início, estes 70 anos, não foram fáceis. Com efeito, passaram-se vicissitudes, com processos, quer ao jornal quer a colaboradores, mas como o lema foi sempre a defesa dos interesses de Melgaço e consequentemente dos melgacenses, a VOZ DE MELGAÇO, resistiu a todos os ataques, sendo hoje a única mensageira dos melgacenses que foram, obrigados a emigrar, mas não esquecem a sua terra. PARABENS.

Quanto ao Notícias de Melgaço foi andando de queda em queda até à queda fatal.

A Presidência da República: - Marcelo Rebelo de Sousa, no seu frenesim populista, irritante, aproveita todos os eventos para o efeito. Porém, da forma como se excede, nas suas atuações, prevejo que irá parar perto. Com efeito, há dias foi a Coimbra assistir a essa fantasia a Guterres, que dão o nome de doutoramento. Marcelo, na sua peculiar actuação considerou Guterres o homem mais brilhante da sua geração e o primeiro ministro mais amado, pelos portugueses. Isto admitia-se se fosse dito por um feirante. Porém, dito pelo Presidente da República, é vergonhoso. Com efeito, um Primeiro Ministro que consente os maiores crimes de corrupção, casos gravíssimos, como: os da JAE, Fundação Fantasma do Vara, o Aterro da Beira e o FRIPORT do Sócrates, atirando Portugal para um pântano e depois foge, deixando Portugal de Tanga, é mesmo, falta de vergonha. Também, a forma como defende o governo actual, parece-me que não é a melhor. Efectivamente, recentemente, Teodora Cardoso, na qualidade de presidente do Conselho Nacional das Finanças Públicas, fez duras críticas ao programa de estabilidade, que foi enviado para Bruxelas. Nomeadamente que havia receitas não exemplificadas, ou seja, de onde vinham essas receitas. Um jornalista pôs esse caso ao Marcelo e a resposta foi: - O que é preciso é que Bruxelas aprove - nem vale a pena comentários. Porque Bruxelas não está a dormir. Veremos o resultado.

Arménio Melo

ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo - Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com

MEMÓRIAS (VIII)

A "bugalhinha"

Todos os Batalhões tinham uma Companhia Independente de Apoio ao Sector. Depois de uma companhia de Infantaria era agora a vez de uma Companhia de Artilharia recém - chegada da Metrópole ir ocupar o seu lugar em Zala. O capitão, coitado, estava cheio de medo. A estrada de Zala era uma estrada muito complicada por onde passavam obrigatoriamente os géneros alimentícios, vindos de Luanda, duas vezes por mês. Nelas era empenhada uma Companhia que ia receber as camionetas ao Quilumbo, (ou acompanhá-las até ao Quilumbo) sendo a região da Camioneta Vermelha a mais difícil onde chegava a tropa de Zala. Fernando Assis Pacheco cantou-a assim:

(Se há lugar na vossa geografia
Para um friável coração de adobe
Digo-vos que não trouxe muito mais
Dos tiros da Camioneta Vermelha

A coluna de Zala vinha vindo
Tarda como sempre e não se ouviram
Durante muitas horas os motores
Nesse alto da Camioneta Vermelha

A gente deitava-se nos abrigos,
Deitava-se no silêncio e respondia
Somente alguma grita de macacos
Ali perto da Camioneta Vermelha.

Por ironia, eu estava lendo
Um romance de Cardoso Pires
Ou talvez poemas de Ruy Belo
Sobre a cidade na Camioneta Vermelha.

Digo-vos que não trouxe muito mais
Dos tiros cruzados de arma fina
Quando o adobe começou a estalar
No meu peito na Camioneta Vermelha.

Quería contar tanta coisa veloz
Então acontecida mas não posso
Recordar senão esse estampido
Caindo súbito na Camioneta Vermelha.

Sou um desgraçado poeta da província
Com um rio que no Verão é areia,
Algumas casas, algumas flores belíssimas
Despropositadas na Camioneta Vermelha.

O meu modo é cantar e eu canto
Mesmo que apeteça mandar um balázio
No peito de adobe, o mesmo peito
Que estremecia na Camioneta Vermelha.

Por isso aqui estou eu para nuns versos
Dizer que o mundo acaba e não acaba
Quando a massa de um coração frágil
Lembra a cidade entrevista ao longe
Longe do alto da Camioneta Vermelha.¹

A estrada tinha, na área de Nambuungongo, uma mata de café de cerca de quatro quilómetros e a matinha pequena. Entre estas duas matas estava dependurada, num embondeiro, uma bicicleta. Era a bicicleta de Ferreira da Costa, isto porque este jornalista disse um dia, na sua correspondência de Luanda, que já se podia ir a Zala de bicicleta, o que, evidentemente, estava muito longe de ser verdade.

Ora, era agora a vez desta Bateria de Artilharia prestar reforço sendo acompanhada, até ao Quilumbo, pela Companhia de Caçadores nº449, que em Nambuungongo fazia o apoio ao Sector. Tinham partido ainda com de noite e, quando eram umas oito horas, estavam a pedir munições de reforço. Era preciso levá-las ao Catalabanza (um morro às entradas da mata grande de café), onde estavam parados.

O Comandante da Companhia chamou-me e mandou-me preparar um pelotão mais, (cerca de 50 homens) recomendando que, atravessado o Quilolo, que era o segundo rio que atravessava a estrada depois de Nambuungongo, devia mandar o pessoal sair das viaturas e seguirmos apeados. E foi realmente o que aconteceu, pois logo que passámos aquele rio, começou o tiroteio em grande preparação ao que vinha a seguir. De facto, numa subida em S, estava montada a "zona de morte", com um grande morro sobre o nosso lado esquerdo onde se encontrava o grosso dos atacantes (os da avioneta diziam mais tarde que tinham vários indivíduos de raça branca, o que nos levou a supor que seriam argelinos, de que cuja existência na área há muito suspeitávamos) prontos a saltarem para a luta corpo - a - corpo, e só evitados à força de lançamento de granadas de mão para a berma, o que os obrigava a manterem-se em respeito. Era o que pode dizer-se uma verdadeira zona de morte, exactamente como vem nos livros.

Na cauda o Horácio (que há dias encontrei no Hospital atacado de Parkinson) com a sua Breda dominava todo o terreno.

Valeu-nos ter passado nessa altura uma avioneta que ia a Maquela do Zombo buscar o General - Comandante da Região Militar, e que, vendo o cenário das viaturas paradas, logo adivinhou que alguma coisa de anormal se estava a passar, e resolveu manter-se no local fazendo ponte aérea com Luanda a quem já tinham sido pedidos, pelas 6 da manhã, dois caças - bombardeiros.

Entretanto, cá em baixo, a luta era feroz. Em frente, entre nós e o Catalabanza, tínhamos uma pequena mata que nos impedia de fazer fogo, pois poderíamos atingir algum dos nossos camaradas estacionados no morro e foi precisamente aqui que o furriel Alves foi atingido com estilhaços de uma granada de mão inimiga numa coxa. Um dos condutores, o Espinho, havia desfalecido ao ver que o local onde um projectil embatera era precisamente aquele onde, momentos antes, tinha a cabeça. E finalmente o "Cantor" seria atingido com uma bala junto à axila direita, pelo que foi pedido um helicóptero para a evacuação que veio com duas camas. Após esta diligência, fiz entrega do material à Companhia de Caçadores nº449 e regresssei ao quartel em Nambuungongo.

A história da bala soubemo-la depois. O "Cantor", quando ia ser operado, disse para o operador:

- Senhor Doutor, não corte, porque eu tenho aqui uma "bugalhinha"... Dê-me a sua mão.

E, de facto, a "bugalhinha" lá estava. Tratava-se de uma bala de ricochete que se lhe alojara à flor da pele...

Alberto Pereira de Castro

Nota:

¹ Fernando Assis Pacheco, Catalabanza, Quilolo e volta, Edição Centelha, Coimbra, 1976

Costa guia uma vaca em chamas

Já aqui escrevi que Costa é politicamente um Sócrates "revisto e aumentado". Porque Sócrates estava sozinho, e delirava sozinho, enquanto Costa tem a preciosa ajuda das alucinadas do Bloco e do anti-europeísmo do PC. Também possui uma lata mais sofisticada e eficaz que a do seu antecessor. Como diz o povo, quem não tem vergonha todo o mundo é seu. O presidente da República classificou isto, num sorriso afectuoso, de "optimismo irritante". Depois ambos, Marcelo e Costa, vieram disfarçar com uma "história" antiga de quando o primeiro era professor do segundo e lhe terá conferido a melhor nota, aquela que o aluno optimista tinha jurado arrancar a Marcelo. Talvez o aluno se exprimissem, então, melhor em português do que agora. É claro que não era propriamente a uma peripécia universitária que Marcelo aludia. Há um mundo que vagueia na cabeça de dr. Costa - e na maioria dos seus epígonos governantes - que é de todo desconhecido do comum dos mortais. Não foi, aliás, por acaso que, no evento "Simplex reciclado", retirado do poeirento baú dos coloridos espectáculos socráticos, o primeiro-ministro ofereceu à pobre senhora da Presidência uma marioneta em forma de vaca voadora. A "doutrina" está resumida no brinquedo: carrega-se num botão, o boneco agita as asinhas, sorrindo, e voa às mãos do dono. Enquanto se observa o voo da vaquinha não se fala no presente fracasso do "modelo" económico-financeiro gizado pelas Esquerdas. E cujo desenho, tosco, consta do PEC e do Plano de Reformas, duas perigosas falácias que, ao contrário da marioneta, manifestamente não voam. Di-lo a insuspeita Teodora Cardoso, os insuspeitos bonzos da concertação social, a balança comercial, o emprego, o crescimento e até o glorioso consumo interno onde muitos, inconscientes e embasbacados pelo voo da vaca, já não conseguem solver débitos directos. O financiamento do Estado, como salientou a presidente do Conselho de Finanças Públicas, também não está assegurado, embora o Governo não pare de prometer "injecções" de capital aqui e ali, isto é, dinheiro dos contribuintes. Assistimos, afinal, ao que A. Finkelkraut chama de triunfo do ridículo sobre o pensamento. O que nos versos bem portugueses de Pedro Ayres Magalhães se canta assim: "Soltaram uma vaca em chamas/Com um homem a guiar/São voltas/Ai, amor, são voltas/São as voltas/São as voltas da maralha/Ai, são voltas/Ai, amor, são voltas/São as voltas da canalha".

João Gonçalves
in *Jornal de Notícias*
23/5/2016

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS - CLÁSSICOS
MACIÇOS - E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 - 251 404 791 | VILA - MELGAÇO

Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO
Tif 251 404 031 | Fax 251 404 039 | Tlm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO
Tif 251 653 224 | Fax 251 653 226 | Tlm 935 267 109

E-mail: anselmo@seguros.webside.pt

Vende-se

EM MELGAÇO

Casa com terreno que dá para construção

RUA DA BARBOSA | VILA

Tlm. 917 954 996

Transportadora melgacense não tem pena do Governo e precisa de mais espaço para crescer

"Somos de Melgaço e gostamos disto, não queríamos ter de ir para Monção"

António Sousa segura com mão firme os destinos dos Transportes Sousa & Carpinteiro, Lda. Há 22 anos que afirma a transportadora internacional, com sede em Melgaço, apoiado por Américo Domingues, dividindo as tarefas.

Em mais de duas décadas "os clientes cresceram, a grupagem cresceu" e admitem ter pouco tempo para parar num só lado. "Temos dois camiões na estrada, no sobe e desce [entre França e Portugal], temos armazém em Melgaço, e em Paris. Começamos há muito e agora já não estamos em idade de mudar", notam.

O mercado dos transportes, num país que "leva mais do que traz", tem as suas variáveis, mas admitem que "dá para viver, ter um salário ao fim do mês".

No entanto, admitem-se pouco condescendentes com a máquina governativa em Portugal, que não olha para o sector dos transportes como uma das melhores maneiras de ganhar dinheiro.

"Não temos pena do Governo português porque o Governo também não tem pena de nós. Desde o início do ano, o gasóleo



subiu doze cêntimos e baixou um (em finais de Maio). Eles não fazem nada e podiam fazer, porque lucravam muito em impostos, mas não querem ou não sabem".

A observação ganha mais sentido quando os números e alguns dados surgem. "Gasta-se mais ao menos 1000 euros cada vez que vai à bomba. No fim do mês, se contar quatro viagens, anda nos 600 euros de poupança, por carro", indicam.

"Neste momento, a maior frota a passar a fronteira franco-espanhola, é portuguesa. Se esses camiões todos abastecessem em

Portugal, quanto não lucraria o Governo com estes abastecimentos?", questiona Américo Domingues, considerando que o poder central está por vontade própria a "deixar escapar milhões pela porta grande".

Com o crescimento que a empresa tem conseguido, António Sousa nota que as limitações do armazém já começam a sentir-se. Pretende um armazém maior, mas Melgaço parece não lhe oferecer muitas soluções.

"A ideia é manter a base em Melgaço, embora tenhamos mais ajudas fora, em Monção,

por exemplo. Aqui não há condições, nem a Câmara nos propõe condições", reitera Américo Domingues.

No entanto, assumem querer manter a sede em Melgaço e estudar melhor as oportunidades que possam surgir neste território. "Gostávamos de ficar aqui, fosse onde fosse, com condições para que os carros possam entrar à hora que chegassem e com espaço de armazém, com mais dimensão. Não queríamos ir para Monção, somos de Melgaço, gostamos de Melgaço", nota António Sousa.

A solução, a estudar sem prazo, terá ainda assim que ser avaliada, pois o tempo tem sido favorável à transportadora melgacense. O ano que terminou "não correu mal, foi um ano de crescimento a todos os níveis, carros, empresa, trabalho e a ser mais conhecidos".

Contribuem para esta história de final feliz os clientes de volumes grandes, mas também os emigrantes "com pequenos volumes a transportar". E é também com esses que as empresas crescem.

João Martinho

PIZZARIA
Dy Michelys
RESTAURANTE

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058

Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

O Ciclo da Flor

A Propósito das Maias ou Maios



De cores se vestem os campos na Primavera.

Celebramos em Maio o ciclo da flor.

As festas aí estão com cestos floridos em Vila Franca do Lima e os andores floridos de Alvarães. Manifestações que retratam arte e comunicam mensagens.

É um tempo novo, com símbolos de regeneração e fertilidade, onde não falta o canto do cuco e a chegada das andorinhas.

A poesia popular é consagrada no "Cante Alentejano" e assim ouvimos:

"Vamos lá saindo/ por esses campos fora; / e a manhã vem vindo/ dos lados da aurora".

E ainda: " O maio moço/ele lá vem,vestido de verde/que parece bem"

A poetisa Rosalia de Castro escreveu um poema intitulado, " Maio longo...Maio longo"

"Maio longo...maio longo/ todo coberto de rosas;/para alguns telas de morte,/ para outros telas de bodas".

PROFUNDIDADE ANCESTRAL

No primeiro dia de Maio conserva-se a tradição de colocar giestas nas casas, nos veículos, nas unidades industriais, nos estabelecimentos comerciais e nas praças.

A tradição das "maias ou maios" tem muita força e por

isso foi objecto de estudo no âmbito das ciências sociais, de modo especial na antropologia.

O reconhecido investigador J. G. Frazes, na sua grande obra intitulada "La Rama Dourada" (Magia e Religion) (1922), com título original "The Golden Bough", lança-nos luz sobre a profundidade ancestral do culto da "Árvore na Europa Moderna", seguindo a tese vegetalista.

Na vizinha Galiza a festa das "Maios" é muito expressiva, como nos apresenta o investigador Clodio González Pérez no seu livro "As Festas dos Maios" (1989).

As Publicações Dom Quixote, na colecção "Portugal de Perto", editou a obra "Etnografia Portuguesa" da autoria de Rocha Peixoto, bem como divulgou na mesma colecção "Festividades Cíclicas", do grande antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira.

Ainda sob as "maias" Jorge Dias, no estudo referente a "Vilarinho das Furnas - Uma Aldeia Comunitária" (1981), refere: "No 1º de Maio, também costumam colocar "maios" nas portas e janelas. Na véspera, seja muito ou pouco o serviço, vai sempre um de cada casa apanhar maias. Dizem eles, que é para comemorar o milagre que sucedeu quando Nosso Senhor andava perseguido e se refugiou numa casa de gente amiga. Um inimigo viu-o entrar na casa e marcou-a com uma flor

de giesta, mas no dia seguinte, quando veio com muitos soldados para o matar, todas as portas e janelas estavam enfeitadas com maios, ele não pôde reconhecer a casa em que Jesus se escondeu".

Aceitando os dois grandes grupos de plantas, umas boas e outras ruins, do primeiro fazem parte as giestas.

A narrativa referida por Jorge Dias e Rocha Peixoto é a mais conhecida no Alto Minho, como verificámos em entrevistas a pessoas que recolham giestas para colocar à entrada das habitações.

A FLORÁLIA – FESTA ROMANA

O citado antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira sustenta "que é clássica a hipótese que procura a filiação das consagrações florais do 1º de Maio nas festas públicas romanas das "Florália" dedicadas à deusa Flora, que celebravam o renascer da Primavera; mas o parentesco entre essas festividades e celebrações atuais do 1º de Maio é muito problemático e não se pode estabelecer em termos gerais e concretos. A ideia de que se pode ajudar ritualmente o renascer das forças da natureza no princípio da Primavera tem contudo carácter universal e cremos legítimo, por vezes, interpretar estas cerimónias que existem em termos afins em inúmeros povos e civilizações".

O 1º de Maio corresponde à noite de Valpurgis, que a demonologia medieval germânica povoou de bruxas invisíveis que andavam no ar e praticavam as suas obras infernais, certamente por herança da crença pagã nos espíritos nocivos do Inverno e do morte, de que era necessário purificar ritualmente a terra no Maio do ano agrário.

Assim sublinha Ernesto Veiga Oliveira.

É de referir a importância da festa Beltane, festival celta comemorado ainda nos nossos dias, reconhecido nas celebrações da "Festa da Primavera" com calendário no 1º de Maio.

Durante o festival são acesas fogueiras nos topos dos montes, sendo um ritual importante nas terras celtas. O fogo gera força benéfica para os rebanhos e terras, segundo crença antiga.

No Minho, no dia 3 de Maio, dia litúrgico da Santa Cruz, havia o costume generalizado de enfeitar com flores os cruzeiros das aldeias e o pároco subia a um alto para abençoar as terras, para o ano agrícola ser abundante, de modo especial o milho e o centeio, cereais importantes para a alimentação.

Não devemos omitir a comemoração do "Dia da Espiga", presente nas comunidades a sul de país. Talvez esta celebração primaveril seja uma das muitas reminiscências de antigas tradi-

ções pagãs e esteja ligada à tradição dos Maios ou Maiais. "O Dia da Espiga era também o Dia da Hora". Era durante essa "Hora" que se colhiam as plantas para fazer o ramo de espiga e as ervas que se punham a secar para depois fazer chás.

As várias plantas que compõem o ramo da espiga era dado um significado e um valor simbólico:

Espiga – o pão que mata a fome e nos faz livres:

Malmequer – O ouro e a prata, o dinheiro, que tantas vezes nos encandeiam;

Papoila – O amor que é vida e nos faz ser gente:

Oliveira – A luz que anuncia o Dia;

Videira – O vinho da alegria e da festa;

Alecrim – A saúde, a sabedoria, a fortaleza do espírito.

(In M. F.)

O Dia da Espiga é comemorado na quinta-feira da Ascensão.

O "ramo de espiga" deve ser colocado por detrás da porta de entrada, e só deve ser substituído por um novo no dia da espiga do ano seguinte,

Mas ainda, inserido no "Ciclo da Flor" não podemos omitir a grande manifestação que são os tapetes nas ruas e praças aquando a procissão do "Corpo de Deus". São os itinerários festivos e coloridos para o Senhor passar.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Não há festa sem flores aromáticas repletas de simbolismo de emoções e vivências marcantes.

A gentileza da oferta de um ramo de flores é um sinal nobre de ternura, carinho, felicitação, agradecimento, homenagem, admiração, saudade e bem querer.

É sempre manifestação visual de sentimentos e vivências de fidalguia.

VAMOS COM A PRIMAVERA

Vivemos com símbolos e rituais que procedem do fundo da história e que constituem sínteses de manifestações culturais.

O poeta raiano e monçanense, João Verde, convida-nos

“Vamos pois aldeia fora/A procura da saúde;/Q’eu prefiro a voz do açude/ à cidade estonteadora.”/Vamos com a Primavera,/ As aves deixam o ninho;/Como eu adoro a Chimera/ Nas noites claras do Minho!”

É sempre saudável recordar o poema “Povo” de Pedro Homem de Mello “Meu cravo branco na orelha./ Minho camélia vermelha,/Meu verde manjeriço”.

Se recuarmos no tempo encontramos o Rei D. Dinis, Trovador, a interpelar: “Ai flores, ai flores do verde pinho,/se sabedes provas do meu amigo?/Ai Deus, e u é”.

José Rodrigues Lima

P.S.: Em dia de tão feliz aniversário, aqui deixamos os nossos sinceros parabéns e os votos de uma vida ainda longa e capaz de vencer as dificuldades de publicar um jornal, em tempos tão difíceis e numa terra a desertificar-se. Mas, quer o jornal, quer eu próprio somos gente com arreigada esperança.

José Rodrigues Lima





eprami escola profissional do alto minho interior

“UMA ESCOLA ÚTIL PARA A VIDA”
António Sérgio

ano letivo
2016 | 2017

**cursos
PROFISSIONAIS**

**inscreve-te em
eprami.pt**



Apoios:
Alimentação
Transporte gratuito
Alojamento/Residência de estudantes
Bolsa de material de estudo
Bolsa de estágio
Seguro escolar
Isenção de propinas
Projetos e Estágios Internacionais
Apoio aquisição pc portátil

PAREDES DE COURA

- // TÉC.de LUZ, SOM e EFEITOS CÉNICOS
- // MECATRÓNICA
- // ESTÉTICA



MONÇÃO

- // MECATRÓNICA AUTOMÓVEL
- // TÉC.de MASSAGEM de ESTÉTICA e BEM ESTAR
- // RESTAURANTE/BAR

MELGAÇO

- // ASSISTENTE DENTISTA
- // INFORMÁTICA de GESTÃO












Periodipesca realizou a sua 24ª edição em Muros (Galiza)

Alvarinhos de Monção e Melgaço representaram a montra da participação portuguesa no evento da especialidade



Muros, município espanhol da província da Counha, foi a localidade anfitriã da 24ª Edição da Periodipesca - Congresso Internacional de Jornalismo Especializado em Caça, Pesca, Meio Ambiente e Turismo Rural e de Aventura.

De 29 de Abril a 2 de Maio, o evento organizado pela Associação Clube Periodipesca, levou à localidade no extremo norte da ría de Muros e Noia, a máis setentrional das Rías Baixas, jor-

nalistas e responsáveis do sector da caça e turismo de toda a Espanha. De Portugal, "A Voz de Melgaço" associou-se uma vez mais à iniciativa, acompanhado pelo Delegado Territorial em Portugal, Júlio Domingues, entre outros responsáveis ligados ao sector da caça em Portugal.

O congresso, que discute algumas das temáticas comuns a ambos os países, desde a caça às preocupações com a convivência entre as povoações e o lobo Ibérico, ou as produções vocacionadas para o mercado gourmet – que abordaremos oportunamente – é também momento para conhecer o território anfitrião e para mostra de produtos locais.

Neste sentido, o Alvarinho, enquanto produto de excelência da sub-região de Monção e Melgaço, marcou presença na mesa de exposições do evento. O responsável em Portugal da Periodipesca, em parceria com o jornal "A Voz de Melgaço", agradecem aos produtores de ambos os concelhos que contribuíram com o seu melhor produto para que a representação do território fosse em pleno.

Lucía Rodríguez, apresentadora do programa "Aqui Galicia", emitido pela Televisión de Galicia (TVG), foi uma das promotoras deste evento e dos vinhos apresentados, onde se destacaram os alvarinhos.

Nas peças temáticas a publicar na próxima edição, sublinharemos também pela imagem as potencialidades de um território que se mostra "pelo magnífico das suas paisagens, pela caça e pela pesca", como destacou a alcaldesa de Muros, María Xosé Alfonso Torres, na cerimónia de abertura do evento.

Marcas de Alvarinho presentes na XXIV Periodipesca (2016):

Casa do Cerdedo
Quinta de Alvaianas
Anselmo Mendes
Terras de Real
Solar de Serrade
Casta Boa
Adega do Sossego
Quinta de Soalheiro
Quinta do Reguengo
Reguengo de Melgaço
Quinta das Pereirinhas
Quinta de Alderiz
Vale dos Ares
Quinta da Cheira

João Martinho



RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVICO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com



Peso
Paderne
Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

No 70º Aniversário de "A Voz de Melgaço"

Antes de mais parabéns ao aniversário.

De seguida, o testemunho de um aluno (ex-seminarista), daquele que foi fundador/diretor de "A Voz de Melgaço". É com orgulho (vaidade) por me ter sido dada a oportunidade de uma vez mais trazer a memória colectiva, o exemplo, o respeito e a cultura colhidos na sementeira do P.º Júlio Vaz.

Não sendo melgacense por nascimento, a minha ligação ao P.º Júlio é bastante e dá-me autoridade agora para saudar o homem, o professor, o jornalista e o sacerdote íntegro que foi o melgacense P.º Júlio Vaz.

É exigência de gratidão ao professor pela amizade dispensada ao Zé Maria (aluno).

Formatado nos valores humanos-cristãos do Seminário de Braga, foi lá que encontrei, fazendo parte do corpo docente, em 1950, o P.º Júlio a lecionar Português e História.

No entanto, só em 1955 (5.º ano) tive a honra de ser seu aluno na disciplina de História de Portugal. Então conheci o professor sério, competente e democrata, qualidades vivenciadas na aula onde imperava a disciplina e a justiça, sem faltar a boa disposição, fruto de uma piada oportuna.

Os valores que hoje mantenho são resultado da educação recebida na Seminário, instituição que o Pe. Júlio quis actualizada, não tivesse ele escrito "Actualização", obra avançada para o tempo, a merecer elogios de todos os quadrantes.

Conheci ainda o Pe. Júlio como jornalista quando em 1961, após a saída do Seminário, senti o seu apoio, pois trabalhava a seu lado no "Diário do Minho" como revisor de provas do jornal. Foram só uns meses mas de rica experiência.

Depois também fomos amigos, o que me deu coragem para em 1967 o convidar para testemunha qualificada do meu casamento com a Maria de Lurdes, casamento que conta já vida longa com as bênçãos do Pe. Júlio, numa amizade sincera.

Foi com o Pe. Júlio que aprendi a estar de pé diante dos homens, de joelhos só diante de Deus.

Saúdo, na oportunidade, aqueles (familiares) que assumiram a responsabilidade do jornal que leio com muito gosto.

É como se fosse um melgacense (que o é do coração).

Braga, Junho de 2016.

José Maria da Costa Oliveira

Um parto difícil mas muito saboroso

É difícil imaginar as canseiras que há que vencer para apresentar aos leitores uma nova edição de aniversário. Dificuldades que acresceram por termos só 2 dias úteis depois do dia 25 de Maio para finalizar o jornal. Aconteceu ainda que o João Martinho só conseguiu enviar-nos os seus textos (18) na madrugada do dia 31. Mas felizmente aqui estamos e com um jornal de aniversário que deveras nos orgulha e creio que dará também muita satisfação e alegria aos nossos estimados leitores, anunciantes, colaboradores e amigos. É para eles e para o bem de Melgaço que nos entregamos a esta exigente tarefa.



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

A Capela de Santo António da Quinta de Galvão



Há cerca de dois anos, o Doutor José Marques escreveu-me a sugerir que escrevesse alguma coisa sobre a Capela de Santo António da Quinta de Galvão. Respondi-lhe que sobre este assunto já o Dr. Augusto César Esteves se pronunciara e citei-lhe as Obras Completas publicadas pela Câmara Municipal de Melgaço.

Há tempos, percorrendo, como sempre faço, o livro de "Padre Júlio Vaz apresenta MÁRIO", cheguei à conclusão de que nem tudo tenha sido dito, e, portanto, resolvi pegar no tema.

Em primeiro lugar, a fundação da capela que resultou da junção de esforços (vontades e dinheiros) entre o herdeiro da Quinta, António Lobato de Sousa e Castro, com filiação na Quinta do Fecho, com suas irmãs D. Madalena Felgueiras Soares, D. Francisca de Cavedo Araque, D. Maria Lobato de Castro, D. Jacinta Zores de Castro, D. Antónia Soares Barbosa e D. Juliana Felgueiras, os quais, em escritura da fábrica, efectuada em 28 de Novembro de 1694, nas casas de morada de D. Madalena e suas irmãs, foi dito que por favor de Deus e licença do Ilustríssimo Arcebispo Primaz "pretendiam fazer uma capela dedicada a Santo António em o lugar de Galvão junto das suas portas fronhas pegado na estrada para quem vem da freguesia de Prado para a vila de Melgaço a qual havia de ficar com a porta principal no mesmo caminho". (...) Recordar-se que esta era, por então, a Estrada Velha, ou seja a estrada romana que subia pela margem esquerda do rio Minho. Para a sua conservação e veneração do culto Divino davam e doavam, além de alguns bens de

raiz hipotecados e obrigados à fábrica da dita capela, e "para todo o tempo em que o mundo durasse (...) o seu campo e terra chamada da Eira contra a eira que levará de sementeira sete alqueires de centeio pouco mais ou menos que é dízimo a Deus que por parte do Nascente do Sol com as mesmas doadoras e estrada pública e do poente com vinha dos co-herdeiros de João Salgado e terras delas doadoras assim como está circundado sobre si (...) e logo deram mais para a fábrica da dita capela uma alva e amito e um cordão e um chalote de lã branca com sua franja de cera de cor de ouro e uma estola e manípulo da mesma fábrica e outrossim um missal novo com um forro de tábua com um caderno no fim do missal com estampa de Santo António de missas particulares, Item mais um cálix de prata com sua patena também de prata e uma caixa encourada de preto que anda com o dito cálix e uma campainha de metal e com sua mesa de corporais e véu do cálix(...)".

Em segundo lugar a pedra de Brasão de Armas cuja leitura o MÁRIO efectuou, embora de uma forma imprecisa e omissa. De facto, a Carta de Brasão de Armas que cita, concedida por D. João V em 1740, e que é a que eu possuo por legitimamente me pertencer, e a legarei ao meu filho Gaspar, nada tem a ver com a que está representada na capela que duvido até tenha sido registada no Livro de Nobreza. Esta deve lá ter sido colocada depois da ida de meu bisavó Gaspar Pereira de Castro para Melgaço, aí por 1859/1860, e o lobo do timbre será dos Lobatos, o que,

aliás, faz todo o sentido.

Em terceiro lugar, e relativamente aos santos, do lado do Evangelho encontra-se o primitivo Santo António, com a particularidade de suportar no braço esquerdo um alforge, o que não é nada habitual. Não dá, pois, para perceber como o Dr. Augusto escreve que "nenhuma das imagens tem qualquer valor artístico".

Ao centro está Nossa Senhora da Conceição, salvo erro com altura de um metro, e que veio da Galiza, dentro de um feixe de palha, quando a quinta foi vendida pelo meu tio - Avô Lopo Pereira de Castro. Estava numa capela da igreja paroquial de S. Paio de Alveios (séc. XIII), e isso tive ocasião de verificar quando há cerca de 40 anos lá me desloquei com o meu Amigo João Evangelista Caldas da Costa da Quinta do Beiral, concelho de Ponte de Lima.

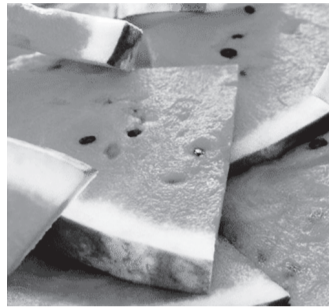
Dos outros santos, presumo que lá se encontre, além dos santos citados, um Santo Amaro que na década de 50, o Gualdino de Prado, que era um trolha que andou numas obras do meu Pai, se prontificou para restaurar e restituiu, depois, como se pode imaginar, num estado lamentável.

Disseram-me, já não sei quem, que há uns vinte anos lá desapareceu uma imagem que só pode ser de Santa Bárbara ou São Caetano. Como as coisas estão, e depois de lá ter desaparecido o dito missal, que muitas vezes me recordo de ver "claramente visto", nada me diz que outras imagens não venham a levar sumisso. Mas isso, sendo uma pena, já não são, felizmente!, contas do meu rosário...

Alberto Pereira de Castro

A melancia fruto de verão

Embora este ano a primavera tenha usado durante muitos dias o fato de inverno, terá, naturalmente, que dar lugar ao verão. Esta estação vai de certeza presentear-nos com dias quentes, com mais luz solar, pois a inclinação do eixo terrestre faz com que o lado sul ou norte do planeta receba mais luz do sol, enquanto o outro lado recebe menos luz. Com a chegada do calor, o organismo perde muita



água e cabe a cada um repor a quantidade de água necessária, para que o corpo funcione corretamente. A água é uma fonte de vida indispensável a todos os seres humanos. Se devemos beber uma quantidade de água considerável no Inverno, no verão, as exigências de consumo são bem maiores. Perdemos, em média, 2,5 litros de água por dia, sendo necessário preencher essa lacuna líquida, do nosso organismo, através de alimentos e de água. Um dos alimentos ricos em água é a melancia que ajuda a desinchar o corpo e a regular a pressão alta, porque é diurética, a diminui o apetite por ter fibras que mantêm o estômago cheio por mais tempo e ainda alivia a prisão de ventre, porque facilita a eliminação das fezes. Muitas pessoas sabem que a melancia sacia a sede no calor do verão.

A Melancia é uma falsa baga da família da cabaça, com forma oval ou circular, coberta com crosta densa e lisa.

Além do valor nutritivo, toda a fruta possui também propriedades medicinais: vitaminas, minerais, fito nutrientes e elementos fitoquímicos que combatem de forma eficaz, muitos tipos de doenças. Além de doce e muito refrescante, a melancia é muito nutritiva. Possui hidratos de carbono (açúcar), betacaroteno (provitamina A) e vitaminas do complexo B e C. Também apresenta cálcio, fósforo, ferro e muita água. O licopeno e glutathione, compostos que a melancia possui em abundância, são responsáveis por proteger o organismo contra o cancro e a oxidação celular.

A melancia é boa para a saúde e a lista dos benefícios deste fruto cresce a cada novo estudo realizado.

Os ingredientes benéficos à saúde, encontrados em frutas e legumes em geral, são conhecidos como fito nutrientes. Na melancia, são encontrados fito nutrientes como o licopeno e o betacaroteno. O fito nutriente presente na melancia que tem atraído mais a atenção dos cientistas é a citrulina, capaz de relaxar os vasos sanguíneos, da mesma forma que o Viagra o faz. Quando a melancia é consumida, a citrulina é convertida em arginina por enzimas. A arginina estimula a produção de ácido nítrico, que relaxa os vasos, o mesmo efeito básico que o Viagra tem para tratar a impotência e até mesmo preveni-la.

O chá para a impotência sexual, à base de semente de melancia, parte do mesmo pressuposto de que, sendo vasodilatador, vai fazer com que haja mais circulação de sangue na região dos órgãos sexuais, favorecendo a ereção e melhorando o problema da impotência.

De acordo com a medicina popular, a semente de melancia pode tornar-se também uma aliada no controlo da pressão alta, pois contém substâncias vasodilatadoras, que melhoram a circulação sanguínea e ajudam a combater a hipertensão e a retenção de líquidos.

Principalmente no verão, a melancia é a segunda fruta mais consumida no mundo, só ultrapassada pela banana. É composta por 92% de água, estimulando a vontade de urinar e baixando os níveis de ácido úrico do organismo.

Ao contrário da polpa, para consumir a semente de melancia inteira, tem que se ter consciência do seu alto teor calórico: cada cem gramas da semente corresponde a cerca de 557 calorias. Assim, o melhor é consumi-la com moderação, de preferência em sumos batendo a polpa junto com a semente.

Teresa Tábuas

Município de Melgaço reduz dois milhões na dívida em menos de dois anos

O Relatório e Conta de Gerência de 2015 do Município de Melgaço, aprovado por maioria em Assembleia Municipal realizada a 30 de Abril, aponta indicadores positivos à gestão do executivo liderado por Manoel Batista.

Na última Assembleia Municipal, o autarca congratulou-se com a diminuição da dívida em dois milhões de euros no último ano, segundo os documentos apresentados.

Ainda segundo este relatório a autarquia vê aumentada a sua capacidade de endividamento, uma soma bem mais folgada do que a que se verificava a 31 de Dezembro de 2014 (95 mil euros) passando agora para os 3 milhões de euros. Face aos números, Manoel Batista destaca o aumento da "capacidade de investimento", o que permitirá "encarar o futuro com mais optimismo".

Igualmente positivo foi a redução do montante de pagamentos em atraso para cerca de meio milhão de euros, praticamente metade do verificado em 2013, em que era superior a um milhão de euros.

Na última Assembleia Municipal foi ainda aprovado o regulamento para a atribuição de títulos honoríficos. "A Câmara Municipal, como legítima representante da comunidade melgacense tem o dever de demonstrar gratidão e apreço institucionais aos cidadãos e instituições que, de qualquer forma, honraram, prestigiaram e promoveram o município, contribuindo para o seu desenvolvimento e bem-estar da população", pode-se ler na proposta remetida aos deputados da Assembleia Municipal.

PSD contesta números positivos da autarquia
"Só o aumento da cobrança de impostos e subsídios salvaram a autarquia do resultado líquido negativo", diz Jorge Ribeiro

Na sua declaração de voto contra, em reunião no final de Abril, o PSD apontou alguns números de causa-efeito que terão suportado o executivo à apresentação de um saldo favorável, como o aumento da cobrança de impostos directos, derivado do aumento da taxa do IMI, ou o aumento de 1571 mil euros no resultado líquido, explicado pelo aumento de 977 mil euros das transferências e subsídios e de 797 mil euros de resultados extraordinários – do acordo com a Águas do Norte – e de 70 mil euros de custos extraordinários, entre outros. "Se assim não fosse, teria um resultado líquido negativo de perto de 270 mil euros", frisa Jorge Ribeiro.

O líder do PSD Melgaço nota ainda a considerável quebra da transferência corrente para as Freguesias, que terão ficado em menos de cinquenta por cento do previsto, e ainda a transferência de capital, que terá ficado em cerca de 24 por cento. Em relação a estes números, Jorge Ribeiro explica que "dos 442 mil euros que as juntas previam receber, em função do orçamentado pela Câmara Municipal para o ano de 2015, apenas receberam 106 mil euros".

Sobre o controlo orçamental da receita, o PSD Melgaço aponta para números que consi-

dera serem reflexo do "marasmo económico", que pode agravar a viabilidade do concelho. "Verificamos que as receitas com IMT ficaram pelos setenta e dois por cento e as relativas a publicidade e ocupação da via pública apenas oito por cento e onze por cento do esperado pelo executivo. Estes números são tão mais preocupantes quando se trata de um indicador claro do marasmo económico que o executivo finge não ver, fazendo previsões completamente alheadas da nossa realidade. Enquanto não se enfrentar a realidade tal como ela se apresenta, não se poderão tomar as necessárias medidas", nota.

O líder social-democrata 'ataca' ainda as tarifas aplicadas ao consumo de água e saneamento, com cobranças "acima do esperado", com estimativas na ordem dos 115% na venda de água; 144% no saneamento; 113% nos resíduos sólidos e 123% nos ramos de água. Valores que, segundo o líder do PSD, "deveriam fazer o executivo refletir sobre as tarifas aplicadas, uma vez que excedem em muito o previsto. Deveriam as populações ser aliviadas no encargo que a autarquia lhes imputa", concretiza.

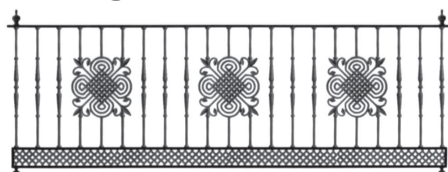
Na análise ao plano plurianual, o PSD sublinha que, no respeitante ao desenvolvimento económico, o planeamento tem uma taxa de execução na ordem dos 27 por cento; a regeneração urbana com 4,32 por cento; acessibilidades em zona rural com 26 por cento; sinalização e segurança rodoviária com 37 por cento e os equipamentos desportivos e de lazer com 2,31 por cento de concretização.

Ainda na declaração em que justificam o voto negativo às contas apresentadas, o PSD observa não aceitar que em 2015 "tenham sido gastos 44 000€ (3.666€/mês) em publicações da Câmara, quando uma instituição como os Bombeiros Voluntários, cuja importância e dificuldades que atravessam são sobejamente conhecidas, apenas recebem 51000 euros. Não podemos aceitar que a Câmara gaste mais com as suas publicações do que transfere para sete freguesias juntas", ressalva ainda Jorge Ribeiro.

João Martinho

SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista – Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

"Habemus vinum" V (IIIª série) Cuidado com as imitações

Muito recentemente um amigo ligado a uma grande empresa de vinhos, confidenciava-me que uma das marcas de topo dessa empresa estava a ser vítima de fraude.

Isto é, encontraram à venda garrafas contrafeitas, exactamente iguais às originais, só com a diferença de que o vinho nelas contido não correspondia com a verdadeira qualidade da marca.

Esta situação anómala levanta as mais variadas questões sobre o assunto, sendo a primeira delas, a desonestidade de quem praticou tal situação. É uma manifesta "vigarice" a qual foi detectada pelas entidades fiscalizadoras, e que deve ser devidamente punida pelas leis em vigor.

Muitas dessas garrafas, segundo informação da revista Vinhos, de Janeiro deste ano, acabaram por ser vendidas numa loja do aeroporto de Lisboa, tendo como principal mercado o Brasil e Angola. A perfeição da falsificação desde as garrafas, rótulos e até as próprias caixas de madeira eram um facto, o que levava o potencial cliente a acreditar estar na presença de garrafas absolutamente perfeitas, quer no aspecto quer no seu conteúdo. As marcas vítimas desta contrafeição, eram o vinho Barca Velha e o Pêra Manca, numa soma bastante avultada em euros.

Segundo os inspectores da ASAE, este trabalho de fiscalização teve o seu início já no ano de 2015, e visava no fundo a protecção já não só do produto nacional nessas lojas vocacionadas na venda para o estrangeiro, mas descobrir o circuito dessa falsificação. Porém, segundo dados revelados por um alto responsável da ASAE da instituição, na reportagem da revista, o problema pode manter-se ainda no circuito de venda "online", já que é mais difícil controlar isso através da internet.

Desse modo, e segundo as informações prestadas, convém que seja o próprio consumidor a estar esclarecido com os vinhos dessas marcas, de modo a não comprar gato por lebre. Uma referência importante, é estar a par dos preços no mercado destes vinhos e



no caso de compra exigir factura.

Importa referir que ambas as casas produtoras destes vinhos – a Sogrape e a Fundação Eugénio de Almeida – as quais colaboraram na investigação, tomaram também na altura própria medidas para protegerem estes seus produtos de alta gama.

As garrafas de Pêra Manca do ano 2011, e que foram colocadas no mercado em 2015, já saíram para o mercado equipadas com um sistema de segurança, o qual inclui também um código que pode ser validado na marca, garantindo desse modo a protecção ao consumidor de fraude; por sua vez as garrafas de "Barca Velha" têm colocado um holograma no seu rótulo e as garrafas estão já personalizadas com relevo, evitando desse modo a sua falsificação.

Mesmo com estes novos atributos colocados nas garrafas, deve o consumidor ficar atento e ver a garrafa atentamente, situação que não se verifica se a compra for feita "online".

Estas fraudes verificadas no nosso país são uma pequena amostra daquilo que acontece no mundo.

Atendendo ao alto preço que muitas garrafas de vinhos atingem, acaba por ser tentador para os falsários entrarem em esquemas de falsificação de vinhos, mormente na China.

Segundo revela a mesma revista, um produtor português de visita à China, aqui há uns anos atrás, viu o seu vinho "clonado" naquele país, e nem queria acreditar que tinha o mesmo sido falsificado com 60.000 garrafas!

Inacreditável!

O GENUÍNO ALVARINHO

Não queria deixar de me referir à edição de mais uma festa do Fumeiro e do vinho Alvarinho que se realizou em Melgaço, no último fim-de-semana do mês de abril, e quase com toda a certeza que foi um êxito.

Tive um amável convite do Luís Vergara para estar presente, mas apesar de me encontrar uns dias antes no continente, não me era possível adiar a minha vinda por motivos profissionais e não pude estar presente como gostaria. Fica desde já a promessa de, no próximo ano, agendar uma ida a este evento, para desse modo continuar a pugnar para que o "alvarinho" não deixe escapar as suas verdadeiras origens em Melgaço e Monção.

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com
a antiga ortografia).

Junho é mês de festa

Cada número d'A Voz de Melgaço tem as suas particularidades, há quase sempre qualquer coisa de novo, por isso muitos leitores que eu conheço testemunham que, antes de se entregarem à leitura propriamente dita do jornal, o folheiam de ponta a ponta em busca dessa especificidade que faz muitas vezes a diferença. É assim que eu faço também. E tal como outras pessoas, atordo-me na necrologia, sobrevoos os textos que não são surpresa, tomo nota de alguns que reportam a publicações de mais ampla divulgação e passo à frente, recuso alguns, fico atenta a outros. Depois de uma primeira observação, segue-se a fase da leitura e em cada número sente-se a voz da terra, da nossa terra, às vezes até pelos artigos que não tendo grande interesse para mim, remetem para pessoas conhecidas, para outras épocas, outros lugares, outras mundividências. Até a publicidade, que deve ser tão cara ao Senhor Diretor (imagino que seria difícil viver sem ela), acaba por ter um papel de ligação e convida a introspeções e viagens ao passado. Quem nunca se terá interrogado sobre quem estará agora à frente da empresa tal ou como certos produtos atingiram uma visibilidade de que os melgacenses se orgulham?

Hoje o jornal é feito com recurso a tecnologia moderna, limpa, mas deve haver leitores que se recordam de outra época, em que o mesmo era ainda uma "criança" e era obra de um tipógrafo que tinha de construir cada palavra, cada linha, cada texto, letra a letra... Era tudo a preto e branco, claro! A Voz de Melgaço foi assim composto durante anos e beneficiou da tecnologia do Diário do Minho, mas na Vila houve um notável organizador de letras que costumava trabalhar de janela aberta, quando o tempo o permitia. Era o Senhor Fabiano da Costa e os miúdos que iam para o colégio ou regressavam a casa pela rua da Barbosa podiam observá-lo na exigente e morosa tarefa de composição do Notícias de Melgaço. Era possível debruçar-se sobre o parapeito da janela e ficar a vê-lo e a sentir o cheiro da tinta. Hoje sofro de anosmia (ausência ou perda de olfato) mas tão presente como a imagem do fazedor do jornal, sinto com nostalgia o cheiro forte da tinta e imagino as conversas que naquela janela ao nível da rua davam asas à imaginação das crianças curiosas que ali se detinham. O senhor Fabiano falava connosco, não nos espantava e até conhecia alguns pelo nome.

Escrever para o jornal está a tornar-se um hábito e a disponibilidade do Padre Carlos para acolher os textos que lhe sugiro são um estímulo. Por isso não podia deixar de responder ao seu convite para me juntar às felicitações pelo aniversário d'A VOZ DE MELGAÇO. Assim, aqui expresso as minhas felicitações ao Diretor e à sua obra, bem como votos de um futuro risonho para ambos.

M. O. D., Lisboa, 25 de maio de 2016

Allianz

Liberty
Seguros

LUSITANIA
Grupo Montepio

AVA

MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp nº 413392428

Rigor no Preço... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

EXPOCAÇA 2016

Decorreu mais este evento, deveras importante para os Senhores Caçadores e empresários da Caça.

Melgaço, Monção e Valença, tiveram a presença de alguns dirigentes/caçadores de Clubes de Caça, interessados em terem outra visão sobre o futuro da Caça, já que se adivinham dias difíceis..

E este ano, foi tema de conversa – A NOVA TAXA NO CHUMBO. O Senhor Engº Jacinto Amaro, Presidente da FENCAÇA, foi muito claro, ao afirmar que... “a Taxa no Chumbo, irá ajudar a matar a caça...”

Por sua vez, a FENCAÇA, considera que se deverá apoiar restrições graduais ao uso da munição no chumbo, em zonas húmidas e que a proibição generalizada teria consequências negativas em toda a EU.

LIVRETES das armas (antigos): Terão de ser substituídos, com a apresentação da arma, na PSP e o pagamento do seu custo a rondar os 22 euros..

CARTA DE CAÇADOR: Foi publicada a Portaria nº 140-B-2016 de 13 de Maio, que regula a obtenção da nova Carta de Caçador..

O grupo de caçadores, da nossa terra, deslocados à Expoçaça, aproveitaram para uma ida a Almeirim (sopa da pedra) e ao leitão da Bairrada (na Casa de Pasto da Júlia Duarte...).

05 JUNHO (Domingo) MADRID Grande Manifestação dos Caçadores

NOTA: Ainda há vagas, com passagem pela Caniza, às 03H00 e regresso pelas 22H00. (Tel. 932 226 969).

“Um caçarreta”



30.000€ M019/2014



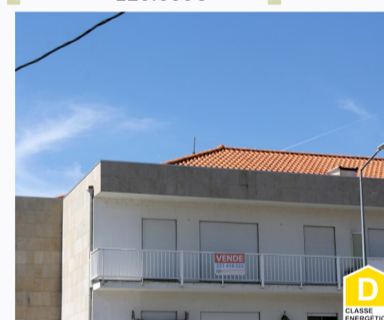
Excelente propriedade com terreno de cultivo com 2300m2 e boa exposição solar situado na freguesia de Paderne.

65.000€ M015/2015



Ótimo terreno de cultivo com vinha alvarinha implantada e a produzir, com cerca de 1 hectare. Valor negociável.

120.000€ M045/2014



Apartamento T3 nas Carvalhiças. Cozinha equipada, apartamento com pré instalação de aquecimento a gás, amplo, bem localizado, com arrecadação, com

120.000€ M010/2014



Morada de r/c e andar, anexo, rossios e terreno de cultivo com aptidão construtiva. Local tranquilo e aprazível com boa exposição solar.

135.000€ M028/2015



Morada de rés-do-chão e andar, com rossios e anexo. Ótima localização e boa exposição solar. Área total 500m2.

398.000€ M014/2013



Quintinha composta de moradia de 2 pisos, anexo, rossios, pomar, terreno de cultivo e vinha alvarinho. Área total aproximada de 9000m2. Excelente localização junto ao parque termal do Peso.

100.000€ M049/2015



T3 espaçoso com arrumos, lavandaria e frentes viradas a nascente e poente. Bem localizado. Valor negociável.

Administração de Condomínios



O serviço é prestado atendendo à necessidade de cada cliente, com o máximo rigor, transparência! Temos uma equipa de profissionais com formação superior, em atualização permanente de conhecimentos, potenciando assim os resultados dos serviços prestados

UKUBO Contabilidade

Informática

Imobiliária

Rua Dr. António Durães, n.º 65 r/c Dto, 4960-522 Melgaço | Telfs: +351 251 418 322 | +351 933 972 905 | www.ukubo.com | info@ukubo.com

AMI: 9383

Há 70 Anos... Um Renascer de Esperanças

Para um jornal, como a Voz de Melgaço, que mantém a sua publicação ao longo de 70 anos, gostaria de enviar, além das merecidas felicitações, uma pequena retrospectiva sobre as esperanças desse ano longínquo de 1946.

Que aspirações e preocupações se viviam na altura em que aparece este jornal como iniciativa de vida cultural e noticiosa a partilhar em terras do Alto Minho? E que conseguiu manter-se ao longo de sete décadas? Traduzindo localmente, por certo, a sensibilidade vivida, logo após o fim da guerra, de aspiração à Paz e à tranquilidade que se começou a viver nessa época. Um ponto de acumulação de esperança.

O ano de 1946 aparece como o primeiro ano do pós guerra em que a Europa e o mundo respiravam de alívio, ainda sem saber como se iria estruturar o futuro. Trouxe afinal um importante virar de página para a Europa e para o Mundo logo após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945) terminada exactamente no ano anterior.

A todos os níveis, a atmosfera que se começava a desenvolver era a de preservação da Paz com o apoio da consciencialização da importância dos valores humanos e culturais.

Buscámos uma rápida selecção de importantes acontecimentos que tiveram lugar nesse ano e que manifestam, na verdade, as preocupações em contribuir para estruturar um mundo recém-pacificado.

Sempre sublinhando o espírito e as preocupações da Paz, seguem alguns marcos que surgiram nesse primeiro ano do pós-guerra na busca de iniciativas e estruturas políticas e culturais para uma vivência pacífica.

1946 - ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS)

Acabara de se fundar a Organização das Nações Unidas no fim de 1945 e a sua primeira sessão teve lugar em 10 de Janeiro de 1946. Realizou-se em Londres, no Central Hall em West-

minster. Esse primeiro encontro da Assembleia Geral da ONU reuniu já 51 nações num fórum alargado tendo por principal objectivo contribuir para a prevenção de conflitos entre nações.

Passados 70 anos, em Janeiro do corrente ano de 2016, no evento realizado para marcar as sete décadas de existência da ONU, Ban Ki-moon pediu a continuação do espírito de cooperação entre todos os povos.

1946 - PRIMEIRAS IDEIAS SOBRE UMA UNIÃO EUROPEIA

Embora só mais tarde se viesse a concretizar essa União, as ideias de união da Europa vão surgindo já neste ano de 1946. A 19 de Setembro, Winston Churchill apela à criação duma "espécie de Estados Unidos da Europa" num discurso pronunciado na Universidade de Zurique. Uma voz profética.

Em 17 Dezembro do mesmo ano surgiu a criação da União Europeia dos Federalistas em Paris, França, esboço do que depois se concretizaria através do aparecimento da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, que se alargou para dar origem à Comunidade Económica Europeia (CEE) que actualmente designamos por União Europeia (UE).

Um caminho para unir entre si anteriores beligerantes numa convivência pacífica.

1946 - UNESCO

Sigla de United Nations Educational Scientific and Cultural Organization¹, representa uma instituição especializada da ONU com a finalidade de contribuir para a manutenção da paz e da segurança internacionais, estreitando colaborações entre países nos campos da ciência, cultura e comunicação. Focada nos valores da cultura e do saber com maior acuidade, ultrapassando fronteiras, pretendia promover um novo elo de união entre países que contribuísse para a prevenção de conflitos entre nações.

Com sede em Paris, continua a ser uma importante referência

cultural a nível mundial. O seu site merece ser visitado². Muito interessante tem sido ao longo destes 70 anos a valorização e classificação dos Patrimónios da Humanidade feita através do mundo inteiro. Representa o reconhecimento de valores civilizacionais universais. A lista já comportava em 2015 um conjunto de 1031 locais classificados.

1946 - PRIMEIRO FESTIVAL DE CINEMA DE CANNES

Organizou-se também a primeira edição do festival de cinema que aconteceu, realmente em 1946. A primeira semente do Festival de Cinema em Cannes que se desenvolveu e se tornou até hoje num marco do mundo do cinema.

Uma iniciativa de valorização de expressões cinematográficas e comunicação que se expandiu como palco de sensibilização entre culturas muito diversas. Uma contribuição para a compreensão das diferenças.

PARA O FUTURO... UM NOVO RENASCER DE ESPERANÇAS

Apenas nos cingimos a reenquadrar memórias do longínquo ano de 1949, primeiro ano pós-guerra, embora em tempos difíceis. Foi um ano extraordinário em iniciativas de esperança para a manutenção da paz e da compreensão entre as nações.

Um ano de bons augúrios e esforços no caminho da Paz.

A Voz de Melgaço iniciou-se nesses tempos difíceis. A nível local participou, partilhou, estabeleceu comunicação, cultivou valores.

Um longo percurso se construiu ao longo de 70 anos... Mas há sempre novos desafios e trajectórias a percorrer.

A caminho de uma nova década!

M. J. Lobo
Maio 2016

Não é contigo mas connosco

- E se fosse consigo?!...
- E quem diz que não se passou?!...
- O que farias?!...
- Talvez o que faço agora?!...
- A guerra bate à tua porta?!...
- A guerra "guerra" não!... Mas a luta pela sobrevivência com um mínimo de dignidade sim!...
- A fome senta-se à mesa?!...
- Qual o Português que não passa privações?!... A fome "fome" não!... Mas que se passam necessidades passam!...
- A morte ronda o quarto onde vives?!...
- Quando não há dinheiro para medicamentos e para pôr comida na mesa, como é a tua vida?!...
- Em que inferno vives?!...
- Vai-se vivendo no limbo da crise?!...
- O que levarias na mochila?!...
- Com certeza que carregaria a esperança e a fé de que um mundo melhor preencha as lacunas da realidade que nos cerca!...
- Onde está o teu Mediterrâneo?!...
- Enquanto houver um cidadão grego de mãos dadas com a solidariedade e fraternidade, o rebote da consciência mundial tem de estar na ordem do dia!...
- Terra à vista?!...
- A acção do Papa Francisco é a continuação do trabalho dos Homens de Boa Vontade e a afirmação de que somos todos a mesma Família!...
- A linha do horizonte é Mar?!...
- Quando a escuridão penetra no coração, o sal das lágrimas não é suficiente para tapar as brechas fanáticas que matam à descarada o direito de viver!... Por isso há Mar e mar... há ir e voltar... com ou sem linhas no horizonte!...
- Encontras encruzilhadas em teu caminho?!...
- Quando o ódio tolda a vista, embrutece a razão e penetra no mais íntimo do nosso ser, os trilhos por onde a caminhada se faz não deixam que teus pés usufruam de uma sã viagem!...
- Sentes de alguma forma a dor do refugiado?!...
- Tenho a sorte e o privilégio de ter nascido numa terra chamada Portugal. Os filhos de Portugal sabem ser solidários na dor e obreiros na construção de um amanhã! Mas a dor de cada um só o próprio a carrega!... Sentir uma mão amiga e um ombro à disposição pode fazer a diferença!
- Tens opinião?!...
- Falar na casa dos outros é mais fácil?!... Fazer juízos de valor não é alinhar em contradições éticas e morais! Quem foge da guerra e da fome não pode ficar à mercê de políticos da devastação e na mira dos que ganham milhões à custa da miséria alheia!...
- E se fosses tu?!...
- Somos todos!... São milhões de deslocados que carregam as intolerâncias e injustiças de dezenas de fanáticos!
- Mas é gente como nós que pode e deve fazer a diferença ao alertar consciências e abrir as fronteiras da fraternidade e da igualdade. Não há melhor bagagem que a da justiça e igualdade.

Helena Matos

ALUGO PARA FÉRIAS JULHO/AGOSTO

NA VILA, JUNTO ÀS MURALHAS, RÉS/CHÃO
INDEPENDENTE COM:

4 Quartos, 2 Casas de Banho, Cozinha, Sala de Estar
com TV e Internet, Grande Terraço com Churrasqueira.

Tel: 251 403 019 · Tlm: 968 674 608

Executivo autárquico visitou Freguesia de Fiães Casa mortuária e saneamento são as próximas intervenções a concretizar



Depois da União de Freguesias de Chaviães e Paços; Fiães foi a freguesia a ser visitada nesta segunda deslocação do Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, acompanhado pelo executivo e técnicos municipais, no cumprimento do périplo que se propõe fazer por todas as freguesias do concelho até ao final de 2016.

A 17 de Maio, Manoel Batista reuniu no terreno com o presidente da Junta de Freguesia de Fiães, José Luís Doureiro e restantes membros daquela autarquia, para "ter noção de algum trabalho que a Junta de Freguesia, com ou sem a colaboração da Câmara, foi fazendo".

"Tenho a dizer que tem sido muito activos e dinâmicos no sentido de procurar soluções para as questões que são colocadas", congratulou o autarca.

Nesta visita, foram visitadas as obras em curso, nomeadamente a obra de requalificação da antiga escola primária de Fiães, que será a futura Casa Mortuária da freguesia. "Mais um ou dois meses e estará pronta", garante Manoel Batista.

O executivo visitou ainda a intervenção a realizar na Adavelha,



com vista a alargar a via de acesso, resultante do derrube de uma casa antiga e já desabitada "que estrangulava a estrada principal". "Levamos connosco um projecto de requalificação do largo".

O autarca promete ainda que o saneamento será a próxima prioridade da autarquia. "Com as candidaturas que estão agora a ser abertas, teremos a oportunidade de fazer intervenção no saneamento", diz.

Apesar de figurar como uma das freguesias com menos população do concelho de Melgaço, o que significará menos transferência de verbas, o edil melgacense garante que "o apoio da autarquia será o

mais equitativo", ainda que a capacidade económica da freguesia de Fiães seja "muito boa, o que lhe permite não depender da Câmara para os seus investimentos".

Substancialmente compensada devido à localização de aerogeradores em território administrativo da freguesia, este reforço de capital "permite um rendimento que dá fôlego e liberta desta dependência da autarquia".

"Tem feito muita intervenção a custos próprios, da própria Junta mas sempre, e isso é de louvar, sempre em articulação com os nossos serviços", sublinhou Manoel Batista.

João Martinho

Vinhos de Monção e Melgaço já têm Selo de Garantia Exclusivo Marca distinguirá "a origem do Alvarinho"



O Plano de Promoção da sub-Região de Monção e Melgaço, cujo arranque se efectiva em 2016, é liderado pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) e conta com três milhões de euros para um período de seis anos, durante os quais "a origem do Alvarinho" será sublinhada com um selo de garantia exclusivo, entre outras acções de alavancagem autónoma daquele território dentro da Região.

Fruto do "Acordo Alvarinho", o Plano de Promoção efectiva a

certificação da autenticidade, origem e qualidade dos vinhos de Monção e Melgaço através da aposição de um selo de garantia novo e exclusivo atribuído pela CVRVV, sublinhando um segmento de maior valorização dentro do universo "Vinho Verde".

Paralelamente, um projecto específico de promoção vai desde a certificação até campanhas publicitárias, programas de formação, apresentações à comunicação social e ao trade ou provas técnicas que potenciem as características diferenciadoras dos produtos vînicos de Monção e Melgaço. Enquanto berço dos famosos vinhos da casta Alvarinho – considerados o ex-libris da Região dos Vinhos Verdes – a sub-Região será alvo de acções de promoção que a posicio-

nam com a assinatura "a origem do Alvarinho" de forma distintiva.

Para o Presidente da CVRVV, "este é um projecto aliciante e com fortes indicadores de sucesso, uma vez que se trata de uma sub-Região com características muito particulares e largamente apreciadas na sua diferença. Certificar com um selo de qualidade superior os vinhos de Monção e Melgaço é uma forma de reconhecimento do extraordinário trabalho que foi desenvolvido naquele que é considerado o berço do Alvarinho. 2016 é um ano de arranque e de certeza, pois temos seis anos para fazer chegar ainda mais longe a sub-Região que tanto se distingue na Região dos Vinhos Verdes", refere Manuel Pinheiro.

João Martinho

Escuteiros de Barroselas visitaram Cevide e o marco N°1



O espírito da descoberta invadiu os elementos da 3ª Secção dos Pioneiros do Agrupamento de Escuteiros nº85 de Barroselas, e Cevide foi o ponto de partida para conhecerem o lugar nº1 de Portugal, como o marco fronteiriço o atesta, e a envolvente da linha raiana no concelho de Melgaço.

A convite de Mario Monteiro, um dos moradores e promotor da campanha "Cevide – Aqui Começa Portugal", os jovens e dirigentes responsáveis rumaram ao lugar da freguesia de Cristóval, a 14 de Maio, tendo pernoitado em Cevide, na Casa da Netinha, propriedade de Mário Monteiro.

A iniciativa do Agrupamento nº85, um dos mais antigos do país que promove saídas formativas e de cariz cultural aos jovens escuteiros, trouxe até à raia os elementos daquele que é um dos agrupamentos mais antigos do distrito.

A experiência desta visita à geografia do lugar fronteiriço é-nos apresentada por Marta Castro, de 17 anos, cinco de escutismo. "Levamos imagens novas, um ambiente diferente. E sabemos onde começa Portugal, que até agora não sabíamos", ressalva.

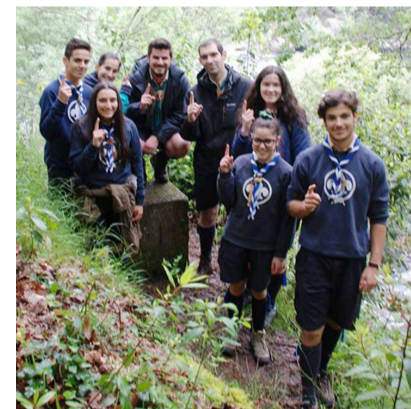
Sobre o escutismo, partilham um episódio com que não imaginavam confrontar-se. Na sua ida à missa, no domingo de manhã, são questionados sobre o que é um escuteiro. Por isso, e sem por menorizar, Marta diz-nos o que é para si o escutismo.

"É uma escola para a vida, ajuda-nos em termos sociais e a nos próprios. O que fazemos nos escuteiros não é o que fazemos no dia a dia, saímos do stress do dia a dia, é diferente. É como uma actividade de lazer, mas com disciplina", esclarece.

Gabriel Barbosa, dirigente responsável pela 3ª Secção dos Pioneiros, conta-nos como foi lidar com os imprevistos (positivos) desta visita e conhecer a fronteira até à linha do traçado no mapa. "Não conhecia Cevide, por isso resolvemos vir a este bocadinho de Portugal. A ideia era acampar, e montamos a tenda, mas como o Mário [Monteiro] nos recebeu na quinta de braços abertos, nós ficamos em convívio na zona já restaurada e ficamos a dormir lá dentro", conta.

Em Cevide, lugar com assinalável referência histórica e geográfica, os jovens escutistas somam esta localidade aos lugares já percorridos, que ressaltam ter consideráveis diferenças em relação ao Vale do Lima. Por cá, conheceram os marcos e gentes de Melgaço e da Galiza, passeando entre fronteiras territoriais em convívio. Na bagagem, levaram imagens e histórias de Cevide, onde a fronteira era o obstáculo mas muitas vezes o mote dos acontecimentos.

João Martinho



Melgaço quer unir o comércio local através da internet

A Câmara Municipal de Melgaço apresentou, a 18 de Maio, um projecto que pretende reestruturar a capacidade económica do comércio, serviços e empresas de Melgaço.

A sessão, que reuniu empresários e comerciantes locais, contou com a apresentação das linhas mestras do projecto pelo arquiteto José António Lopes, do gabinete de estudos que irá trabalhar este modelo.

Essencialmente, a proposta elaborada propõe-se concentrar, através do portal "Viver Melgaço", produtos e serviços do município, servindo como base de dados e central de serviços e compras para que qualquer visitante ou usuário frequente possa ter acesso a uma plataforma abrangente.

Para que a oferta seja concetada e apoiada pelas mesmas ferramentas, o projecto propõe criar uma marca que promova os serviços e produtos locais sob uma identidade conjunta, o que, como o projecto sugere, poderá identificar-se como "Viver Melgaço".

Para lá do conceito digital, a proposta de trabalho pretende também promover acções de formação dos agentes activos da economia local, envolvendo escolas profissionais, que vocacionarão cursos para o sector do comércio.

No aspecto comercial, e para que a programação de iniciativa reúna um 'bouquet' mais aliciente para quem visita, esta ferramenta permitirá ainda agilizar a articulação entre o calendário de actividades públicas e as de iniciativas dos privados.

Em termos de vantagens, esta rede pretende facilitar os comer-



ciantes e a vida ao utilizador do digital, como será o caso do alojamento, em que será privilegiada a chegada de reservas através deste portal; mas também beneficiar os vendedores/prestadores de serviços, criando condições preferenciais para os comerciantes aderentes, isentando-os de qualquer custo pelo uso dos terminais de pagamento.

O representante do gabinete de estudo desta proposta, José António Lopes, nota que, nestas primeiras linhas "os que vão ser directamente beneficiários serão o comércio, a restauração, o alojamento."

Questionado por este jornal sobre a perda de dinâmica e sustentabilidade do comércio local, o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, apontou para os indicadores nacionais e até europeus, cuja perda demográfica tem ditado também uma perda mais notória nas regiões mais frágeis.

"É um assunto que mexe com problemas delicados da nossa estrutura demográfica e social. Temos perdido ao longo das últimas

décadas muita população, mas connosco estão territórios do país de Norte a Sul, não é só Melgaço. O problema demográfico é do país e até ocidental. Em dados que há dias me foram apresentados, a Alemanha é porventura, apesar de não parecer, o país da Europa que mais está a sentir este problema da perda da demografia", apontava o autarca.

"Em 1961 éramos cerca de vinte mil habitantes, volvidos 40 anos reduzimos para cerca de nove mil", sublinhava ainda o autarca, indicando que o executivo tem tentado "trazer gente que nos ajude, ao executivo e aos serviços, a pensar estratégias que possam contrariar as consequências económicas deste problema demográfico e contrariar o próprio problema demográfico".

"Todos sabemos apontar o dedo para fora, que não aparece ninguém, mas também vamos furando"

A premissa, que o autarca admite não ser fácil, poderá ser de longo prazo no retorno. "É um desígnio para o resto do mandato e para o mandato seguinte ter no



seio da autarquia um grupo de gente que ajude a pensar permanentemente naquilo que poderão ser intervenções para o futuro e estratégias que nos ajudem a ver o que queremos ser e como lá chegar, num horizonte de pelo menos vinte anos, porque acho que temos de fazer este exercício com longevidade", concretiza.

Neste contexto, Manoel Batista frisa que "a lógica de 'salve-se quem puder' nem sempre é a melhor lógica" e que será no pensar colectivo que assentará o novo projecto.

Em sentido figurativo, o autarca recorre aos dedos, para apontar e colocar na ferida, com o intuito de "mudar um pouco até a nossa mentalidade, fazer com que cresça a procura interna nos nossos comércios. Porque todos nós sabemos apontar o dedo para fora, e dizer que não aparece ninguém nos comércios de Melgaço, mas todos nós também vamos de certa maneira furando, porque vamos fazer compras fora. Todos nos deslocamos ao Porto, ou a Braga, ou a Vila do Conde para fazer as nossas compras. A estratégia será cativar

aqueles que nos visitam para que passem pelo comércio local, mas também cativar o público interno para que também ele perceba que pode fazer as suas compras no comércio local", atira.

Um Grupo de Missão assumirá agora o acompanhamento e aplicação do projecto e por isso o autarca diz-se esperançoso de que "o virar de página" vai acontecer.

Potencialidades

Com a economia dos comércios de rua cada vez menos aliciente, desirmanada dos estímulos da população, os empresários e demais cidadãos pedem o desafio da produção industrial à autarquia, enquanto fixador mais permanente de mão-de-obra fabril. O autarca de Melgaço, por sua vez, não relega os planos das grandes indústrias, sublinha os que já tem algum plano e bases conquistadas.

"Melgaço tem um potencial económico brutal. Tem pilares que são estruturantes e esses pilares já estão a dar dinheiro à nossa economia. Estamos a procurar um

Continua na pág. 20

AGRADECIMENTOS

||||| AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Manuel Fernandes

Vila - Melgaço | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Amélia de Jesus Pires

Falagueiras - C. Laboreiro | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



||||||| AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Flávia Augusta de Freitas

Galvão | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Júlia Lourenço

Peso - Paderne | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Henrique Garcia

Penso - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ana Maria Afonso

Roussas | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGRADECIMENTO

Germano Abreu

69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

||| CENTRO FUNERÁRIO ALTO MINHO

Maria Darcília Lopes Oliveira

Barro Grande | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Aurea da Luz Esteves

Pombal - U.F. Prado/Remoães | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Raquelinda Augusta Pereira

Cevide - Cristóval | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria da Conceição Esteves Pires

Carrascal - U.F.P.Monte/Cubalhão | 54 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Associação Comercial de Melgaço já tem Comissão Instaladora e avançará ainda este ano

Agostinho Alves, Joana Castro, Paulo Afonso e Verónica Solheiro são os membros da Comissão Instaladora da Associação Comercial de Melgaço.

O grupo, que se prepara para levar a efeito o processo de constituição da associação, garante que ainda este ano haverá apresentação formal da organização e eventualmente as acções que entretanto se justifiquem.

Para o grupo de comerciantes e empresários melgacenses, o projecto irá promover uma "maior união dos comerciantes" e criará mais riqueza no sector. "Será necessário juntar a opinião das pessoas. É uma boa base, obviamente, mas é a cooperação, o diálogo, os interesses de todos que vão construir a estratégia final".

Chegar aqui não foi fácil, admitem. "Não é fácil juntar todos os comerciantes e empresários, pois há sempre resistências, mas se criarmos um grupo de trabalho coeso, acabarão por ir compreendendo. O facto de a Câmara se envolver neste projecto também ajuda a lançar a ideia e a que os comerciantes se juntem", dizem.

"Tem-se ouvido a parte negativa, mas estamos no ponto de viragem. Porque, ou caímos no precipício, ou mudamos. Por isso, temos que mudar", observam.

João Martinho

Continuação da pág. 19

parceiro que nos ajude muito também no pilar do turismo, na estruturação da nossa oferta turística e da comunicação integrada da nossa oferta turística".

Pelo meio, fica o reparo aos discursos "fáceis", afectos à vontade industrial para o concelho. "Há um discurso fácil que anda por aí, de que a solução dos nossos males passará por trazermos duas ou três indústrias para cá. Eu não estou do outro lado, eu digo que é importante que consigamos cativar uma ou duas indústrias mais, porque já temos indústrias instaladas, mas Melgaço tem potencialidades instaladas no território que são fundamentais para o seu desenvolvimento. Tem um grau de sustentação razoável no sector turístico, e no vinho mais ainda".

A indústria e a agro-indústria são consideradas, mas a visão de futuro de Manoel Batista para o concelho assenta essencialmente sobre os vinhedos da sub-região, no território enquanto potencialidade turística.

"Não tenho dúvidas nenhuma de que este território se afirmará cada vez mais como região vínica nacional e mundial. E quem não gostaria de ser Bordéus, ou a região de Champagne? Não seremos exactamente isso, seremos outra coisa, mas seremos uma grande região vínica no mundo se soubermos caminhar por aí", indica.

João Martinho

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MONÇÃO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão de três folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas **quarenta e sete** a folhas **quarenta e nove verso** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **cento e setenta e um - E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, quatro de Maio de dois mil e dezasseis.

A Colaboração da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8.º n.º 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respectivas alterações

Ana Paula Rodrigues
Cunha Pedreira

Registo n.º 362

Autorização registada sob o n.º 310/1 na Ordem dos Notários **CERTIFICADO NARRATIVAMENTE**, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia quatro de Maio de dois mil e dezasseis, exarada de folhas quarenta e sete a folhas quarenta e nove verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e setenta e um - E, **ARTUR MANUEL FERREIRA**, solteiro, maior, contribuinte número 164.765.085, portador do Cartão de Cidadão da República Portuguesa número 05754354, válido até 30/09/2018, natural de freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Barral, declarou ser o dono e legítimo possuidor do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico denominado "Campos dos Frieiros" ou "Campos das Frieiras", sito no lugar de Barral, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura arvensa de regadio, vinha, pastagem e mata de carvalhos, com a área de oito mil e cem metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel Durães, a sul com Artur Sérgio Fontes Rodrigues, a nascente com Manuel Joaquim Afonso e a poente com Alberto José Caldas, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 5280, a favor do justificante, com o valor patrimonial tributário de novecentos e trinta e quatro euros e quarenta e seis cêntimos, igual ao atribuído.

Que ignora o artigo da anterior matriz, segundo declaram sob sua inteira responsabilidade.

Que não é proprietário de outros prédios rústicos contíguos ao ora justificado, não se verificando fracionamento proibido por lei.

Que este prédio veio à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e setenta e nove, em dia e mês que não consegue precisar, por doação verbal, que nunca chegou a ser devidamente formalizada, que lhe foi efectuada por seu pai, António Manuel Ferreira e Glória Rosa, já falecidos, residentes que foram no lugar de Sante, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço.

Que, desde aquela data, entrou na posse e fruição do referido prédio, cortando o roço e lenha e efectuando limpezas, cultivando-o e recolhendo os respectivos frutos, pagando as competentes contribuições fiscais, tudo isto ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, posse que reiteradamente tem exercido, até à presente data, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aquele prédio, em nome próprio, uma posse pacífica pública e contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião, que invoca na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, quatro de Maio de dois mil e dezasseis.
A Notária, *Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho*

Marcas incentivam empresários de Melgaço a investir em Monção

Comerciantes temem as ruas "desertas" de Melgaço



Nos últimos anos, os comerciantes e empresários de Melgaço têm alargado a sua área de acção. Monção, nos últimos anos, surge como um "plano b" para aqueles que vêem as ruas do centro histórico da vila melgacense perderem a movimentação de população que antigamente tinha.

A perda de população compradora, ou por outro lado, talvez a perda de interesse dos melgacenses pela montra local, faz os proprietários das lojas apontar baterias a uma praça que dizem ter mais gente, gerar mais negócio e, não raras vezes, encontrar um melgacense.

Anabela Sousa, é um dos exemplos da aposta em Monção, sem se desprender do seu compromisso com os clientes da loja em Melgaço, onde começou a trabalhar há 22 anos. Actualmente, desdobra-se, com o apoio da família, entre a Loja da Bela (Melgaço) e a Bordália (Monção).

Monção foi-lhe proposto pelos fornecedores que, sabendo da vontade de deixar o negócio da cliente em Monção, propuseram à congénere de Melgaço que assumisse mais esta pasta

"Os vendedores da marca sabiam que a proprietária da loja estava interessada em passar a loja eles disseram-me que me identificava", diz-nos Anabela Sousa, já ao balcão da loja em Monção.

A missão não seria fácil. O negócio que agora assume tem 55 anos de rua e uma clientela fiel ao atendimento que sempre conheceu. Mas diz que lhe valeu o risco.

"Há 22 anos anos que trabalho em Melgaço, quase com as mesmas pessoas, mas nota-se um despovoamento enorme. Com esta loja, se calhar vou conseguir e até atendo melhor os clientes, porque se me pedirem algo, se não tiver numa loja, tenho na outra. E se não desse poderia sempre voltar para Melgaço".

Mas os testemunhos não a animavam a parar só em Melgaço, e entre a data da proposta, em Janeiro, até à decisão, em Maio, foi amadurecendo a ideia. "Foram passando os meses e cada vez mais as pessoas me diziam que tinham ido comprar a Monção. Estava a fazer um esforço para manter as duas lojas por consideração aos clientes e de repente via as pessoas a dizerem, como quem dá um recado, que iam a Monção", observa Anabela Sousa.

Nesta abordagem ao mercado monçanense, surpreendeu-se pela positiva. "Falamos muito da rivalidade entre Melgaço e Monção, pois só tenho que dizer que as pessoas tem sido muito carinhosas, tenho sido muito bem aceite", reconhece.

E até vê caras novas: "Já atendi aqui pessoas de Melgaço que em

vinte anos nunca entraram na loja. Já tinha saudades de ver gente, de lidar com o público. Não quero abandonar Melgaço, mas já está a ficar tão despovoado..."

Carla Sofia Carpinteiro abriu uma loja "Tendências" em Monção há pouco mais de um ano, e o cenário foi semelhante ao de Anabela, no momento de apostar. Partiu das marcas a proposta para que apostasse em Monção, num espaço com o mesmo conceito que trabalha em Melgaço.

"Aqui estava um bocadinho parado e comecei a pensar: ou me mexo, ou não resolvo a vida só aqui. Em Monção há mais gente, há mais freguesias", nota a empresária.

Valeu-lhe a "almofada financeira" para fazer a aposta e em Melgaço, apesar de não ter a loja movimentada, tinha "uma casa feita, de clientes certinhos".

Concorreu a apoios, abriu a loja, mas admite que "o poder de compra diminuiu para toda a gente". Para estimular as vendas, vai fazendo campanhas e, como a este momento já sabemos ser prática comum, vai "rodando a montra, as cores. Mudando um pouco, para não cansar o cliente com as mesmas coisas".

Augusto Coelho soma-se a esta lista, mas a cena repete-se: A convite das marcas que representa na

loja de desporto em Melgaço, abriu uma loja bem no centro histórico de Monção, a M Sport.

Aparentemente, havia um potencial que os empresários monçanenses não estavam a aproveitar. "Não havia nenhuma do género em Monção, as marcas convidaram-me, para serem lá representados, eu aceitei", conta.

O investimento "leva uns anos a recuperar", mas a trabalhar na praça monçanense desde Julho de 2014, diz que "está a valer o esforço".

Melgaço, a casa-mãe, manter-se-á. "Não pondero abandonar a loja de Melgaço, desde que seja viável, mas acho que Melgaço ainda é viável, neste momento", considera Augusto Coelho.

Ana Catarina Pires e Odete Dias trabalham em áreas diferentes em Melgaço, mas quiseram apostar em algo completamente novo. Não abandonam as suas actividades, mas abrem uma nova vocação. Por isso, nesta história não houve convites. Associaram-se para abrir a Vest'in, num dos novos espaços do Rio Park Monção, um retail que explora um conceito menos habitual no Alto Minho.

"Todas as mulheres gostam de moda", nota Ana Catarina Pires. Daí, a Vest'in (da conjugação das palavras vestir + in) será uma

aposta nova para as sócias, mas um conceito que se lhes afigura seguro.

Limitará o stock apenas a marcas de roupa nacionais e quer conquistar o seu espaço entre as lojas "âncora" que impulsionarão à partida parte do sucesso deste retail.

"Monção está a precisar de refrescar um bocadinho a imagem e o conceito de shopping aqui não resultava. Os espanhóis gostam muito de rua, ali estamos na fronteira e eles adoram estar numa esplanada, estar ao ar livre", nota Ana Catarina, questionada sobre as vantagens de apostar num espaço inserido num conceito diferente, sobretudo porque aproxima os consumidores espanhóis.

"A população portuguesa é um bocado mais fechada a gastar dinheiro. É um retail aberto e só temos dois meses de verão, mas acredito que vá resultar".

Em Melgaço? Nunca. "Este conceito não resultaria em Melgaço", sentença. Monção será naturalmente favorecido pela proximidade de uma comunidade galega mais rica, mais urbana, considera a empresária. E também porque "Melgaço investe sempre nas mesmas coisas. No que Melgaço está a investir já está lançado. Melgaço precisa de turismo a sério".

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação de doação, lavrada no dia dezanove de maio de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas sessenta e quatro e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **DEOLINDA ROSA RODRIGUES**, NIF 116 143 762, solteira, maior, natural da freguesia de S. Paio, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Travessa, n.º 29, titular do cartão de cidadão número 03987189 4ZY6, válido até 09/11/2020, fez as seguintes declarações:

Que, é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por "Campo da Granja", sito no lugar de Granja, freguesia de S. Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de oitocentos e trinta metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel de Carvalho, sul caminho, nascente Mário de Jesus Gonçalves e poente António Vaz Pereira, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **5843**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor **patrimonial tributário de cento e trinta e cinco euros e setenta e quatro cêntimos** e o valor **atribuído de cento e cinquenta euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da justificante.

Que, o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e dois, quando, António Augusto Gomes e mulher Maria da Conceição Abreu, residentes que foram no lugar de Carpinteira, da referida freguesia de S. Paio, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e des-

pesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio. Uma posse pacífica, contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1, do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 19 de maio de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compra e venda lavrada no dia dezoito de maio de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas cinquenta e nove e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **MARIA GOMES DE AMORIM**, NIF 139 887 253 e marido **ANTÓNIO MANUEL VIEIRA**, NIF 139 887 261, casados sob o regime imperativo da separação de bens, naturais do concelho de Melgaço, ela da freguesia de Vila, ele da freguesia de Cristóval, onde residem no lugar de São Gregório, titulares, respetivamente, do bilhete de identidade número 3411808 de 07/02/2007, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo; e do cartão de cidadão número 03495387 6ZZ3, válido até 20/11/2019, tendo o outorgante varão outorgado **por si** e na qualidade de **procurador**, em representação de **JOSÉ JÚLIO D AMORIM**, NIF 142 463 850, e mulher **ANA ISABEL PEDRO FERREIRA DE AMORIM**, NIF 177 521 384, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais, ele da referida freguesia de Cristóval, ela da freguesia e concelho de Bombarral, residentes em França, em Rue Praslin 493, Rubeles, fizeram as seguintes declarações:

Que eles e os seus representados, são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, dos seguintes bens imóveis:

UM – Prédio rústico, designado por "Soalheira", sito no lugar de Soalheira, da freguesia de Cristóval, concelho de

Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar a norte, sul e nascente com António Gomes e poente Alberto da Assunção Garcia, inscrito na respectiva matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **noventa e três euros e três cêntimos**; e

DOIS – Prédio rústico, designado por "Soalheira", sito no lugar de Soalheira, da freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de duzentos e noventa metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Teresa Outeiro, sul Manuel Dantas, nascente Alberto da Assunção Garcia e poente Manuel José Salgado Vaz, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **813**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **trinta e dois euros e noventa e um cêntimos**.

Que os referidos prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome da primeira outorgante indicada na alínea a) e do primeiro outorgante varão indicado na alínea b), na proporção de metade indivisa para cada um.

Que os imóveis vieram à sua **posse**, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando, os pais da primeira outorgante indicada na alínea a) e do primeiro outorgante varão indicado na alínea b), António de Amorim e Palmira das Dores Gomes, residentes que foram no lugar de Ramo, da freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, *num espírito de comosse*, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-os e colhendo os seus frutos, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição em relação a ambos e na proporção dos seus direitos.

Que tendo exercido sobre os indicados prédios, uma **comosse** pacífica, contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o di-

reito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 18 de maio de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia dezassete de maio de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas cinquenta e quatro e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **Alfredo Domingues**, casado, natural da freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residente no lugar de Carvalho de Lobo, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão e número 01740181 0ZZ5, válido até 05/01/2021, **Maria Elizabete de Sousa**, casada, natural da mencionada freguesia de Castro Laboreiro, residente no lugar de Vila, da atual união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão número 10515242 0ZY9, válido até 12/09/2018; e **Fernandino Bernardo**, casado, natural da freguesia de Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, residente no lugar de Igreja, da indicada união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, titular do cartão de cidadão número 03024342 4ZY2, válido até 11/10/2018, que outorgaram respetivamente, na **qualidade de Presidente, Secretário e Tesoureiro** da Junta da União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, em nome e representação da **UNIÃO DE FREGUESIAS DE CASTRO LABOREIRO E LAMAS DE MOURO**, pessoa colectiva de direito público número 510 835 899, com sede no lugar de Vila, da referida união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, fizeram as seguintes declarações:

Que, a sua representada, freguesia de Castro Laboreiro (extinta), atualmente denominada "União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro" (por força da reorganização administrativa das freguesias no território português, levada a cabo por força da Lei n.º 11-A/2013, de 28 de

janeiro), é dona e **legítima possuidora**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Vila, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de edifício com um pavimento, com a superfície coberta de duzentos e vinte e três metros quadrados e área descoberta de duzentos e trinta e sete metros quadrados, a confrontar de todos os ventos com caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **13477**, o qual corresponde ao artigo 1643 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), com o valor patrimonial tributário de **59.230,00 Euros**.

Que, o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da sua representada freguesia de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro.

Que o referido imóvel veio à posse da sua representada, Freguesia de Castro Laboreiro, ainda com a natureza de prédio rústico, em data imemorable que não podem precisar, mas há mais cem anos, não tendo, contudo, título que comprove a referida aquisição.

Que, contudo, há mais de cem anos, a sua representada, "Freguesia de Castro Laboreiro" entrou na posse do referido prédio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades enquanto rústico, e posteriormente após a construção do prédio urbano, há mais de quarenta anos, ocupando-o como posto de saúde, efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Assim, tendo a "Freguesia de Castro Laboreiro", denominada atualmente União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua, que, dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 17 de Maio de 2016.

A escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, zona da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

89.500 euros

Tlm 939 449 182

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia 23 de maio de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 66 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **JOSÉ DOMINGUES**, 150 807 287 e mulher **ROSA DOMINGUES**, NIF 150 807 295, casado sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Palheiros, da atual união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, titulares dos bilhetes de identidade respetivamente números, 1828713 de 17/09/1986 e 3627621 de 18/09/1986, emitidos pelo C.I.C.C. em Lisboa, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, dos seguintes bens imóveis, sítos na união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço:

Um – Prédio rústico denominado “**Campo da Casa**”, sítio no lugar de Palheiros, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de quatro mil e duzentos metros quadrados, a confrontar a norte com Elísio Gonçalves, sul estrada camarária, nascente José Domingues e poente José Gonçalves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 78, o qual corresponde ao artigo 85 da freguesia de Prado (extinta), com o valor patrimonial tributário de **mil duzentos e três euros e oitenta e quatro cêntimos**; e

Dois – Prédio rústico denominado “**Roxinóis e Campo do Rio**”, sítio no lugar de Palheiros, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de cinco mil seiscientos e sessenta e cinco metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com limite de freguesia, sul e poente Justino Esteves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 80, o qual corresponde ao artigo 87 da freguesia de Prado (extinta), com o valor patrimonial tributário de **três mil seiscientos e trinta euros**.

Que os indicados prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que os prédios vieram à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e sessenta e sete, quando, Claudino de Sousa Lobato e mulher Maria Rosa Calheiros, residentes que foram no lugar de Breia, freguesia de Prado, concelho de Melgaço, entretanto já falecidos, lhos ajustaram vender, não tendo, contudo nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-os e colhendo os seus frutos, po-

dando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição em relação a ambos.

Que, tendo exercido sobre os indicados prédios, uma **posse** pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL
Cartório Notarial de Melgaço, 23 de maio de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compras e vendas, lavrada no dia 25 de maio de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 69 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **Olívia de Fátima Afonso Trancoso**, casada, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Crastos, titular do bilhete de identidade número 5825915 de 13/12/2006, emitido pelo MNE em Paris, que outorga na qualidade de **procuradora**, em representação de:

NORBERTO JOSÉ AFONSO TRANCOSO, NIF 152 020 446 e mulher **ALDINA MARIA LOPES FIGUEIREDO TRANCOSO**, NIF 227 018 362, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais, ele da indicada freguesia de Paderne, ela da freguesia de Sobral Pichorro, concelho de Fornos de Algodres, residentes em 705 West Broad Street, Westfield, Estado de New Jersey, Estados Unidos da América do Norte, fez as seguintes declarações:

Que, os seus representados, são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis:

Um – Prédio rústico denominado “**Mata da Cerca**”, sítio no lugar de Convento, freguesia de Fiães, concelho de Melgaço, composto de terreno de mata de carvalhos, com a área de dois mil oitocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Augusta Alves e outro, sul Maria Esteves, nascente António Daniel Gonçalves e poente caminho, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 317, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **83,22€**;

Dois – Prédio rústico denominado “**Leira do Meio**”, sítio no lugar de Jugaria, da indicada freguesia de Fiães, composto de terreno de mata de carvalhos, com a área de dois mil trezentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar a norte com António Rodrigues Ribeiro, sul Álvaro Ribeiro, sul Álvaro de Jesus Gonçalves,

nascente José Maria Gregório e poente Felicidade Gonçalves e outro, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 423, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **68,63€**; e

Três – Prédio rústico denominado “**Veigas ou Campo do Gosmelo**”, sítio no lugar de Breia, da atual união de freguesia de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de dois mil metros quadrados, a confrontar a norte com Alípio Gonçalves, sul José Arimateia Gonçalves, nascente Lourdes Coelho e poente caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 75, o qual corresponde ao artigo 81 da freguesia de Prado (extinta), com o valor patrimonial tributário de **335,22€**.

Que, os referidos prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que, os imóveis indicados nas verbas um e dois, vieram à posse dos seus representantes, já no estados de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e três, quando, Álvaro de Jesus Gonçalves e mulher Eugénia Esteves, residentes no lugar de Rego, da referida freguesia de Prado, lhos ajustaram vender, não tendo, contudo nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda.

Que o prédio indicado na verba três, veio à posse dos seus referidos representantes, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa, quando, Marcília Dantas, viúva, residente que foi no lugar de Souto, da citada freguesia de Prado, entretanto já falecida, lho ajustou vender, não tendo, contudo nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essas datas, os seus representados entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, desbravando o mato e cortando os carvalhos no primeiro e segundo; cultivando e colhendo os frutos, podando e sulfatando a vinha no terceiro, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição em relação a todos.

Que tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma **posse** pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, em nome dos seus representados, justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL
Cartório Notarial de Melgaço, 25 de maio de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

VIAGENS NESTA NOSSA TERRA Recuamos aos tempos da ACADEMIA no Peso

A 2 de Maio de 1909, António Rocha Peixoto, notável naturalista, professor, antropólogo, etnólogo e escritor faleceu em Matosinhos, vítima de tuberculose aguda seguida de uma crise.

Em 1908, passou uma temporada em Melgaço, nas Águas Termais do Peso, onde fundou um grupo de tertúlia e reflexão a que ele chama de ACADEMIA. Depois da sua morte, em 23 de Maio desse mesmo ano, o seu amigo Avelino Dantas escreve no jornal poveiro “Estrela Povoense” um texto de homenagem onde recorda a marcante passagem por Melgaço no ano anterior e as animadas sessões da Academia. O texto diz o seguinte:

“Faz um ano em Agosto que, no local da nascente das Águas Minerais do Peso de Melgaço, encontrei o abalitado homem de ciência Rocha Peixoto.

Feito os meus cumprimentos, a que ele correspondeu, risonho, com um acolhedor “Viva, amigo”, perguntou-me logo por notícias da sua terra e, em seguida, quis que eu lhe dissesse o motivo que me levava ali. Disse-lho, e como quer que ele visse em mim sintomas de neurastenia, aconselhou-me a que viajasse e visitasse de preferência lugares, onde há muito que admirar e aprender.

Ao mesmo tempo, estava na pitoresca estância de águas minhotas um considerado médico de Chaves, o Dr. Teixeira de Sousa, com quem Rocha Peixoto falava muito e de que o saudoso extinto me disse gostar pelo seu feito gracedor e leal de transmontano.

Dias depois apareceram, um quase após outro, primeiro o Dr. Silva Gaio, secretário da Universidade de Coimbra e festejado homem das letras e, posteriormente, o distinto pintor portuense António Carneiro, que Rocha Peixoto cumulava de atenções, tratando-o como a pessoa de valor e a que se rende culto.

Todos os dias, de manhã e à tarde, à hora de tomar as águas, era certo o grupo dos quatro em animada palestra, que só se interrompia para confortar o estômago e para dormir.

Ordinariamente, quem mais falava era Rocha Peixoto. Erudito e fluente, dispondo, como se sabe, de uma soma enorme de conhecimentos bem assimilados e, o que não é vulgar em homens de ciência, expondo tudo com muita facilidade e clareza, todos o ouviam com manifesto prazer, e só se separavam quando ele dizia que a sessão ficava interrompida por tantas horas, isto é, o espaço de tempo decorrido desde o almoço até à hora do tomar águas, de tarde, e desde o jantar até ao dia seguinte, de manhã cedo. Às vezes, a sessão interrompia-se por momentos. Era quando se efetuavam-se digressões de recreio e de estudo, mas mais de estudo do que de recreio, aos templos românicos dos concelhos de Melgaço e Monção. Neste: a matriz da vila e a igreja de S. João de Longos Vales; em Melgaço, a matriz da vila, a igreja de Paderne e a capela de Nossa senhora da Ourada.

Como é óbvio, essas digressões, de que jamais me esquecerei, eram planeadas pelo insigne português Rocha Peixoto e feitas por ele, os cavaleiros acima citados e pelo autor destas linhas, ao grupo dos quais Rocha Peixoto graciosamente chamava a Academia.

Era de ver o carinho e o entusiasmo com que o ilustre homem de ciência preleccionava sobre os característico do estilo românicos nos templos de Monção e Melgaço que visitamos. Nestes expressava a sincera indignação com que verberava a obra dos bárbaros restauradores, quando acaso nesses monumentos se lhe deparavam semelhantes provas de falta de educação cívica e carência de perfeito sentimento artístico.

Uma vez, no alto do Castelo de Melgaço, onde subi a Academia para gozar o lindo panorama que dali se descobre e, sobretudo, para se remontar a uma época em que a força era tudo, Rocha Peixoto, em conversa com dois padres que lá estavam, disse-lhes que eles podiam fazer muito em prol da conservação do nosso espólio artístico sobrevivente do passado, opondo-se a que as juntas da paróquias, na sua fúria inovadora, ultrajassem, estragando, o que tão digno é de respeito.

Dotado de invulgares faculdades de trabalho e de uma força de vontade inquebrantável, nem mesmo ali, naquela estância de Melgaço, onde os outros vão apenas para fazer a sua cura de águas, o saudoso homem da ciência descansava.

Vendo-o, assim, todo votado à sua tarefa de gigante, quem diria que, em menos de um ano, ele sucumbiria ao peso dessa mesma tarefa, que afinal tão demasiada era para a sua compleição!

Ah! Como, por vezes, é triste a realidade das coisas! Como é cruel! Ainda há pouco, nos primeiros dias de Fevereiro, ele me disse em Matosinhos, que era preciso que a Academia se reunisse este ano em Melgaço para continuarmos as nossas palestras e as nossas digressões, e nem pela cabeça me passou a ideia de que era essa a penúltima vez que o via vivo...”

Extraído de: DANTAS, Avelino (1966) – Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos). Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.

Valter Alves (Blogue “Melgaço, entre o Minho e a Serra”)



Jornal "A Voz de Melgaço"

Balanço em 31-12-2015

RÚBRICAS	NOTAS	UNIDADE MONETÁRIA (1)	
		DATAS	
		31 DEZ 2015	31 DEZ 2014
ACTIVO			
Activo não corrente			
Activos fixos tangíveis		25 892,46	
Propriedades de investimento			
Activos intangíveis			
Investimentos financeiros			
Accionistas / sócios			
		25 892,46	
Activo corrente			
Inventários			
Clientes			
Adiantamentos a fornecedores			
Estado e outros entes públicos		1 173,94	
Accionistas / sócios			
Outras contas a receber			
Diferimentos			
Outros activos financeiros			
Caixa e depósitos bancários		26 364,26	
		27 538,20	
Total do activo		53 430,66	
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital próprio			
Capital realizado		5 000,00	
Acções (quotas) próprias			
Outros instrumentos de capital próprio			
Prémios de emissão			
Reservas legais		1 937,80	
Outras reservas			
Resultados transitados		40 671,10	
Excedentes de revalorização			
Outras variações no capital próprio			
Resultado líquido do período		4 340,62	
Total do capital próprio		51 949,52	
Passivo não corrente			
Provisões			
Financiamentos obtidos			
Outras contas a pagar			
Passivo corrente			
Fornecedores			
Adiantamentos de clientes			
Estado e outros entes públicos		1 481,14	
Accionistas / sócios			
Financiamentos obtidos			
Diferimentos			
Outras contas a pagar			
Outros passivos financeiros			
		1 481,14	
Total do passivo		1 481,14	
Total do capital próprio e do passivo		53 430,66	

(1) - O euro, admitindo-se, em função da dimensão e exigências de relato, a possibilidade de expressão das quantias em milhares de euros

JORNAL A VOZ DE MELGAÇO LDA

DEMONSTRAÇÕES DOS RESULTADOS POR NATUREZAS (modelo reduzido)

PERÍODO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2015

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	UNIDADE MONETÁRIA (1)	
		PERÍODOS	
		2015	2014
Vendas e serviços prestados		29 871,75	
Subsídios à exploração			
Variação nos inventários da produção			
Trabalhos para a própria entidade			
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas			
Fornecimentos e serviços externos		-24 338,43	
Gastos com o pessoal			
Imparidade de inventários (perdas / reversões)			
Imparidade de dívidas a receber (perdas / reversões)			
Provisões (aumentos / reduções)			
Outras imparidades (perdas / reversões)			
Aumentos / reduções de justo valor			
Outros rendimentos e ganhos			
Outros gastos e perdas			
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos		5 533,32	
Gastos / reversões de depreciação e de amortização			
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		5 533,32	
Juros e rendimentos similares obtidos			
Juros e gastos similares suportados			
Resultados antes de impostos		5 533,32	
Imposto sobre o rendimento do período		-1 192,70	
Resultado líquido do período		4 340,62	

(1) - O euro, admitindo-se, em função da dimensão e exigências de relato, a possibilidade de expressão das quantias em milhares de euros

(2) Esta informação apenas será fornecida no caso de contas consolidadas

Memórias de África



Capelão Militar em Naugade, Cabo Delgado

Poucos dias antes do Natal de 1973 cheguei a Naugade, Cabo Delgado, onde estavam as Companhias CCS e CCAÇ do Batalhão, uma Companhia de Engenharia e outra de Artilharia, um GES, dois médicos, 8 salas de aula para as crianças da Escola Primária, 8 tribos com os seus usos, costumes e tradições diferentes, usando todos a língua portuguesa para se compreenderem uns aos outros, sendo alguns professores portugueses.

Ceia de Natal em Naugade – No ano de 1973, foi Ração de Combate. O Major responsável pela alimentação dos Quartéis de Naugade, exceto a Companhia de Engenharia, veio pedir um conselho ao Capelão, dizendo-lhe que tinha chegado algum peru a Naugade que devia ter seguido para Omar.

Quando o peru já estava na panela, chegou um avião para o levar para Omar que o Major consentia se lhe trouxessem outras panelas para fazer outra comida.

Perante a exposição do Major, não conhecendo ainda o isolamento de Omar e não havendo outras panelas em Naugade para fazerem outra comida, disse-lhe para deixar ir tudo, porque não chegava para todos aqui em Naugade, acrescentando: tenho a certeza que se informar o serviço da Manutenção Militar do que se está a passar em Naugade, falando com os cozinheiros, soldados e oficiais, todos concordam em comerem ração de combate.

No fim de comer a ração de combate na sala dos oficiais, muitos retiraram-se da sala de jantar, o que realmente aconteceu depois de comerem todos a ração de combate, ficando a sala com alguns oficiais, entre os quais o Comandante da CCS e Capelão Militar, outros que não conhecia e os dois cabos que tratavam do serviço da sala.

Entretanto apareceu uma garrafa de vinho e uma chouriça com o que se fez a festa até cerca de meia noite.

Os dois primeiros cabos que tratavam a sala de jantar onde estávamos resolveram escrever uma carta a suas queridas mães.

1.º Escreveu uma carta dizendo: "Minha querida mãe, fome aqui é mato". A mãe respondeu-lhe: "Meu querido filho aí vão 100\$00, não comas mais mato." O outro 1.º Cabo acrescentou: Pois eu também escrevi à minha dizendo-lhe: "Minha querida mãe encontrou-se uma mina no fundo da pista". A minha mãe respondeu-me: "Ainda bem meu filho e meu amor, agora já tens água para beber e tomar banho."

Deste modo terminou a noite de consoada de 1973... e fomos descansar!...

Dia de Natal – Depois da celebração, saem da Missa do dia de Natal onde esteve presente o Senhor Tenente Coronel Pires Veloso, Comandante Militar de Porto Amélia, a maior parte dos oficiais presentes em Naugade, muitos soldados e alguns cristãos de Naugade que formaram o grupo coral.

No fim da Missa, serviu-se o almoço que fez esquecer a Ceia da noite anterior: Batatas com bacalhau... vinho quanto baste, fruta e doces variados.

Grande ataque – Numa noite a seguir ao dia de Natal, chegou uma mensagem que dizia: prevê-se grande ataque de manhã, primeiro em Negomano e outro em Naugade.

No de Negomano não houve estragos nem houve qualquer prejuízo, dentro e fora do Quartel, o mesmo não se podendo dizer do de Naugade porque embora não houvesse baixas humanas, houve grandes estragos, sobretudo nas transmissões.

O Capelão não esteve em nenhum porque quando se deu o de Negomano ainda estava em Naugade e quando se deu o segundo, esperou em Omar que o fogo acabasse em Naugade.

Morte dum homem importante de Naugade... certo dia, os homens da Frelino mataram um Chefe de Religião Muçulmana.

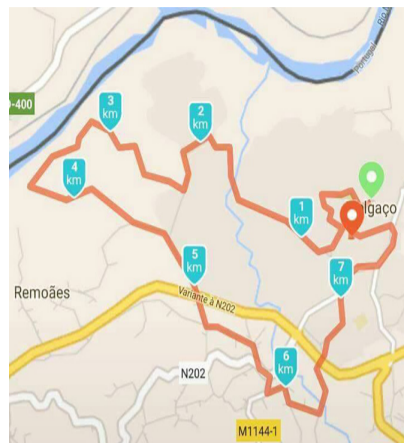
No dia seguinte, o Comandante do Batalhão disse ao Capelão para ir acompanhá-lo no funeral porque era um homem que esteve sempre do nosso lado.

Fazendo a vontade ao Comandante, no dia seguinte foi para o funeral cujas Cerimónias Muçulmanas demoraram cerca de 3 horas. Enquanto abriram a cova, enterraram o morto e o cobriram deitando água em cima da terra, estiveram sempre de pé, ouvindo os Muçulmanos sempre a rezar fórmulas do Alcorão, livro sagrado do Islão.

O Comandante, baixinho durante mais de uma hora perguntava ao Capelão: Ainda demorará muito? A resposta do Capelão era sempre a mesma: Não sei!... acabando quase de noite.

P.º António Sousa e Silva

1ª Corrida Solidária vai calçar Bombeiros de Melgaço



A 26 de Junho, Melgaço é mais uma vez chamado a vestir o seu equipamento desportivo.

A 1ª Corrida Solidária de Melgaço pretende juntar a comunidade em prol da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço e os organizadores já escolheram de que forma poderão ajudar a corporação: Adquirir botas para os Bombeiros.

Ana Catarina Pires, Carlos Almeida e Nuno Almeida pretendem juntar o montante angariado

para adquirir uma das principais peças do equipamento do bombeiro.

Para o efeito, a corrida solidária, com partida na Praça da República pelas 10 horas da manhã do dia 26 de Junho (e chegada junto ao quartel dos Bombeiros), vai pôr à prova a vontade dos participantes.

O valor da participação na corrida de 8 quilómetros é de 10€, mas quem não estiver preparado para os 8 quilómetros,

poderá optar pela caminhada (4 km), por 6€.

Comerciantes, produtores e entidades locais associaram-se à iniciativa que contará com prémios para os três primeiros lugares da competição e finalizará em torno de um banquete, a ser servido no Quartel dos Bombeiros.

Decorrerá ainda, no largo frente a Câmara Municipal, uma "mini-feira" com banca de produtos locais.

João Martinho

Santa Rita 2016

Bom dia de festa, no domingo dia 15 de Maio. Muita gente, pregou o P.e João Paulo, da vila. Procissão muito participada, apesar de custosa. Entre os participantes os irmãos Maximiano Freitas e José Freitas que, apesar das limitações físicas, não deixaram de estar presentes.





Construções Técnicas Lda

- * Caldeiras a Pellets
- * Aquecimento Central
- * Ar Condicionado
- * Energia Solar
- * Aspiração Central
- * Artigos Sanitários
- * Electrodomésticos
- * Fogões a Lenha
- * Bombas de Calor
- * Piscinas
- * Sistemas de rega para vinha e jardins

Reduza os seus custos
PRODUZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA



Autoconsumo Residencial



Caldeira a Pellets



Fogão a Lenha



Recuperador de Calor

Urb. Quinta do Peixe Frio
Loja 18
4950 - 401 Monção

Tlf: 251 653 508
Tlm: 966 503 669
969 024 741

www.majotec.com

A casa da minha vida

Desafiar a serra, e o lobo olhos nos olhos

Pereiral, Abril de 2016.

A Primavera atípica ditou, mais uma vez, um dia fresco e nublado. A estrada (caminho?) serpenteia por entre casas de pedra, sem sinais exteriores da vida que outrora guardavam, apenas abrem a porta da história a quem nelas viveu. Hoje, algumas são cortes, outras são palheiro, outras são apenas edifício, ou prédio urbano, como o serviço de Finanças lhes chama quando os mete na lista, na folha da 'décima'.

O sol que nunca mais chega vai remetendo Dalmira Esteves à lareira de sua casa. Encontramo-la a propósito de uma das casas da sua vida, onde cresceu e viveu até casar.

O Lugar de Pereiral, em Parada do Monte, fica para lá do centro da freguesia, não muito longe, mas pela diferença do edificado, parece outra terra.

A humilde casa de Dalmira enche-se de visitas, a este propósito que mencionamos. Rodeia-se de família e com este que escreve. Iradina Gonçalves, Catarina Gonçalves e Rafaela Gonçalves são já visitas frequentes, enquanto filha e netas. A este grupo junta-se Manuel Esteves, criado com Dalmira e sempre próximo.

Mas visitemos a casa que viu crescer Manuel e Dalmira. Dalmira casou-se com 22 anos, mas acabaria por não ficar por longe dali. O destino trouxe-a de volta ao seu torrão, numa casa em frente, a meia dúzia de passos.

A casa ficou, salvo alguma deterioração e alguns ajustes nas repartições (em madeira), tal como serviu aquela família, há décadas. As quatro paredes exteriores em pedra. A lareira no chão, sobre uma laje trabalhada para o efeito, o forno ao lado esquerdo, a casa cumpre, quase como réplica, grande parte daquela que foi a arquitetura das casas minhotas, no que à zona de cozinha diz respeito. Mas o restante também não foge à "moda". As divisões eram feitas de madeira, sempre adaptáveis ao nascimento de mais um filho – terra quanta vejas, casa quanto caibas.

O 'sobrado', também ele em madeira, com tábuas encostadas apenas, sem entalhes. Por debaixo, o gado ou rês, aquecia a casa. Manuel Esteves confessa que também era um bom posto para a prática do 'voyeurismo' (ligeiro, sem grandes observações). Quando alguma rapariga ou mulher ia



lá a casa, ele ia para a corte, ver de baixo, inclusivé das saias.

Hoje, a casa pouco mais é do que um espaço de arrumos de tralhas e para que as mais novas da família, Catarina e Rafaela, netas de Dalmira, em momentos de nostalgia e a desfrutar da liberdade da vida no campo, façam uns petiscos sobre as brasas do lume.

Longe vai já o tempo das crossas de junco, que o tempo anda meio virado, mas parecia que dantes o inverno era mais rigoroso, recorda Dalmira Esteves. "Dantes nevava muito, havia gelo e de oito dias, aqui, fazia uns fusos grandes", diz.

O vinho era espadeiro, as crossas eram de junco e o trabalho muito. "Era uma vida escrava, mas nunca passamos fome", diz com satisfação Manuel Esteves.

Para se alimentar oito filhos, ia-se trocar o centeio por milho. No monte, ovelhas, cabras e vacas povoavam a serra e davam até azo a algumas aventuras, como a seguir veremos.

Antes da história, como era viver num lugar que só a partir de meados da década de 1970 passou a ter estrada, e que só mitigava a escuridão com o lampião a gás?

"Era sempre a pé, abaixo e acima. Quando se chamava o médico, ia-se esperar a Pomares", recorda Manuel. "Estava tudo muito isolado. Passava-se dias agarrados ao arado", diz Manuel.

Inda assim, era mais animado, tinha mais gente: "Neste lugar, que que é pequeno, havia mais de cem pessoas, agora somos uns dezanove e tudo podre", brinca Manuel.

Agora são os homens a cuidar das mulheres. Quatro. "Virou o naipe" atira em tom de brincadeira Dalmira Esteves.

Serão cerca de 12 casas com gente, ou menos. "E daqui a 20 anos não há aqui ninguém.

Efectivos não haverá nenhum, só virão pelas férias", dizem, desencantados.

As netas dizem que gostam deste cantinho. "Nem que venha aqui só para passar o dia, limpar as teias de aranha, gosto disto", confessa Rafaela.

Ganhou apego aos avós e é junto deles que gosta de estar. A seu ver, a partir do ano 2000 é que foi o descalabro. "Não compreendo a indiferença de alguns colegas de escola, que não querem 'aturar os velhos'".

E o lobo? Agora ninguém vê lobos como aqueles, mas Dalmira chegou a medir forças com um, no alto da Branda do Covelo, nos limites da Gave.

"Sai-me o lobo, agarra um carneirinho e ia com ele dependurado, por uma corga abaixo até a Chão da Lama. Eu fui em 'riba' dele com um pau até ao fundo, onde os da Gave tinham o centeio, no Chão da Lama e tinham aquilo tapado. O lobo lançou-se à parede, a parede cedeu e o carneirinho ficou preso com as pedras. Agarrei o carneiro, mas o lobo voltou-se para trás e agarrou-o pelo lombo, de tal maneira que nunca mais veio a lâ naquela zona. Chamavam-lhe o carneiro do lobo. Lá consegui, mas o carneirinho não dava acordo de si. Depois acordou e acabou por andar o resto do dia com a rês, sem a 'lão' do lombo, e sem um corno", conta.

Deste confronto, o lobo tinha saído a perder, mas ainda no mesmo dia atacou um rebanho vizinho e levou a sua avante. Estava determinado em caçar, naquele dia.

João Martinho



Unidade de Cuidados Continuados de Melgaço **podará abrir já neste Verão**



A Unidade de Cuidados Continuados (UCC) Melgaço, encerrada desde 2012, ano em que foram finalizadas as obras de requalificação, poderá abrir portas já este Verão.

Sem se comprometer com datas concretas, o autarca de Melgaço, Manoel Batista, levanta o véu sobre o período previsto para a inauguração. "Iremos a banhos com a Unidade aberta", revela.

"Há o compromisso do Governo de que será feita a abertura da Unidade de Cuidados Continuados", nota ainda, atacando a política de encerramentos que o

Governo de Passos Coelho promovia e o silêncio a que o Ministério da Saúde tinha votado a UCC de Melgaço.

"Felizmente temos um Governo que agarrou uma vez mais neste processo, da rede nacional de Unidades de Cuidados Continuados, que o governo PSD-CDS quase quis enterrar. Talvez por questões políticas", atira.

Com inauguração constantemente adiada, nos últimos quatro anos a UCC de Melgaço motivou algumas das posições mais aguerridas do executivo autárquico. A polémica envolveu inclusive alguns dos militantes do próprio partido no poder. A alegada falta ao compromisso terá motivado o ex-vereador do PSD da Câmara Municipal de Melgaço, Manuel Fernandes, ao abandono da militância no partido por não ter sido cumprida a promessa feita pelo Secretário de Estado Adjunto do Ministério da Saúde, Fernando Leal da Costa ao vereador, na qual terá assumido a

abertura da Unidade de Cuidados Continuados em 2015.

"O Governo PSD-CDS tentou fazer de conta que não existia a UCC de Melgaço", criticou Manoel Batista, confiante na atenção do actual Governo de esquerda ao tema.

"A nível nacional foi feita uma viragem de página, a rede nacional de Cuidados Continuados está a ser vista com outros olhos", observou.

Edifícios da Estação Fronteira de São Gregório cedidas à Câmara Municipal de Melgaço por 50 anos

Em comunicado, a autarquia anuncia já ter firmado, entre o Município e o Ministério das Finanças, o contrato de concessão que cede a título gratuito e por um período de 50 anos o «imóvel do Estado denominado por Antiga Estação Fronteira de São Gregório», em Cristóval, Melgaço.

A cessão permitirá recuperar um património de interesse a nível

local e regional, actualmente em degradação contínua. Poderá agora iniciar-se a recuperação e valorização projectada para os edifícios, no entanto, a autarquia não quis divulgar já o plano de intervenção.

Apesar de não ter sido possível confirmar, após este comunicado, o tipo de intervenção planeado pela autarquia, recorde-se que o presidente da Câmara de Melgaço garantia a este jornal em Março de 2015 [notícia publicada na edição de 1 de Abril de 2015 sob o título "Edifícios da Guarda-Fiscal em Cristóval receberão projecto inovador na área social"] que o executivo estava a trabalhar num projecto de intervenção que permita reaproveitar os cinco edifícios para "um projecto inovador na área social".

No mesmo artigo, e segundo declarações do autarca, noticiávamos que estava já uma equipa de técnicos do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), em colaboração com os serviços da autarquia, a fazer um levantamento do edifício para definir o projecto.

João Martinho



**Clínica
OSTEO+**



CONSULTAS DE OSTEOPATIA
estrutural, craneal, visceral, pediátrica e obstetricia
Dra Cátia Afonso (directora técnica)

CONSULTAS de ORTOPEDIA
Dr José Ratola Teixeira (médico especialista)

PSICOLOGIA CLÍNICA | FISIOTERAPIA | ENFERMAGEM
TERAPIA DA FALA | CINESIOTERAPIA RESPIRATÓRIA
ESTÉTICA AVANÇADA | MASSAGEM TERAPÉUTICA
NATUROPATIA | HIPNOTERAPIA | REIKI





**VENDA de
MATERIAL ORTOPÉDICO**

Clínica Osteo+ Melgaço
Av. Cap. Salgueiro Maia nº540
4960-513 Melgaço

telefone:
251 401 078



TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA





TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE



PORTUGAL



FRANÇA

CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Santa Casa da Misericórdia de Melgaço **vestiu-se de gala em noite solidária**

Cerca de uma centena de melgacenses vestiu-se de gala para o requinte que o evento prometia e a promessa cumpriu-se: O Baile de Gala da Santa Casa da Misericórdia, realizado a 14 de Maio no salão de festas do restaurante "O Adérito", tinha o dress-code, a música (de Paulo Pires e João Ribeiro), o esmero na decoração das mesas e a cerimónia inerente à temática.

O Baile de Gala, que a direcção promete manter de periodicidade anual, constará do programa de actividades da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço e dará seguimento à campanha de abertura da instituição à comunidade.

O convite foi estendido aos Irmãos e melgacenses e o motivo era também solidário. O evento onde o visual conta marcava também a primeira iniciativa com vista à angariação de fundos para as obras de adaptação de um espaço no antigo hospital da Misericórdia, para onde será transferido o Centro de Actividades dos Tempos Livres (CATL), actualmente em funcionamento no edifício do Lar Pereira de Sousa.

À chamada, responderam os Irmãos, figuras da vida política local e regional, responsáveis distritais e os melgacenses que quiseram contribuir para esta causa. A obra a apoiar, que se antevia uma simples adaptação do espaço às novas funcionalidades, surpreendeu no momento da inspecção.

"É um objectivo que temos como prioritário, no entanto as exigências que temos em termos de cumprimento das normas legais obrigam-nos a uma série de obras que nos levou para um orçamento que não comportamos", notou o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, Jorge Ribeiro, que se viu a braços com um orçamento de 80 mil euros para cumprir as exigências legais. "Não estávamos a contar com isso, porque as instalações estão boas, mas depois precisam de sala de professoras, sala para os pais, e outras de cumprimento da legislação", adiantou o provedor a este jornal.

Com outros projectos em curso, e planeados como candidatos a apoios, a Santa Casa da Misericórdia terá uma escolha a fazer para fazer valer esta reordenação do espaço, ou levar a efeito algumas acções junto da população. "Esta obra tínhamos ideia de a fazer com capitais próprios, mas não estávamos à espera de um orçamento destes, vamos ter de repensar a questão. Daqui a um mês teremos ideia do que poderemos fazer".

Para os objectivos traçados, o prazo também aperta no momento de pensar a estratégia. "Vamos tentar ter lá as crianças já no próximo ano lectivo", diz o provedor.

O arranque desta acção assinalou-se pela participação popular, que proporcionou "uma boa moldura humana" num evento diferente entre a comunidade melgacense.

João Martinho



70 Anos de "A Voz de Melgaço"

Manoel Batista

Presidente da Câmara Municipal de Melgaço

Reconheço ao jornal "A Voz de Melgaço" uma importância grande, porque é neste momento, e durante os 70 anos de vida, uma dos veículos fundamentais privilegiados de chegada de informação aos mais variados espaços onde estão os melgacenses, seja no nosso município, seja fora do território do município.

Tenho a noção de que o "Voz de Melgaço" é um veículo privilegiado de informação para as comunidades da diáspora. É através deste jornal que recebem muita da informação que do que vai acontecendo e vai sendo a vida de Melgaço.

Quero dar os parabéns ao jornal nestes 70 anos, dizer-lhe que deve ter um orgulho enorme na história que tem e com certeza que terá também novos desafios pela frente, que saberá acolher e desenvolver para que continue a ser um jornal de referência para Melgaço e para muitos melgacenses que estão fora de Melgaço.



Jorge Ribeiro

Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço
Presidente da concelhia do PSD Melgaço

Como único órgão de comunicação social do nosso concelho, "A Voz de Melgaço" desempenha um papel essencial, aos olhos das nossas instituições e população. A sua direcção e colaboradores tem sabido arcar com essa responsabilidade, dando a melhor resposta às expectativas dos leitores e anunciantes, ao longo destas sete décadas.

Desde sempre se assumiu como elo de ligação entre Melgaço e os melgacenses que se encontram espalhados pelo mundo, levando as notícias e dando nota daquilo que mais relevante vai acontecendo pela nossa terra, ajudando também desta forma a aliviar saudades e a encurtar distâncias.

É por isso, com sentimento de gratidão, que deixo os parabéns a toda a equipa, desejando que continue esta sua nobre missão, com a coragem com que o tem feito nestes seus setenta anos de existência.



História do Angelino

>> CAPÍTULO VII

Atendendo ao convite feito pelos pais da Palmira, o Abílio com os pais e o padrinho padre Abílio, compareceram para uma conversa amiga. Era domingo e a conversa rendeu a tarde toda, então, após várias considerações, concordaram com o casamento de Abílio e Palmira, porém, só após esta fazer quinze anos.

Apesar das concordâncias, o Sr. João, pai da Palmira, conservou certo ressentimento do futuro genro e este do futuro sogro, nunca se deram muito bem.

Chegada a idade convencional aconteceu o casamento. Para comemorar a despedida de solteira, a Palmira organizou uma desfolhada em sua casa, como era costume na terra. As raparigas convidadas levavam seus namorados para ajudar na tarefa. Consistia em fornecer as espigas folhadas que as raparigas desfolhavam e as entregavam novamente aos rapazes que as colocavam no lugar apropriado. O Abílio estava habituado àquele trabalho e fazia-o com bastante destreza, o que despertava certo ciúme às mães das outras raparigas, pois os namorados destas não eram tão ligeiros.

No final de 1925 os apaixonados casaram, o Abílio com vinte e sete anos feitos e a Palmira acabada de fazer os quinze anos. Foram morar com os pais do Abílio, Angelino e Adosinda, onde tinham

morado os bisavôs, António e Maria da Soledade. O Abílio tinha com seu pai uma sociedade, que a este fora transmitida pelo pai, na praia da Cortegaça. Tiravam godo (pedras, cascalho) do mar para fazer cimento armado ou estradas. A concessão permitia-lhes fazer isso, de Esmoriz a Ovar. Era feito por duas horas pela manhã e outras duas pela tarde, de acordo com as marés. Em seus carros de bois levavam as pedras para o depósito onde eram vendidas. Com o Gomes da Costa, de Cortegaça, instalaram um arrastão de peixe na praia. O Abílio com seu irmão Olímpio andavam na praia com duas juntas de bois puxando os barcos para fora da água e depois tiravam as redes do mar. Este trabalho, às vezes, estendia-se pela noite, então um deles, vinha a casa buscar pasto para os animais e comida para eles.

O Olímpio resolveu ir para o Brasil e então ficou só uma junta de bois para o Abílio. A dona Maria, mãe da Palmira, ficou muito doente. Tinha outra filha mas era muito novinha e a Palmira foi cuidar da mãe e dos irmãos, a Preciosa e o José, crianças ainda. Os outros irmãos maiores tinham emigrado para o Brasil com o pai. Vinte dias depois a Mirinha (Palmira) e mais a sua sogra dona Adosinda e avó Maria da Soledade, foram à praia da Cortegaça levar o almoço e ao mesmo tempo

dar uma notícia ao Abílio. Mirinha, novinha ainda, queria contar ao seu marido que estava grávida. Ele ia ser pai! Mas o Abílio mostrou-se arredio. Estava aborrecido com sua mãe e com sua sogra, por ter havido uma discussão entre eles. Mas ponderando pensou melhor e chegando-se à mulher, abraçou-a. Naquela noite sentiu-se o mais feliz dos homens por saber que ia ser pai aos vinte e nove anos.

Naquela praia, perto da areia, costumavam fazer poços de onde tiravam água para beber, embora fosse muito salobra. A Palmira bebeu daquela água e caiu-lhe mal. Teve um grande resfriado que lhe atacou os pulmões com pleurisia. Como estava grávida não podia fazer o tratamento adequado, todavia recuperou-se.

O mês de Agosto em Portugal é muito quente. As culturas da época: milho, feijão, ervilhas, grão-de-bico, trevo e favas, tem de ser regadas com água dos poços perfurados no solo que é tirada com um engenho movimentado por junta de bois. No calorão de 1926, a Mirinha com a junta de bois foi tocar o engenho do poço de Espargo de Baixo, enquanto o pai do Abílio, o Angelino, foi regar a Ribeira Grande no lugar das Escavadas.

CONTINUA

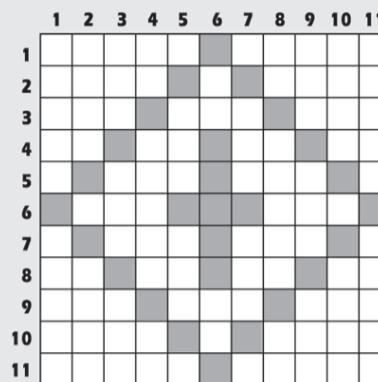
Manuel Felix Igrejas

Feira Agrícola do Vale do Mouro vai-se impondo



PASSATEMPOS

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1. Polir, Ocultar; 2. Rezar, poltrona; 3. Óxido de cálcio, numeral, chefe etíope; 4. Atmosfera, pilar, aparência; 6. Obeservar, adj. Possessivo; 7. Morada, pesar; 8. Preposição, batráquio, caminhar, símbolo químico de amerício; 9. Tempero, Astro, círculo; 10. Lçar, erguer; 11. Pouco vulgares, ave de rapina.

Verticais: 1. Para arrendamento, mágoa; 2. Irritar, caixa madeira; 3. Moléstia, doçura, morada; 4. Atmosfera, ficar imóvel, batráquio; 5. Doçura, chefe etíope; 6. Nota musical, símbolo químico do ósmio; 7. Família, numeral; 8. Campeão, Versejar, caminhar; 9. Compreender, doçura, morcão queijo; 10. Levantar, sulcar a terra; 11. Nivelar, Fruto silvestre.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra em qualquer direcção a expressão "Ser tolerante e paciente com aqueles que nos rodeiam".



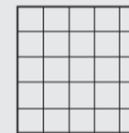
CHARADAS

Combinadas

- ___ + DO =
- ___ + LE =
- ___ + ME =
- ___ + RO =

Conceito: Instrumento Musical

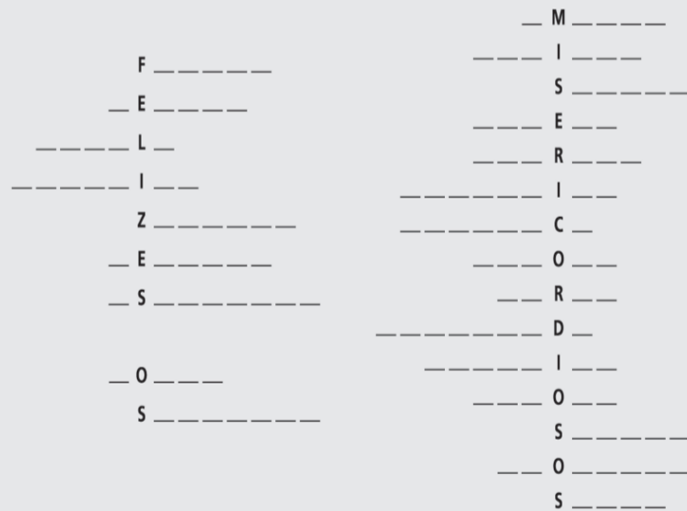
Quadrado



- = Ganir
- = Pequena ala
- = Natural Itália
- = Saliência extrema da mão
- = pouco vulgares

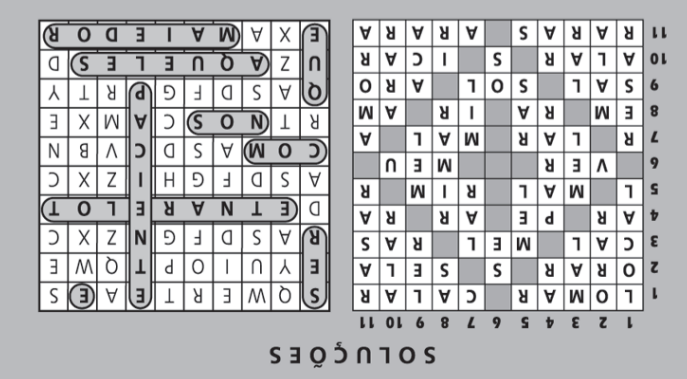
PROBLEMA

Nos tracejados indica nomes de mulheres



Colaboração: Alcídio Silva Figueiredo

PROBLEMA
 Fátima - Teresa - Camila - Angelina - Zulmira - Celeste - Esmaralda
 Joana - Soledade
 Amélia - Matilde - Susana - Alberta - Angélica - Mimososa - Mariana
 Esmaralda - Joaquina - Salomé - Silva - Clotilde - Sofia



SOLUÇÕES

A "História" Repete-Se!

No tempo do fascismo, contava-se uma história em que numa tomada de posse de ministros, alguém ao felicitar um dos empossados nessa nomeação para esse alto cargo da nação, ao dar-lhe os parabéns para a sua nomeação para um ministério, teria recebido como resposta do empossado algo como isto: "Não me dê os parabéns agora, pois quando sair de ministro, então sim, podes dar-me os verdadeiros parabéns!"

E, tudo isso, se resumia a que depois de deixar as suas funções ministeriais, era nomeado para o conselho de administração do Banco de Portugal, da Caixa Geral de Depósitos, alguma Hidroeléctrica, ou então para grandes empresas que tinham o controle do Estado, ou afins.

Era assim que se premiava o empenhamento dos servidores do Estado, com belas recompensas, de modo também a acautelar os monopólios instalados.

Essa prática "deixou Escola", mesmo no pós 25 de Abril, atingindo nos últimos anos casos verdadeiramente escandalosos, pelos mais variados governos que nos têm governado, numa clara forma de abusarem dos dinheiros do erário público.

Esta prática condenável, abusiva e sem o mínimo sentido de ética, tem sido praticada por todos os partidos políticos sem excepção, com representação parlamentar na AR, pois se partidos da direita e do centro, arreganham as unhas para os bancos e grandes empresas, também elementos de esquerda se eternizam como delegados sindicais ou elementos da "classe dos trabalhadores", beneficiando de licenças e mordomias para acautelar as conquistas de Abril. A prova disso, foi a recente luta das 35 horas

de trabalho semanais, quer para os privados quer para o público, numa clara prova de que querem que o país vá prá-frente! Gostaria de referir que algumas profissões, quer pelo seu alto sentido de responsabilidade, quer pelo desgaste, é de inteira justiça que possam beneficiar dessa regalia.

As recentes notícias vindas a público, com "a tralhada" do Banif é um caso flagrante. Senão vejamos: depois do Estado ter injectado milhões para tentar equilibrar o banco, parece que ninguém se preocupou em saber, para onde teria ido o dinheiro, a começar pelo Banco de Portugal, assim como outras entidades reguladoras, acabando agora por se acusarem uns aos outros. Depois foi a notícia, ainda não devidamente esclarecida a anunciar a grave situação do mesmo, com a corrida dos depositantes a levantarem o seu dinheiro, o que é a situação mais temida por qualquer banco, levando-o à falência. A seguir, foi a venda ao Santander-Totta, que alguns economistas e políticos, dizem terem sido ordens de Bruxelas; a par disso há notícias na imprensa que outras entidades financeiras, poderiam ter comprado o banco por um valor mais alto. Depois, é o "folhetim" Maria Luis Albuquerque, convidada a trabalhar para a....., empresa essa que comprou os créditos mal-parados do banco, acumulando esse trabalho com as funções de deputada pelo PSD, na AR, numa clara demonstração de falta de ética. E, tudo isto, com o aval do líder do seu partido, o que acaba por ficarem ambos mal no fotografia.

Para que servem as inúmeras comissões parlamentares que tratam de averiguar em sede própria (AR) todas estas discrepâncias vergonhosas, se depois nada

acontece. Serviram apenas para justificar a presença dos deputados presentes nessas comissões?

Para quando o resultado da comissão dos Estaleiros de Viana, e do destino do "Atlântida" cuja venda, segundo dados vindos a público, parece ter sido um negócio das arábias, para alguns, enquanto ninguém se incomodou com a recusa, apresentada pelo governo dos Açores na altura que tinha encomendado o barco, tinha razão de ser ou não; não ficará nunca esclarecida essa renúncia. Assim, os verdadeiros responsáveis ficarão ilibados dessa decisão. Para além disso, parece ter caído no esquecimento o diferendo entre a eurodeputada Ana Gomes, do Partido Socialista, e o Ministro da Defesa na altura, Aguiar Branco, em que a deputada acusava o ministro de interesses com a grupo Martifer que adquiriu os estaleiros. Por que razão, existe este estranho silêncio?

Tudo isto que relato vem a propósito da recente nomeação de António Vitorino e de Teixeira dos Santos, ambos antigos ministros de governos socialistas, para as administrações de dois bancos: o primeiro para o Santander-Totta e o segundo para o BIC de Angola, substituindo Mira Amaral.

É no fundo, a política no seu melhor, com jogos de interesses inconfessáveis, talvez quem sabe para silenciar, mais algum tempo o silêncio de quem teve em governos anteriores sérias responsabilidades na condução deste país, cada vez mais, mais emaranhado em escândalos financeiros.

Aguardemos, os próximos capítulos.

*António Jorge Tavares
Jornalista*

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).

GAZETILHA

Sejamos educados... Haja educação

Tempo que vai e não volta!

Não volta?!...

Volta, volta!

– A Educação foi-se!...

O Respeito eclipsou-se!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– A Cultura evaporou-se!...

A Civilidade volatizou-se!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– O Ensino em casa estragou-se!...

O Ensino na escola entrou em ebulição!

Voltará?!...

Volta, volta!

– O Professor humilharam-no!...

O aluno ficou refilão e ameaçador!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– A Juventude desorientou-se!...

A Mocidade perdeu-se!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– Os Reformados sofrem com pouco!...

Os Pensionistas apertam o cinto!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– A Saúde anda doente!...

Os Médicos num "badanal" e os Enfermeiros sempre em frente!

Voltarão?!...

Voltam, voltam!

– Voltam para que:

Haja boa Educação!

Muito Respeito!

– **Para que voltem:**

A Cultura

A Civilidade

O Bom Ensino

A Excelente Aprendizagem!

– Haja Educação

Haja Respeito

Haja AMOR:

No Ensino

Na Saúde

No Trabalho!

– Haja Educação

Volte o Respeito

Ao Professor

Ao Aluno

Ao Médico

Ao Enfermeiro!

Sejamos Educados

Respeitadores

e teremos um Portugal onde a Fé e a Esperança prevalecerão.

– **Haja Saúde e Justiça!**

– **Haja Educação.**

Haja Respeito!

Haja Trabalho.

Haja AMOR!

– **E teremos um Portugal Próspero!**

Álvaro Carvalho

Os nossos assinantes amigos

Carlos Manuel Esteves, de Braga, pagou 5 anos, até 2019, como amigo. Sara de Jesus Gonçalves, de Braga, pagou já 2017, como o fez com generosidade o prezado assinante e amigo António Dias, de França, pagando já adiantado o ano de 2018! Também o Agostinho Penteadado Neiva, de Esposende, pagou já 2017. Também Maria Amélia Enes Alves pagou já 2017. O mesmo fez Pereira Alberto António, de França. E ainda pagaram já 2017: Fernando Caldas, de Penso e Vasco Joaquim de Oliveira, de São Paio. A. Varajão, do Canadá, foi mais longe e pagou já 2018. Houve ainda alguns com anos em atraso que puseram a assinatura em dia, o que vivamente agradecemos.

Nós dependemos da colaboração e cooperação dos nossos prezados assinantes. Por isso procuramos incluir em todas as edições este lembrete para que as pessoas vençam a inércia, vejam a indicação que vai na folhinha com a direcção e procurem ter a assinatura em dia. Fazer isso é também uma boa prenda porque, além da indispensável ajuda económica, evitam outros gastos de tempo e de correios para lembrar mais pessoalmente e solicitar o pagamento.

Aqui fica o nosso agradecimento aos cumpridores e sobretudo aos que se adiantam, e a lembrança amiga aos que se atrasam para que ponham em dia a assinatura.

A Voz de Melgaço, Eu e os outros

– “O Senhor Arcipreste, padre Carlos Vaz, está lançando um novo jornal aqui na terra e pediu-me para ser o correspondente na vila. Não sei o que escrever. Pode ajudar-me?” – Era meados de Maio de 1946. O Sr. Padre Justino, pároco de vila de Melgaço confabulava com seu secretário ad-hoc, o Manuel do Augusto de Félix, o alfaiate e sacristão da paróquia. O rapaz, nos seus dezassete anos estava numa espécie de interregno existencial, sem saber que rumo tomaria sua vida. É que, aos doze anos foi acometido de tuberculose debeleda milagrosamente ao final de dois anos, porém, segundo os responsos dos familiares aos pseudos excessos físicos, definidos pelo irmão Augusto: “tu és como um prato estalado numa prateleira, se mexer muito quebra”. O Dr. Sá, médico municipal que o cuidara, recomendou à família que a profissão de alfaiate que fora ensinada aos irmãos, não convinha ao rapaz por exigir uma posição exagerada sobre o peito, seria bom um trabalho ao ar livre na lavoura. Então, para fazer alguma coisa além de rabiscar os seus desenhos e pinturas, arte com que o Criador o brindara, ajudava o padre Justino fazendo-lhe os assentos de batizados e casamentos. Também era membro do núcleo da Juventude Católica que o senhor padre Justino instituíra, no cargo de presidente. “– Senhor padre Justino, podemos escrever sobre o incêndio da casa agrícola do senhor Gasparinho, de Galvão”. E foi essa a primeira colaboração do Manuel no primeiro número do novo jornal, A Voz de Melgaço. No após a segunda guerra mundial, o única jornal da terra, Notícias de Melgaço, tinha-se estagnado, sem despertar interesse, sem conteúdo e sem assinantes. O Sr. Padre Carlos Vaz, recém colocado em Melgaço na freguesia de Rouças dinâmico, empreendedor com enorme vontade de fazer progredir Melgaço, com a colaboração de seus irmãos, Srs. padre Júlio e António, fundou um novo jornal para pugnar pelos interesses da terra e sobretudo congregasse a população que começava a dispersar-se pelo estrangeiro. Além de solicitar a colaboração de seus colegas párocos, teve a colaboração do professor Dámaso, de Paços, que

nas suas crónicas “Gri-Gri-Gri” abordava os desmandos das autoridades e membros destacados da sociedade que muita celeuma despertava. Também o Reinales escrevia sobre os casos acontecidos. Tempos depois contou com a preciosa colaboração, por muito tempo, do Aldemar que usava o pseudónimo de Mário, em suas Efemérides.

Eu fiz um relato da caravana que o Sr. Padre Justino organizou para ir a Fátima, naquele famoso ano de 1946 quando o país inteiro se mobilizou para agradecer à Virgem Santíssima por Portugal não se ter envolvido no conflito mundial. Essa crónica foi transcrita no jornal Diário do Minho. Da caravana a Fátima, entre outras pessoas, senhoras da vila e homens doutras freguesias, constavam alguns rapazes da Juventude Católica da Vila, entre eles eu, o Zéca Pires, o João do Hilário Reis. A peregrinação foi um tanto penosa por ter chovido muito. O recinto, ainda Cova, era lama só. Os albergues estavam lotados ou impraticáveis. A duras penas o Sr. Padre Carlos, que comandava a caravana, conseguiu uma sala em casa particular para pernoitarmos. Quando da comunhão, para me ajoelhar e poupar as calças, coloquei no chão uma boina novinha que o meu pai me emprestara com a recomendação de a não estragar, e ajoelhei em cima. Quando me levantei a boina ficou embutida na lama que virara barro. O resmungo do meu pai foi num caso à parte.

Do rescaldo benéfico, salutar, reconfortante e santificador, foi o seguinte: Uma equipe de reportagem filmou todo o desenrolar da peregrinação, nós não demos conta do facto por tanta gente que superlotava toda a região de Fátima. Aconteceu que, no cinema que o Papá Pires exhibia semanalmente no salão Pelicano, numa sessão meses depois, como de uso, antes do filme passava um documentário a que chamávamos de jornal. Qual não foi a nossa admiração ao vermos, eu Manuel e o Zéca Pires, aparecendo na reportagem de Fátima, filmada, em destaque entre o imenso público. Para ficarmos com a lembrança, o Néca Pires que era quem rebobinava as fitas, localizou o trecho onde nós aparecíamos e cortou

vários quadradinhos da película. Ainda há poucos anos encontrei um dos quadradinhos que o Néca me entregara. Pois o novo jornal melgacense de pronto angariou desafetos, não tanto pelo conteúdo mais pela propriedade.

A diminuta classe dita intelectual da vila de Melgaço, tinha velada animosidade à família Vaz. O padre Carlos Vaz dia a dia vinha impondo-se pelo seu dinamismo e génio realizador. Sua capacidade de diálogo conseguia das autoridades governamentais os benefícios que ele sugeria para a gente da sua terra. Isso causava inveja aos ditos intelectuais que se intitulavam democratas avessos ao regime que vigorava em Portugal. Pois bem, apesar de tudo o novo jornal foi-se firmando sobrepujando aquele existente e outros tentaram surgir com o propósito de desbancar o jornal dos Vaz, como diziam.

O tempo rolou e os desafetos definharam. O padre Carlos acudia a tudo que elevasse Melgaço. Houve um lapso de tempo que o marasmo, por falta de quem espicaçasse, se apoderou do jornal. O seu aspecto gráfico chegando ao ponto de parecer um folheto mimiografado. Nessa altura, eu que o lia do meu sogro Humberto, primeiro, e depois o que eu assinava, me levou a grande desânimo com tal situação. Cheguei a sentir uma espécie de revolta, porém, considerando, ao invés de escrever aos responsáveis reclamando, prontifiquei-me a colaborar no que pudesse. Para tal, escrevi ao Sr. Padre Júlio contando do conagraçamento dos conterrâneos residentes no Rio de Janeiro, em banquete de confraternização. Acolheu a ideia e publicou a minha carta. Então, a partir daí quinzenalmente enviava-lhe o relato do que os melgacenses faziam nesta terra. Desde 1989 até hoje orgulho-me de ter colaborado a só erguer o arauto da nossa terra. Após o Sr. Padre Júlio, assumiu a direção do jornal o padre Dr. Carlos Nuno e a expansão do jornal tornou-se uma incrível realidade.

Seu conteúdo e aspecto gráfico colocou-o no píncaro da imprensa regional de Portugal.

Campinas, Maio de 2016
M. Igrejas

66.º Artigo Sugestões de uso do mel – produtos de beleza e remédios

Tratamentos de beleza

1. Condicionador de unhas - Misture 2 colheres de chá de mel espesso, 2 de azeite extra-virgem e 1 gota de óleo essencial de limão ou laranja amarga. Massage com esta mistura as cutículas e deixe atuar por 20 minutos, depois lave.
2. Leite de banho - Adicione 4 colheres de chá de mel fluido, 5 ou 6 gotas de óleo essencial de laranja amarga, rosa ou ylang-ylang na água do banho.
3. Máscara facial
Aplique qualquer uma destas máscaras no rosto e relaxe por 30 minutos, antes de lavar com água morna:
 - pele normal: misture 2 colheres de sopa de mel com 1 de azeite extra-virgem, uma gema de ovo e uma mão cheia de farinha de aveia finamente moída.
 - pele seca: misture 2 colheres de sopa de mel com 1 colher de azeite extra-virgem, 2 gemas e 1 banana esmagada.
 - pele oleosa: misture 2 colheres de sopa de mel com 2 claras de ovo batidas, 1 colher de sopa de sumo de limão e uma mão cheia de farinha de aveia finamente moída.
4. Esfoliante
Esfregue uma destas duas misturas na pele, depois passe por água morna:
 - pele normal ou oleosa: misture 1 colher de sopa de mel com 2 de amêndoas moídas e uma colher de chá de sumo de limão.
 - pele seca: misture 1 colher de sopa de mel com 2 de sal grosso marinho e 1 de azeite.
5. Condicionador do cabelo
Misture 2-3 colheres de chá de mel líquido em 5 chávenas de chá de água. Para destacar a cor do cabelo adicione 1 colher de chá de sumo de limão para cabelo louro ou 1 de vinagre para cabelo escuro. Aplique no cabelo depois de lavado. Não precisa passar por água e não deixa o cabelo pegajoso.
6. Produto para limpeza facial
Dissolva 1 colher de chá de mel fluido em 4 colheres de sopa de água morna (ou leite). Depois esfregue suavemente na sua pele e passe por água.
7. Tonificante
Descasque e reduza a puré 5 cm de pepino e misture com 1 colher de chá de mel fluido. Aplique na pele, deixe atuar por 5 minutos e passe por água fria.

Remédios naturais

- Estas sugestões não devem substituir nenhum diagnóstico, nem terapia, recomendados pelo médico.
8. Acne: aplique mel 3 vezes por dia para matar as bactérias e secar o pus.
 9. Anemia: coma uma colher de chá de mel 3 vezes por dia. Idealmente escolha mel escuro pois é mais rico em ferro.
 10. Artrite: coma uma colher de chá, 3 vezes por dia, incluindo uma colher na última hora antes de se deitar. Massage mel nas articulações dolorosas - o mel antes de dormir pode desencorajar inflamação e ajudar a proteger o colagénio das articulações.
 11. Constipações: consuma 1 ou 2 colheres de chá de mel por dia. Também gargareje com uma colher de chá de mel em meio copo de água morna, pois o mel amacia e tem propriedades anti-inflamatórias e antimicrobianas.
 12. Obstipação: consuma 1 colher de chá de mel 3 vezes por dia. O mel torna as fezes mais moles e portanto mais fáceis de excretar. A acetilcolina que possui também estimula os movimentos peristálticos.
 13. Tosse: tome 1 ou 2 colheres de chá de mel 3 vezes por dia. As propriedades antimicrobianas, anti-inflamatórias e antioxidantes do mel podem ajudar a soltar as mucosidades. Além disso o mel é seguro, enquanto alguns medicamentos, têm efeitos secundários.
 14. Eczema: aplique na pele creme à base de mel e consuma 1 colher de chá de mel 3 vezes por dia.
 15. Fadiga: consumir mel antes, durante de depois de exercício aeróbico redu-la dado que os seus hidratos de carbono, minerais e vitaminas ajudam a recuperar.
 16. Infecções fúngicas: aplique mel 2 vezes por dia, cobrindo com um tecido.
 17. Gengivite e perda de dentes: esfregue mel altamente antioxidante nas gengivas inflamadas 3 vezes por dia. Coma 1 colher de sopa de mel, altamente antimicrobiano, 3 vezes por dia.
 18. Ressaca: consuma 1 colher de sopa de mel depois de beber álcool – a frutose do mel acelera a quebra da molécula do álcool, por parte do fígado.
 19. Infecção: coma 1 ou 2 colheres de sopa de mel, altamente antimicrobiano, 3 vezes por dia – o mel ajuda a prevenir infeções e reduz a severidade e extensão de constipações.
 20. Obesidade: substitua todo o açúcar da sua dieta por mel, este é mais doce, assim, usará menos.

Ana Cristina Costa

Os "Mãos Leves"



Nos últimos tempos, a actividade dos carteiristas tem sido notícia. Já não é só pela actividade que desenvolvem na chamada linha do eléctrico "28" na capital, muito frequentada pelos "mãos leves", mas pelo facto de uma velha senhora, ter roubado um porta-moedas, no último cortejo das "Queima das Fitas", na cidade do Porto, acontecimento este largamente noticiado por alguns órgãos de informação e canais de televisão.

Devo desde já afirmar que acho condenável, esta actividade dos amigos do alheio. Existia contudo no passado um código de honra pelos "mãos leves" (não sei se ainda é usado), por estes verdadeiros artistas, que conseguiam retirar dos bolsos das suas vítimas as carteiras: carteira fora do bolso, e depois de tiradas as notas, a mesma, era deixada num marco de correio, para que a vítima, pudesse ser contactada e desse modo ter a esperança de recuperar pelo menos os documentos que estivessem na mesma, evitando-lhe todo "um calvário" de burocracias para reaver os documentos.

Faço esta crónica, atendendo ao facto das recentes tristes notícias que certa comunicação social e algumas televisões, fizeram do triste caso de uma mulher, com 85 anos, mais conhecida por Quina, ter roubado um porta-moedas a uma senhora que assistia ao cortejo da Queima das Fitas, na cidade do Porto, no que era desde já reincidente. Refira-se que esta idosa, era referenciada pela polícia, pois não era a primeira vez que exercia a sua actividade como carteirista, tendo no seu cadastro várias condenações pelo mesmo motivo, e claro está nesse dia estava debaixo de olho pelos diligentes polícias à paisana.

Como atenuante para si, é a referência de que vive num pequeno apartamento em Ermesinde com dois netos, auferindo uma parca reforma de 300 euros, não sabendo ler nem escrever, como noticiou certo jornal diário.

É triste este caso, assim como o facto de a lesada, não ter perdoado à Quina, o que tinha acontecido no ano anterior, no cortejo da Queima.

Apanhou, cinco meses de prisão, com um ano de pena suspensa, apesar de ter negado no tribunal os factos. Saiu do tribunal, foi tratada para os jornais, e acompanhada por repórteres da televisão, numa clara manifestação de bem informar o público, sem olhar a meios. Triste de ver estes novos métodos de reportagem ávidos de sensacionalismo, sem qualquer pudor pela privacidade e avançada idade da pessoa em causa.

Já agora, aquando de uma visita à capital do império, não resisti a fotografar o aviso colocado num eléctrico da linha "28", linha essa muito procurada pelos turistas na baixa pombalina, com um aviso de "Cuidado com os carteiristas!", aviso que em francês ou inglês essa actividade tem o mesmo significado: "Pickpockets!" Tive, infelizmente oportunidade de ver como dois diligentes agentes à paisana, sovaram um jovem, só porque seguia no referido eléctrico e era suspeito.

Como contraste, o pequeno furto, acaba por ter contornos bem mais desagradáveis para devassa da vida de uma pessoa, com o julgamento célere num tribunal de pequenos delitos, sem apelo nem agravo; outros roubos, se forem de milhões, envolvendo políticos, banqueiros e outros VIP(s), acabam por se arrastarem eternamente nos gabinetes dos tribunais, com adiamentos em cima de adiamentos, já que diligentes escritórios de advogados, são exímios em conseguirem protelar a decisão final, acabando por prescreverem. É, assim a nossa justiça.

Não resisto a confirmar o que acabo de escrever, referindo o caso do BPN, onde dois títulos no caderno de Economia do semanário "Expresso", da semana passada (28.Mai.2016), dão conta do seguinte: "Sentença do processo BPN empurrada para 2017", e "65 meses depois ainda não há condenados".

É o Portugal no seu melhor!

*António Jorge Tavares, Jornalista
(o autor escreve de acordo com
a antiga ortografia).*

Uma data singular: 70 anos de vida

Quando sonharam o jornal, em finais de 1945, dificilmente os seus principais obreiros: padres Carlos, António e Júlio Vaz, mais o Dr. Júlio Outeiro Esteves, imaginaram que ele se mantivesse vivo durante 7 décadas. Com o auxílio de Deus e Santa Rita, ele aí está, renovado e fresco como se estivesse em plena pujança de juventude. E também os 4, já em Deus, de certeza que intercedem para que o que é também e sobretudo obra de Deus, possa continuar. E muitos outros amigos que já partiram farão o mesmo, pois queriam ao jornal como se fosse uma pequena jóia de família. A todos lembraremos na eucaristia deste dia na Senhora-a-Branca.

Neste 1 de Junho celebramos também o prematuro falecimento do padre Carlos em 1972, precisamente quando o jornal fazia bodas de prata. Já celebramos os 40, os cinquenta e os sessenta. Com esta edição celebramos os 70 anos. Revisitando os jornais dos primórdios e todos os outros que foram publicados, damos-nos conta da importância de um jornal numa terra. E se o passado é memória do futuro, muito têm a aprender com a história deste jornal todos quantos quiserem pensar num Melgaço próspero, justo, equitativo e dinâmico. Esse será o nosso maior e melhor legado. Uma vez impresso, o jornal já não nos pertence. É dos leitores e dos curiosos que o quiserem ler e

estudar. Mas está aí como um dos mais ricos patrimónios imateriais do nosso concelho.

São vários os colaboradores e amigos que hoje dão o seu testemunho sobre os 70 anos. A todos eles um sincero e sentido obrigado. Permitam-me citar parte da carta que o advogado Nuno Santa Maria Pascoal, de Lisboa, que tive o prazer de conhecer em Fátima há 5 anos, e que compôs um belo soneto para esta efeméride, que publicamos em primeira página, me escreveu a acompanhar o texto: «Hoje, também fiz um soneto «em louvor e Parabéns ao jornal 'A Voz de Melgaço' que superiormente dirige. Não podia deixar de o fazer, porquanto o que nele afirmo me saiu do coração».

Ao ilustre Director e sua distinta e nobre família auguro todas as felicidades e um longo porvir para luzimento de tão magnífico jornal e magnífica região do Alto Minho».

Estas palavras bem como todas as outras que também publicamos nesta edição são uma das melhores prendas de aniversário que nos poderiam dar. Obrigado a todos.

Enquanto tivermos vida e saúde, com a ajuda de Deus e todos os nossos amigos, procuraremos manter vivo esta órgão de comunicação da nossa terra, carta mensal que chega aos 4 cantos do mundo onde um melgacense

ou simplesmente amigo da nossa terra o recebem.

É maravilhoso pensar que entramos no ano que nos vai levar até bem próximo do centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima. Feliz coincidência ainda que o mais antigo colaborador vivo do jornal, o Manuel Félix Igrejas, há muitos anos a residir no Brasil, tenha escrito um texto que saiu em 15 de Junho de 1946 onde relata a ida de uma embaixada de jovens de Melgaço a Fátima. Ele mesmo recorda essa primeira colaboração no segundo número do jornal. A ele, hoje a residir em Campinas, desejamos saúde e força para levar a cruz que tem consigo e que tão cristamente procura beijar com carinho e unção, acompanhando sua debilitada e mui querida esposa, contando com a ajuda da filha e da neta Ana que, por email, nos transmite notícias dele e nos envia os seus sempre apreciados textos.

Como remate a este texto, citarei a frase final da apresentação que o padre Júlio Vaz, director do jornal mais de 60 anos, escreveu e que assumimos como nossa: «Numa saudação toda nossa, da boa gente da nossa terra, enviamos-te, querida Voz de Melgaço a todos os lares com as palavras da felicidade: 'Vai com Deus' e traz-nos da nossa gente, a abençoada frase 'Fique com Deus'».

Carlos Nuno

Muito cuidado com os que andam pelas portas pedindo coisas velhas! Assim roubaram todos os presuntos à Leonor Esteves, de Cubalhão!

Primeiro passaram a perguntar se tinha algumas coisas velhas de que se quisesse desfazer. E ela deu várias velharias que não lhe interessavam. Depois pediram se lhes vendia 3 chouriças. Ela disse que sim e foi à dependência onde afuma as carnes buscar as ditas para lhes vender. Mas eles subiram com ela e viram o local. Pagaram as chouriças e mais um pernil e foram-se embora. Na manhã do dia 26, dia do Corpo de Deus, estavam a Leonor e seu Marido Duarte a preparar-se para seguir para Parada do Monte para uma comunhão e apareceu a GNR a perguntar se não tinham dado pela falta de nada. Respon-

deram que não, porque, de facto, não tinham ido nessa manhã à tal dependência onde afumam os presuntos e chouriças. Eis que o guarda tira da carrinha um presunto e pergunta: «Este presunto será dos seus?». - Claro que é, respondeu ela. Foi então á referida dependência e verificou que tinham roubado todo o fumeiro que lá tinha, quer o dela mesma, quer o de outras pessoas amigas que lhe pedem para afumar.

Os meliantes tinham feito a operação nessa noite, entre as 4 e as 5 da manhã, entrando por uma janela. Iam para os lados de uma freguesia dos Arcos de Valdevez e, com receio de serem

apanhados, meteram pela estrada das eólicas em Parada do Monte. Por coincidência, a guarda estranhou e mandou parar a carrinha. Dois dos assaltantes fugira, mas o condutor não pôde fugir. Interrogado, confessou tudo. Por isso a guarda pôde ir confirmar a veracidade das informações. Houve denúncia ao tribunal e lá o arguido foi ouvido. Restituiu os presuntos, faltando apenas um.

Para susto, chegou. Fica o sério aviso para todos: muito cuidado com os que andam pelas portas a pedir ferros velhos e outras velharias! Sobretudo, nunca os metam em casa ou lhes mostrem algo que torne apetecível o roubo.

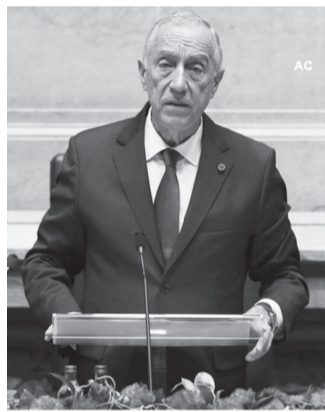
A direita tem de encontrar outro caminho

A comemoração do 25 de Abril, este ano, foi uma cerimónia de grande participação. O novo presidente da república, Marcelo Rebelo de Sousa, disse: "a direita tem de



CAPITÃO SALGUEIRO MAIA

encontrar outro caminho. Não podemos andar em campanhas eleitorais permanentes, pois os ideais democráticos desgastam-se". Na verdade, a direita de Coelho e Portas tem-se mostrado arrogante e soberba; julga-se senhora do poder por direito inquestionável e até divino. Marcelo granjeia cada vez mais simpatias. Está a milhas da atmosfera pesada de Cavaco, Coelho e Portas, que nos furtaram as esperanças, impondo-nos normas que cortavam a respiração social do país. É certo que as imposições da União Europeia são insuportáveis. O Banco Central, a Comissão Europeia e o FMI ditam decisões de grande impunidade e desconhecimento histórico de cada nação, ignorando que cada país não é igual ao outro, pelo que as regras gerais aplicadas a todos têm levado à miséria muita gente. A situação não pode continuar e Marcelo parece não estar disposto a colaborar nesta ideologia que não se coaduna com os princípios da fundação da União Europeia. Há muito tempo que não tínhamos um presidente da república com este estilo. Faz lembrar os antigos presidentes que se misturavam com o povo a fim de o escutar e sentir as suas faltas e necessidades. O Palácio de Belém deixou de ser uma fortaleza para ser um lugar de acolhimento afectuoso e de atenção aos outros. Na cerimónia do 25 de Abril, lá estava Marcelo Rebelo de Sousa, com simpatia e afável, contrastando com Cavaco, que nunca esteve à altura das funções que desempenhou, com o seu ar hirto e desconfortável. Finalmente, Marcelo vai corrigir o erro de Cavaco de não condecorar o capitão Salgueiro Maia, não deixando de o fazer em demasia a outras personagens, algumas, quanto a nós, imerecidas, por feitos irrelevantes, como ao alfaiate da presidência. Já marcou cerimónia para esse efeito para o dia 1 de Julho do corrente ano, no dia em que o herói do 25 de Abril faria 72 anos. Vai ser agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique, a título póstumo. É bom recordar, a quem tem falta de memória, que Salgueiro Maia, já doente, pediu ao PM, na altura Cavaco, para lhe conceder a pensão a que tinha direito, pelos altos serviços prestados à nação e nem lhe deu resposta. Morreu pobre e deixou a viúva na miséria, tendo a filha de emigrar para sobreviver, apesar de ter sido o homem que soube representar a serena coragem do povo para a abertura para a democracia. Foi pena falecer tão cedo pois ainda tinha muito a dar aos portugueses. É bom que a honra da nação seja defendida, sem a subserviência humilhante a que nos quiseram habituar. Portugal é uma das mais antigas nações, que abriu novos mundos ao mundo e o seu povo tem dado provas de ser muito trabalhador e seria uma injustiça muito grande discriminá-lo e reduzi-lo à miséria, com leis e determinações mais próprias de países ricos tirânicos do que de países de igualdade democrática, onde todos possam viver livres e sem diferenças.



Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente República

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Maio 2016

Abílio Francisco Conde

Convívio dos Antigos Alunos do Colégio D. Nuno da Póvoa de Varzim



Como vem sendo habitual, realizou-se no último fim de semana do mês passado, mais um convívio dos ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO D. NUNO DA PÓVOA DE VARZIM. Foram muitos os melgacenses que frequentaram este magnífico colégio. Foi um convívio em cheio. Não podia ter corrido melhor. O programa foi cumprido fielmente. Às 11H00, recepção de boas-vindas aos antigos alunos; 11H30, missa na Igreja Matriz, em sufrágio dos Directores, Professores, Perfeitos, Auxiliares e Alunos, já falecidos; 13H00, almoço no Grande Hotel da Póvoa de Varzim; 15H00, tarde cultural, muito animada, onde os antigos alunos reencontraram todos aqueles que fizeram parte da sua adolescência, com quem passaram bons momentos, contando as suas brincadeiras, próprias da idade, entre muitas, a tourada a um porco da pocilga do colégio; o colega Meireles, sobrinho do bispo do Porto, não contente

com a ementa, peixe ao meio dia e ao jantar, uma semana seguida, resolveu abrir a pocilga e soltar o maior porco e com uma faca da cozinha, retirada sem o verem, feriu de morte o animal e depois foi comer rojões durante dias até acabarem; a punição foi severa; um mês dentro do colégio de castigo; os rojões ficaram caros; melhor eram os jesuítas do colega Paulo Moura que os convidava para saborear no Café Recife, acompanhados do famoso vinho Campelo, oferecido por um outro grande colega Isac; falaram das idas a pé à feira das cantarinhas a Vila do Conde, em Maio, meu Deus, muitas boas recordações; visitaram também os espaços de que tinham tantas saudades e reviveram a antiga e sã camaradagem. Os organizadores agradeceram a todos os que os ajudam a tornar estes convívios possíveis. Sem eles, seguramente, não conseguiriam pôr de pé estes encontros. Aos antigos colegas, que de uma for-

ma ou outra, mais ou menos directa, os apoiam, o seu obrigado, em nome dos ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO D. NUNO DA PÓVOA DE VARZIM e não querem que o nome do colégio seja esquecido, mas homenageado pela boa formação que deu a milhares de alunos, na obtenção de diplomas e na educação esmerada que receberam, que hoje sabem reconhecer e louvar. Seguem-se fotos deste evento, que dispensam mais palavras e traduzem a grandeza do convívio. Já ficou agendado novo encontro para breve, porque pretendem uma união permanente de boa amizade entre todos os antigos colegas e que esta fonte de entusiasmo não esmoreça ou acabe para viverem com dignidade e mérito, por saberem respeitar sempre o colégio a que têm honra de pertencer. Obrigado e até ao próximo convívio, se Deus quiser.

Junho 2016

Abílio Francisco Conde

Visita ao Irão

Agosto de 2015

Mashhad, Cidade Santa dos Xiitas

Mashhad era agora o nosso destino, mas a sofreguidão das primeiras cidades ia-se apaziguando. Os 1222 km de distância que a separam de Isfahan, para nordeste, foram passados de avião, e impediram de reter na lembrança a paisagem, ao longo do deserto Dasht-e Kavir. Irremediavelmente levantámos voo do aeroporto internacional às 10.40 h e chegámos pelas 12.10 h.

Os 2 387 000 habitantes contribuem decisivamente para a transformarem na segunda maior Cidade do País, e capital da província de Khorasán. Muito poluída, sem a graça das anteriores. A sua vida gira à volta do Túmulo do Imame Reza. Não é pouco receber anualmente cerca de vinte milhões de peregrinos!

A história de Mashhad está implicitamente ligada ao Imame Reza, oitavo leader dos muçulmanos xiitas, assassinado na aldeia de Sanabad, em 817, e ali sepultado. Ora, desde logo, começaram a chegar aqui os seus seguidores e peregrinos xiitas, os quais a tornaram conhecida como Mashhad ou lugar do martírio.

Ao longo dos tempos, foi crescendo, atingindo o seu apogeu, em 1389, quando Tamerlão a saqueou.

No século XV, Shah Rokh, filho de Tamerlão, apaixonado pela cultura persa, e sua mulher Gohar Shah, adversos à atitude de Tamerlão, alargaram o recinto do Santuário, e chamaram à mesquita principal desse Complexo de edifícios Gohar Shah, a memoriar as suas virtudes.

Na era safávida, o xiismo tornou-se religião oficial do estado, e Mashhad converteu-se no centro espiritual e principal do xiismo do Irão, em 1612, com Abbas I.

Em meados do século XVIII, Nadir Shah, embora sunita, continuou a desenvolver o Complexo, transferindo a capital de Isfahan para Mashhad.

Mas foi no início do período da República Islâmica, 1979, que se erigiram as maiores construções, alargando-se então mais o Complexo. Dele fazem parte o Mausoléu do Imame e a sua cúpula revestida de folha de ouro, bem como o minarete; outros minaretes, mais mesquitas, destas salienta-se a Gohar Shad pela cúpula, grandiosa, de cor azul-turquesa; museus, bibliotecas, salões, escolas corânicas; e grandes

pátios que em conexão fazem um único Complexo.

A sua gestão concentra-se na fundação de caridade ligada aos negócios relacionados com a feitura de carpetes, donativos e venda de sepulturas. Ser aqui inumado implica um gasto avultadíssimo!

Com alguma curiosidade entrámos no recinto envergando o shador, dado pelo guia, no hotel, na noite anterior, para o experimentarmos. A estreia, porém, não foi perfeita, houve necessidade de acertos no modo de o fixarmos na nuca. Falta de prática! Posto isto seguiu-se novo ajuste, dado então pela guia local que nos entregou uma mola para unir as duas partes do shador, junto do pes-

Continua na pág. seguinte



Bazar de Mashhad.



Logótipo do hotel onde pernoitámos, em Mashhad.



Embarque para o voo entre Isfahan e Mashhad.



Vista de Mashhad, à noite.



Túmulo do poeta Ferdusi.



Mausoléu do poeta Ferdusi, em Toos.



Estátua do poeta Ferdusi.

Continuação da pág. anterior

coço. Amavelmente falava inglês, era professora, e trabalhava no Santuário durante as férias.

As pessoas não muçulmanas só circulam no Complexo acompanhadas de guias. Depois, com material adequado e diante de um espelho, foi preciso retirar a maquilhagem. Entretanto procedemos ao check-in. Rigorosamente inspeccionadas, levamos connosco o estritamente necessário. Homens para um lado, mulheres para outro. Se se precisar da área de serviços, a guia vem ao nosso encontro, e reinicia-se outro controlo. Sozinhas, não.

As regras de entrada no local do Mausoléu para os muçulmanos implicam cumprir rigorosamente as abluções que Maomé impôs como preceito. Ora, os não muçulmanos, não estando obrigados a fazê-las, e nem as conhecendo sequer, estão proibidos do acesso.

Ultrapassadas as barreiras, percorríamos um grande pátio do qual passámos a um salão, onde um conjunto de muçulmanos, sentados no chão, ouvia o pregador. Nós ficámos no mesmo espaço, ao lado, sentados em cadeiras a ver um vídeo da história do Complexo. Instantes passados, chegou o pregador, que, junto dos guias, se prontificou a ouvir-nos, caso necessitássemos de esclarecimentos.

A visita ao Complexo não será certamente para repetir. Diz essencialmente respeito à fé dos muçulmanos. Daí que não tivesse havido fruição. Salvou este constrangimento a visita ao Museu das Carpetes, esse, sim, é espantoso, embora o tempo se tivesse esgueirado! Num espaço enormíssimo, moderno, amplo, ali estavam elas, as belíssimas carpetes, com cavalos nas mais vistosas e combinadas cores, representando cenas de épocas recuadas, como as do imperador da Prússia Guilherme II. Pena foi olhar apressadamente peças de arte merecedoras de mais tempo, para melhor as reter.

Toos, a 22 km de Mashhad, cidade antiga da província de Khorasán, e berço de um grande poeta do século X, Ferdusi, e de outras figuras proeminentes da história da Pérsia, esperava a nossa visita. Lá está o Mausoléu do autor do primeiro poema épico, «the Shahnamah», Ferdusi.

No dia seguinte, ao fim da tarde, iniciámos nova viagem aérea até à capital, Teerão.

Após o jantar, no hotel, cruzámos com elementos da equipa técnica portuguesa de Carlos Queirós, que chegara nesse dia para treinar a selecção iraniana. Nestes instantes houve momentos de emoção ao sentirmos o grupo mais alargado ainda que de passagem.

Texto: Maria Nadalete L. Costa

Fotos: Maria Ester Taveira



Associação Social e Cultural "Dona Paterna" | Sede em Lugar da Além | 4960-204 Paderne MLG
NIPC: 506 139 727 | Matriculada no Cartório Notarial de Melgaço sob o nº 64-EI IPSS matriz nº 35/2003

CONVOCATÓRIA

Maria José Gomes Fernandes, presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Social e Cultural "Dona Paterna", nos termos do n.º 1, alínea b), do artigo 27º, dos estatutos, convoca a Assembleia Geral da Associação Social e Cultural "Dona Paterna", a reunir em 1º convocação, em sessão ordinária, no próximo dia 25 de Junho de 2016, pelas 21.00h, na sede desta Associação, no Edifício Escola Primária, Lugar de Além, Paderne MLG, com a seguinte Ordem de trabalhos:

1. Informações da Direção sobre a atividade da instituição nos últimos meses;
2. Apreciação, discussão e aprovação do Relatório de Atividade e Contas do exercício do ano anterior;
3. Outros assuntos.

Não se verificando quórum, a Assembleia reunirá trinta minutos mais tarde, com qualquer número de associados.

Paderne, 25 de Maio de 2016

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Maria José Gomes Fernandes

Feira do Maleteiro traz os usados à praça

Abrem-se baús, mostram-se relíquias e velharias

O desaire das duas primeiras tentativas não demoveram Samuel Silva, mentor da ideia da "Feira do Maleteiro" (originalmente pensada para ser Feira da Bagageira, entretanto alterada por já haver este nome registado) em levar o mercado dos usados para lá da página da internet.

Tentou levar à praça a iniciativa em Dezembro de 2015 e em Janeiro de 2016, mas só em 21 de Fevereiro de 2016 a meteorologia deixou que esta feira explorasse o conceito.

Por sua vez, na rede social Facebook, quando chove a montra pode até correr melhor, por isso Samuel Silva iniciou através da rede social a primeira banca de usados. A página "Segunda Mão – O teu mercado online em Melgaço", abriu portas e incentivo para que o mentor da ideia entendesse que a exposição dos produtos na praça melgacense fosse mais valia e potenciar as vendas e ou trocas.

Da virtualidade, a Feira do Maleteiro migra para o recinto da parada do Quartel dos Bombeiros de Melgaço, que cede o espaço, uma atenção que cada expositor participante reconhece com um donativo monetário a cada feira, que se realiza no terceiro domingo de cada mês.

As próximas edições serão a 19 de Junho, 17 de Julho e 21 de Agosto. Tem entrada gratuita. Caso a meteorologia volte a surpreender os expositores, a feira move-se poucos metros, para a garagem de viaturas do quartel.

Para percebermos como foi aceite este conceito junto dos melgacenses, endereçamos algumas questões a Samuel Silva, que explica também como deve fazer o eventual interessado em dar um fim diferente às "tralhas" que tem em casa, em desuso pelo proprietário, mas que poderão ser bem mais úteis a qualquer outra pessoa.

A Voz de Melgaço (AVM) – Estabelecida que está a periodicidade da feira, há razões e participantes que justifiquem a sua continuidade?

Samuel Silva (SS) – Na primeira edição da feira a 21 de Fevereiro de 2016, estava programado que a mesma só aconteceria entre as 9 horas da manhã e as 13, não estando prevista uma futura edição, sem intenções de continuação. Os expositores presentes, que eram doze, superando as expectativas de participação, decidiram unanimemente pelo alargamento do evento para o dia todo. De imediato foi publicitada a alteração de horário através das redes sociais e no período da tarde apareceram mais



dois expositores. Perante este cenário, decidiu-se pela continuação da realização da feira que aconteceria todos os terceiros Domingos de cada mês entre as 10 horas da manhã e as 18h. A adesão de novos participantes a cada edição da feira justifica toda a continuidade do evento, esperando-se mesmo que durante o período de Verão aumente com vinda de emigrantes, principalmente com os que vem de França gozar as suas férias a Portugal.

AVM – O que precisa um eventual novo interessado em vender nesta iniciativa?

SS – As pessoas interessadas em estarem presentes como expositor/participante na Feira do Maleteiro unicamente precisam de vontade de participar e ter espírito de comerciante. Depois do resto não é nada mais do que juntar "tralha" que esteja a ocupar espaço em casa e mete-la na bagageira do carro.

AVM – Há algum tipo de critério de materiais a expor, ou cada participante pode levar o que entende?

SS – Não existem limitações em relação aos artigos a expor e ou a transacionar. Podem ser dos mais variados formatos e tamanhos. Podem ir desde um simples par de sapatos até uma móvel de sala desde que o consigam transportar para o local. Obrigatoriamente têm que existir artigos na bagageira do automóvel, mas também se pode fazer exposição utilizando uma banca ou em cima de uma manta

no chão. Podem ser artigos novos ou usados, reciclados ou artesanato, de arte ou de moda. Enfim, mil e uma coisas.

AVM – Com o aproximar do Verão, prevê-se aumento da área de expositores/vendedores?

SS – Durante o período de Verão espera-se que aumente a adesão tanto de expositores como de visitantes e consequentemente que aumente também a área de exposição e área da feira. Com a vinda de emigrantes, principalmente de França que vêm gozar as suas férias a Portugal, será de esperar que acontece, porque em França existe uma grande prática de participação em feiras de artigos usados.

AVM – É um bom exemplo de reaproveitamento?

SS – A Feira do Maleteiro é um bom exemplo de iniciativa particular, quando outras tantas iniciativas idênticas ou semelhantes são promovidas por autarquias e outras entidades como associações comerciais ou empresariais, este evento em Melgaço é uma prova de organização popular através de um grupo de pessoas que pretende que haja actividades na sua localidade à semelhança de actividades que acontecem noutras localidades vizinhas. Isto será entendido não como um reaproveitamento, mas sim um aproveitamento da capacidade de iniciativa das pessoas para a realização de eventos que se traduzem numa mais-valia para a identidade de Melgaço, que precisa que aconteçam coisas.

A Caminho da Terra Santa – XXII

Descobrimo o 5º Evangelho - 15 a 25 de Setembro de 1968

A caminho de Haifa por Acre



A viagem que fizemos ao Lago Tiberíades iniciou-se em Haifa e terminou nesta mesma cidade.

Findo o almoço regressamos para as margens do Mediterrâneo através da alta Galileia, cuja paisagem serrana é no entanto, agradável aos olhos porque abunda a vegetação.

A vida nas cidades – algumas de veraneio – é europeia, desde o trajar à vida nos bares.

Descemos para S. João d’Acre.

Apenas para anotação, queremos elucidar que na alta Galileia estivemos em contacto fronteiriço com três países: Jordânia, Síria e Líbano.

Acre tem uns 32.000 habitantes em contraste com Haifa cuja população é de 207.500.

Acre foi um porto de mar muito importante na época fenícia.

Akko-Acre – é já mencionada no Antigo Testamento, e a sua importância, na História Antiga, passa-se de mão em mão do Egipto, da Assíria, da Pérsia, dos Romanos, da Grécia, etc.

S. Paulo esteve em Acre quando da sua última viagem a Jerusalém.

Foi grandemente notabilizada pelos Cruzados que fizeram dela um forte.

E se outras provas não houvesse, lá está a melhor e mais



HAIFA NOS NOSSOS DIAS



FORTALEZA DE SÃO JOÃO DE ACRE



eficiente das provas: a cidade subterrânea dos Cruzados, descoberta há poucos anos.

É majestosa, duma arquitectura imponente, e tamanho grandioso.

Visitamos o lindo Museu Municipal.

Terminadas estas duas visitas – cidade dos Cruzados – e o Museu – seguimos para Haifa, através da estrada bela do litoral, bordejando a linda baía de Haifa, ao longo da qual se encontram as refinarias de petróleo, fundições, indústria de vidro, indústrias têxteis, indústrias de fertilizantes e de automóveis.

A noite cai sobre Haifa, e tomamos a direcção do hotel, instalado numa das zonas residenciais da encosta sobranceira ao monte Carmelo, que visitaremos na manhã do dia seguinte.

Agora a viagem far-se-á na zona costeira, frente ao Mediterrâneo, de águas sossegadas.

No hotel vamos revendo os dias já passados em Israel, e ao nosso espírito surgem lembranças como esta: os Judeus que se

consideram os descendentes de Abraão a quem chamam “o nosso Pai Abraão” e os Árabes, que se têm, também, como descendentes de Abraão por Ismael.

E comportam-se como irmãos inimigos.

Afora o Líbano – oásis de paz e ponte de ligação entre a Europa e a Ásia – Israel está cercado de Árabes e tem-nos no seu próprio seio.

Há, no entanto, uma grande distância entre Judeus e Árabes.

Sendo rácicos, uns e outros, havendo em cada raça graus diferentes, os árabes vivem pobremente e os judeus são ricos.

Bem sabemos que Israel, para já, é uma quinta abastada dos judeus Norte-Americanos, e dos próprios Estados Unidos.

O surto económico que se vê por toda a parte deve-se aos marcos alemães que a República Federal pagou como compensação dos milhões de Judeus mortos pelos nazis.

Os Norte-Americanos absorvem a produção industrial que é a primeira fonte de receita, seguida

das exportações de citrinos e do turismo.

Julgo que as somas de cada uma destas fontes de receita são respectivamente: 160, 80 e 70 milhões de dólares.

Os técnicos afirmam que os investimentos feitos não dão a devida rentabilidade o que leva os mesmos técnicos a considerarem Israel uma quinta de luxo dos Norte-Americanos.

Não nos escapou, porém, uma nota característica dos judeus de Israel: a ânsia de se imporem.

A ânsia de grandeza rácica expressavam-na no calor com que batiam nos nazis por causa do massacre dos judeus, e no entusiasmo que punham ao falar da “guerra dos seis dias”.

O próprio chauffer e o guia não escondiam a sobrançeria, que lhes advinha da raça, e que o condutor revelava num facies permanente irónico e antipático, apesar de não falar.

Um sinal bem claro desta “altura” rácica julgo vê-la na audiência que o general Dean concedeu à excursionista D.

Margarida Ribeiro, sentando-se o chauffer que a conduziu ao lado do ministro...

Perpassam-nos pela mente nessa última noite que passamos em Haifa estas notas, que se vão colhendo quando desejamos ver o ambiente e conhecê-lo.

Verificamos, sem dúvida que o árabe que vive com o judeu em Israel há 30 anos (há quase 80, hoje) é diferente na vida económica e social do árabe que é refugiado ou foi incorporado no Estado de Israel pela “guerra dos seis dias”.

Mas também notamos que enquanto o Judeu se dedica ao comércio, o árabe abre ou alarga as estradas, mesmo as do deserto...

O Judeu encontrou a sua Pátria, e está consciente da grandeza da sua raça pela grandeza da sua história: todos os judeus festejavam o *ano novo* deles no dia 23 de Setembro e falavam com orgulho e sobrançeria da sua idade, que soma 5729 anos!...

28 de Outubro de 1968
in “Diário do Minho”